MC
930
FON
FON
ANNO XXV — N.° 38
Rio, 13 de Setembro de 1931

DÔR?
GUARAINA

Se V. S. soffre noite e dia de dores rheumaticas, ou se apenas sente os primeiros symptomas de dores que podem ser causadas por desordens nos rins, inicie HOJE MESMO este tratamento.

UM UNICO REMEDIO PARA

DORES MUSCULARES

OFFERTA GRATIS DE EXPERIENCIA DE UM TRATAMENTO COM 40 ANNOS DE EXISTENCIA!

"Essas terriveis dores nos musculos e nas juntas, podem revelar desordens nos rins."

Diz-se, não sem fundamento, que o rheumatismo é a tragedia da vida moderna. Os que deixam passar por alto os seus primeiros symptomas, podem chegar a verem-se impossibilitados de se dedicarem ás suas tarefas ou distracções predilectas e até prostados na cama. As crianças tambem padecem de rheumatismo com frequencia.

O DESCUIDO DE SUA SAUDE, PODE TER GRAVES CONSEQUENCIAS

Se V. S. se descuida do que tem toda a apparencia de ser symptomas de rheumatismo, como seja a inchação das juntas, pontadas, dores agudas ao longo das pernas e dos braços ou nas cadeiras, talvez esteja em caminho de perder sua saúde. Portanto, quando insistimos com V. S. a experimentar em sua casa ou durante suas occupações, o que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga podem fazer-lhe, fazemol-o com a maxima confiança.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Srs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M). Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

A ANGUSTIOSA AVENTURA DO DOUTOR LAVAL

DE J. C. NOGUEIRA RIBEIRO

— É como lhe digo, doutor... Desejaria conhecer o futuro e saber o dia de minha morte. Esperal-a-ia calmamente, póde crer-me...

— Si me perdôa, madame, dir-lhe-ei que é insensatez de sua parte. A senhora não póde imaginar até onde vae o horror de se esperar a morte, sabendo-se ao certo como e quando ella ha de vir. Ha muito tempo eu passei por uma aventura dessa especie, e ainda hoje tremo ao recordál-a... Por Deus, madame: deseje ignorar sempre, como ignora, o seu futuro!

No pequeno grupo de pessôas que, ao pé da lareira, conversavam naquella fria noite de julho, correu um fremito de curiosidade. Alli estavam, além do doutor Pedro Laval, sabio cirurgião e acatado professor, o industrial Sylvio Gomes, sua esposa, sua filha Celene e o noivo desta, joven advogado de largo renome. E todos, mais ou menos, melhor ou peor, sabiam que, na vida do eminente operador, havia um episodio que elle amava não recordar, e que varias vezes havia se negado a contar a outros amigos.

Foi, pois, com certo constrangimento, que madame Gomes solicitou:

— Uma aventura, doutor? E não quererá o senhor nól-a contar, para que, pelo exemplo, eu aprenda a bemdizer nossa ignorancia acerca do porvir?

— Si desejam ouvil-a...

— Desejamos, doutor, desejamos! — pediu Celene. — Eu, sobretudo, adoro as historias tragicas e, si me não engano, deve tratar-se de algo muito pavoroso. O doutor está pallido...

— Na verdade, eu ainda hoje me sinto mal, quando recordo as horas horriveis que vivi. Nada é, porém, meus amigos. E, pois, lá vae a historia...

E o celebre cirurgião se accommodou melhor na poltrona. Sua face, de ordinario sanguinéa, apresentava então uma ligeira pallidez, que fazia advinhar a angustiosa aventura que se propunha a contar. Na sala, a expectativa de seus ouvintes foi apenas cortada, por alguns instantes, pelos estalidos da madeira que a lareira consumia. E, depois de accender um cigarro, cuja fumaça aspirou com delicia, o doutor Pedro Laval tomou de novo a palavra:

— Foi, meus amigos, nos tempos sempre lembrados da Academia. Quando eu ainda me iniciava na sciencia de Hippocrates. Alumno estudioso e, como é natural, visto com maus olhos pelos collegas que, inimigos dos livros, me ficavam em plano inferior nas aulas, fui sempre, desde os primeiros dias mesmo, victima de pequenas pilherias, ás quaes jamais ligava. Ora era um fragmento de carne humana que, na aula de dissecação, me collocavam na algibeira, óra era uma assuada geral quando, mercê de um lapso de memoria, commettia um erro na peça anatomica. Era, emfim, uma guerra aberta que, sem deixar de me causar algum transtorno, nunca me irritou seriamente. Um dia, porém...

— O doutor zangou-se, não? — interrompeu a adoravel Celene.

— Zanguei-me, menina, ou melhor: acceitei uma aposta toda original. Cursava então ainda o segundo anno e meus collegas, crendo-me sem coragem para essa prova, desafiaram-me a que, sem luvas, e correndo pois o perigo de uma intoxicação, caso me ferisse ao fazêl-o, dissecasse o cadaver, conservado sem formol, de um homem que fallecêra dois dias antes. Como por certo não ignoram, ha perigos nessas operações. Um pequeno descuido, uma precipitação insignificante representam, muitas vezes, um córte que traz, possivelmente, a morte do operador. Eu, porém, por essa occasião, levava ainda além meu juizo sobre um accidente dessa especie: para mim, um homem que se ferisse em taes condições, era um homem condemnado. Podia preparar o ataúde e encommendar o proprio enterro...

"Mesmo assim, comtudo, acceitei, como lhes disse, o desafio. Depois de todas as provas que déra, de dedicação á sciencia medica, julguei não me ficar bem uma recusa. E, depois, meu orgulho natural de moço não me permittia recuar; era forçoso correr um risco que, afinal, se me afigurava diminuido, pelo extremo cuidado que promettia a mim mesmo empregar na operação.

"A prova, realizada nesse mesmo dia, correu maravilhosamente a principio. O corpo escolhido não apresentava — o que não deixei de estranhar vivamente — signaes de decomposição. Era um homem de compleição franzina, todo ossos e tendões, que me informaram os collegas haver fallecido de uma syncope cardiaca.

"Bisturi em punho, avental branco já manchado de sangue, eu cortava aqui, cortava alli e — adoravel mocidade! — assoviava, para dar a idéa de desprendimento absoluto.

"E a operação corria bem. Uma a uma, tinham sido abertas as cavidades e, um a um, tinham sido retalhados os membros, quando, ao attingir a caixa craneana, me aconteceu o desastre. Afim de auxiliar a trepanação, eu, imprudentemente, empreguei as mãos como alavanca.

"Então, meus amigos, com a força que fiz, se me escapou a mão direita, e, empallidecendo de pavór, senti que havia ferido o dedo médio na ponta de um dos instrumentos empregados. Um suór gelado, suór de angustia e de morte, começou a correr-me pelo corpo... Senti que não enxergava mais. Um tremór, que eu não conseguia dominar, apoderou-se de meu corpo e, allegando um subito mau estar, mas sem — tola vaidade! — contar o que me acontecêra, desisti da prova e, sob o riso dos collegas, retirei-me da sala, afim de me preparar para a morte...

"Eu mesmo não sei contar, com fidelidade, o tormento que vivi, nas horas que succederam á desastrada operação. Recolhendo-me ao quarto em que, ali perto, morava, e crendo inuteis quaesquer providencias para salvar-me, além da energica cauterização que, para tranquillidade de consciencia, fizéra logo após no pequeno ferimento, tentei escrever uma carta á familia, despedindo-me para sempre.

"Não o consegui, porém. E, não conseguindo tambem manter-me em pé, mercê da agitação em que me encontrava, deitei-me e,

(Cont. na pag. seguinte)

UM GENTILHOMEM

— Quinhentos mil — muito bem — approvou o notario. O preço é elevado, sr. visconde, mas tenho de mantel-o.

O tabellião normando fez uma reverencia. Merecia-lhe respeito o cliente de Paris. Mas o visconde d'Aubignac não olhava para elle. Seu olho, côr de cinza-aço observava, ternamente, por traz do monoculo, a dactylographa, cujos dedos corriam, ligeiros, sobre uma velha machina.

— Está bem — disse, emfim — faça-o como melhor achar. Este anno, parece, a estação será bella. Até logo, sr. Auberpin. Logo que receba qualquer proposta, avise-me.

Collocando no braço esquerdo seu sobretudo marron-escuro, o visconde apanhou sua bengala de castão de ouro, atravessou o pequeno pateo, florido de geranios, depois, tendo atravessado o portãosinho baixo, coroado, gloriosamente, por uma trepadeira de lindas flores purpureas, ganhou uma das grandes ruas centraes da localidade.

— Preciso resignar-me — disse para si proprio. Não tenho mais geito para ser proprietario.

Deu de hombros, ageitou na cabeça o feltro de grandes abas, já um tanto démodé, e continuou sua marcha. Para além das arvores que marginavam o caminho, o sol dourava uma praia familiar, onde, ha trinta annos, sob as barracas, vestido de flanella branca, elle passava por homem de espirito, diseur de bôas blagues, narrador de anecdotas que faziam rir, e amigo das jovens mulheres que o consideravam um animador da vida alegre e bôa. Magnifico principio de seculo, uma época realmente encantadora, cheia de lindas garotas e, tambem, de dinheiro facil. Agora, que "cantasse" em outra parte, mesmo porque já se não estava em sua propria casa. Numerosos inglezes, hindús, artistas japonezes, por toda a parte. Assim, de que servia conservar "Les Troenes"? Questão sentimental e material tambem. A dispendiosa manutenção de sua propriedade não estava em proporção com a vida para. "E, afinal, o que é que perco?" — continuou no seu monologo. Nada, absolutamente nada: pelo contrario, o producto de "Les Troenes" reunido aos "restos" de que ainda disponho, talvez me garanta a velhice."

Tendo decidido que seria feliz, não como aos trinta annos, nem mesmo aos quarenta, mas, apesar de tudo, um pouco feliz, o visconde d'Aubignac estendeu o braço e fez girar a bengala entre os dedos, ainda ageis. Foi nesse momento de despreoccupação que um automovel, em grande velocidade, irrompendo, inesperadamente, de uma rua que cruzava a sua, o atropelou, jogando-o na poeira quente. Distrahido, elle de nada se apercebera. Sem um grito, os olhos fechados, com uma physionomia de cera, o velho nobre tinha a expressão dessas criancinhas que vão, de um só vôo, para o paraiso.

A causadora do accidente — uma linda mulher — teve, a principio, a intenção de fugir. Ella não tivera senão uma preoccupação, bem dolorosa: "Vão cassar-me a licença para guiar". Mas, um camponio que voltava de Dives com a sua carriola cheia de frangos e gallinhas, appareceu, de repente, como se fosse a justiça implacavel. Sua cólera ruidosa, barulhenta, fez que o visconde voltasse a si. O sr. d'Aubignat abriu seus olhos cinzentos e, ao entrever que a "criminosa" parecia encantadora, fez um esforço hara se tornar mais apresentavel.

— Não apresentarei queixa, senhora — disse, galantemente.

Mas, o camponio, flamejando como um raio vingativo, continuava a ameaçar com os punhos a dama apavorada.

— Acalme-se, bom homem — disse o visconde, em tom severo. Em vez de falar tanto, offereça-me hospitalidade, pois, não sei por que, sinto as pernas pouco firmes.

Mais morta que viva, e, tambem, bastante commovida, a gentil senhora logo se offereceu para conduzir o visconde.

— Parece que não ha sangue, disse, entreabrindo um sorriso.

— Melhor para as almofadas de seu carro, senhora, pilheriou o sr. d'Aubignac... Acceito um pouco de conducção. E' perto: castello de Troenes...

Duas syncopes, o medico, uma gotta adiosa, algumas noites muito

A ANGUSTIOSA AVENTURA

(Continuação)

julgando breve o final, aguardei-o resignadamente...

"Fui, então, presa de estranhas allucinações. Vi, distinctamente, a figura da morte. Era a classica representação: uma caveira muito branca, que entrechocava os dentes ponteagudos, e continuava em um esqueleto, cujas mãos descarnadas me acenavam... E, meus amigos, a caveira sorria e continuou a sorrir por muito tempo, emquanto se aproximava lentamente de mim... Depois, as osseas mãos do esqueleto alcançaram minha garganta e se puzeram a apertal-a lentamente, lentamente... Aos poucos, senti que succumbia... Perdi a noção das cousas e..."

— E depois, doutor? — indagou ansiosamente o velho industrial.

— E, — comprehendi posteriormente — mergulhei, transportado que estava pelos estudos, em um somno ou modorra profunda, quando acreditava mergulhar no reino das sombras, só despertando á noite, aos insistentes chamados de Alfredo Lemos, um dos collegas de anno, e o unico daquelles com quem mantinha então bôa camaradagem. E Alfredo, vendo-me des-

De Pierre Villetard

quentes, com febre alta... Mettido em pyjama florido, sobre sua cama de doente, o visconde não esquecera a figurinha da sua "atropeladora". Recordava-a de vez em vez. Vel-a-ia, ainda? Pouco provavel. Mas, de todo seu velho coração, elle a perdoava.

Eis, porém, que, num bello dia, a campainha tilinta...

— Se fosse aquella creaturinha *mignonne* e gentil? — pensou o visconde. Mas, deante do cartão, franziu a testa: Mistress Leslie Butler... "Ah! não é gente nossa..."

— Mande essa senhora entrar — falou para a criada.

A "criminosa" apparece-lhe em "toilette" de praia, um "deux-pièces" turqueza, que desenha as fórmas de seu corpo esbelto.

— Sei que vae passando melhor... Informei-me — disse. Mas, sabe que nos conhecemos de longa data. Não sou americana, senão pelo casamento. Deve lembrar-se de minha mãe, a senhora Couturier...

O visconde pisca os olhos e sorri admiradamente:

— Como?! Então é sua filha a pequenina Simone?... Ah! Vejo-a, agora, senhora, no castello em que nasceu, assim como sua mãe, que era uma fiel frequentadora desta linda praia... Ella morreu nas vesperas da guerra...

— Sim. Perdi mamãe e tambem papae... Casei-me depois... A vida é assim, não é?...

— Feliz na sua vida domestica? — perguntou o visconde.

— Assim... assim... Não tenho preoccupações... E' preciso viver-se como é possivel. Meu marido é industrial. Dirige importante empresa metallurgica em Trenton. Mas eu, felizmente, faço sozinha uma estação em França.

— E' natural, murmurou o visconde.

E, no seu intimo, pensou:

"A pequena tem o coração secco, mas é, de qualquer maneira, damnadamente linda."

— Sabe, meu caro visconde — continuou a joven senhora — que desejo adquirir aqui uma propriedade — sua propriedade de Troenes, que está á venda, conforme li o annuncio?

O visconde d'Aubignac sobresaltou-se um pouco:

— Excellente idéa! Confesso-lhe que adoro minha "Troenes". Sinto, mesmo, constrangimento em vendel-a, mas estou certo de que, nas suas mãos, minha bella propriedade só terá a lucrar.

Simone suspirou e, baixando os olhos, disse:

— Meu marido é rico, mas bastante avaro. Isso não quer dizer que discuto o preço. Leslie, a este respeito, dá-me carta branca. Mas, pessoalmente, não vou muito ao largo...

"Onde quererá ella chegar?", perguntou o visconde para si mesmo, mas, sempre sorridente, deixou-a falar.

— O senhor poderia prestar-me uma grande fineza. Assigno-lhe um cheque de 500 mil francos, isso para Leslie, mas o visconde dar-me-á uma pequena commissão sobre essa importancia.

— Hum, fez o sr. d'Aubignac para dentro de si, ella é esperta. Já estou certo de que sua visita é uma simples visita de interesse. Emfim, trata-se apenas de enganar um marido, coisa que, em outros tempos, foi minha especialidade.

Hesitou um momento, depois, com uma voz maliciosa, um tanto ironica, perguntou:

— Ao menos, querida senhora, poderei saber quanto me custa a commissão?

— Ah! sim... Pensei que cincoenta mil francos...

— Subamos para sessenta mil e não falemos mais nisso. Darei instrucções ao tabellião Auberpin. Poderá receber essa importancia no cartorio.

— Ah! — exclama Simone — o senhor é encantador!

O visconde ficou tonto, mas, apenas, por um momento. De um só golpe de vista elle via, através dessa mulher, todas as mulheres que tinha amado. E, especialmente, uma entre todas ellas, a mãe de Simone, sempre tão reservada e delicada.

Logicamente — pensou — sua filha deveria matar-me. Mas ainda estou vivo, e recebo sua visita. Para um homem "liquidado" é uma dupla sorte. E como tudo se mercantiliza e se transforma em moeda, nestes tempos sombrios, eu bem devia a esta garôta uma indemnização...

DO DOUTOR LAVAL ::

(Conclusão)

Porto foi logo dizendo, ao notar a impressão de pavor que naturalmente apresentava a minha face:

"— Irra, homem! Não é caso para tanto! Fraquejaste no fim. Mas, mostraste que aguentas a "marrada"! O pessoal viu que és mesmo um colosso em anatomia! Apenas, quero avisar-te do seguinte: preparam-te uma vaia formidavel, pois dissecaste o cadaver de um homem que fallecêra repentinamente tres horas antes, com o cuidado de quem abrisse um cujo de mais de quinze dias! Reservam-te esse "pega" e tu, nesse ponto, cahiste como um pato, em não teres notado a differença... Emfim, "*errare humanum est...*" Agora, é aguentar a vaia.

"E — terminou o doutor Pedro Laval, — si outra cousa não sei, em minha vida, é exprimir-lhes o jubilo immenso que experimentei. O cadaver de um homem que fallecêra repentinamente tres horas antes... Um corpo, portanto, isento de perigos para a dissecação! Foi a vida que me sorriu novamente, depois das horas innominaveis que eu passára! Foi a existencia de novo! Foi a resurreição!"

UM DRAMA MYSTERIOSO

QUANDO o senhor Darvey deixou sua residencia, a chuva começava a salpicar o caminho.

— Muito bonito! — resmungou. — Tão cedo o dia perdido! Positivamente, é ter pouca sorte!

Chegando ao mensageiro, despachou o seguinte communicado:

"Senhor: Uma forte enxaqueca me põe na absoluta impossibilidade de comparecer hoje ao escriptorio. Com a mais distincta consideração, saudo-o attentamente", etc., etc.

A caminho de sua casa, passou pela joalheria, onde sua joven esposa admirou, alguns dias antes, um broche de platina e brilhante.

— E' uma joia preciosa! — murmurou o burocrata. — Minha Carlota tem bom gosto. Ah, si eu pudesse offerecer-lh'a amanhã, por motivo de seu anniversario!

Estranhos fulgores brilharam-lhe nos olhos, naquelle momento.

— Audacia, audacia para tudo! — dizia o senhor Darvey, procurando animar-se, emquanto proseguia seu caminho.

De regresso, encontrou sua mulher preparando-lhe a valise.

— Ahi está tudo, meu velho. Encontrarás os ovos duros no fundo, e um pouco de sal em um papelinho. Tambem puz um pouco de mostarda para a carne de carneiro.

— De tudo te lembras, minha bôa Carlota...

— Olha... A carne está em um prato devidamente coberto. As peras vão enroladas em papel de seda. Tambem puz um pedaço de gruyére.

— Como és bôa!

— Ora! Tambem eu não havia de querer que meu maridinho morresse de fome. Não te lembras de mais alguma coisa que desejasses levar?

— Não.

Ella deu volta á chave da pequena fechadura da valise. E explicou:

— E' preciso ser prevenido. A valise fecha mal. Si a garrafa chegar a abrir-se, póde cahir e fazer-se em pedaços. Toma a chave e cuidado para não perdel-a!

— Não ha perigo. Vês que a ponho no bolso do relogio... E agora até logo... Espero voltar cêdo.

— Até logo, e que te divirtas.

— Que me divirta, ingrata!

— E' claro! Si fosses mais amavel, e me levasses, eu daria um passeio. Entretanto...

— E' impossivel, eu te asseguro. Meu chefe encarregou-me de uma missão, e eu devo cumpril-a estrictamente. Si alguem do escriptorio nos visse juntos, não deixaria de dizer que abuso demasiado.

* * *

Emilio regressou a sua casa por volta das sete horas. Estava tão commovido como embaraçado.

— Meu pobre querido! — exclamou a esposa, abraçando-o. — Tiveste um tempo horrivel! Quanto pensei em ti durante todo o dia!... Não te movas; fica ahi no tapete. Vou buscar-te os chinellos.

— Sim, Carlota, eu não queria sujar o soalho, que tanto trabalho me deu no domingo.

— Tudo te correu bem?

— Optimamente. Creio que meu chefe ficará contente.

Emquanto o marido se descalçava, a senhora Darvey descobriu uma mancha de sangue na camisa.

— Que é isto? Sangue?!

— Sim. Mas não é nada — respondeu elle, de forma evasiva. — Cortei o dedo com a faca.

— Deixa-me ver... Parece uma mordedura.

— Estou dizendo-te que foi com a faca!

A esposa procurou a valise e procurou abril-a.

— Queres dar-me a chave?

— A chave?... Espera... Ora, e essa! Onde puz a chave? Não a encontro...

— Não ha pressa, querido. Procural-a-ás depois... Ao menos, almoçaste bem?

— Perfeitamente, Carlota, perfeitamente! Fizemos... Não, não! Quero dizer, enchi-me de carne de carneiro...

— Que aspecto estranho apresentas!... E' curioso!...

— Estranho? Que idéa! Pois não ha nada disso; é que estou contente, simplesmente... Mas vamos comer, depressa! Estou com uma fome canina...

* * *

No dia seguinte, após o café, e conforme seu habito, a senhora Darvey se accommodara na chaise-longue para folhear os jornaes que todas as manhãs lhe deixava o marido, antes de sahir para o trabalho.

De repente, attrahiu sua attenção este titulo: "Assalto em um trem de passageiros". E leu: "Hontem, o senhor X., viajante commercial, foi assaltado, no ra-

De Alfonse Croizière

pido paulista, por um individuo, que, além de feril-o, lhe roubou uma carteira contendo seis contos de réis. A victima, a quem os demais passageiros encontraram sem sentidos, ficou com um grande ferimento na cabeça. Interrogado acerca do aggressor, deu alguns signaes, embora muito vagos. No carro do trem, foi encontrada uma pequena chave, evidentemente perdida pelo assaltante."

Carlota ficou pensativa.

— Nesse mesmo trem viajou, hontem, meu marido — murmurou. — E a chave que Emilio não podia encontrar... E' curioso!... Não posso deixar de pensar na mancha de sangue que elle tinha na camisa. E o aspecto estranho que apresentava, ao entrar... Meu Deus, será possivel!?

Muito nervosa para continuar a leitura, Carlota levantou-se. Precisava mover-se, fatigar-se. Mirou-se ao espelho, e verificou que estava pallida.

— Como sou impressionavel! A só leitura dessa noticia me aperta o coração. Presinto que vou ter uma enxaqueca...

Passou todo o dia pensando na chave, na mancha de sangue e no estranho aspecto de seu Emilio. Já á tarde, mudou seu kimono de crêpe da China, azul, e foi fazer uma visita a sua mãe, conforme lhe havia promettido.

Vinte minutos depois, Carlota estava nos braços da senhora Revilla, sua mãe.

— Minha querida Carlota — disse-lhe esta — desejo-te um feliz anniversario.

— Obrigada, obrigada, mamãe.

— Mas, estás pallida, minha filha. Que tens? Estás sentindo alguma coisa?

— Não, mamãe. E' que, depois do café, tive uma emoção muito forte.

— Uma emoção!... Sem duvida, teu marido te confessou a verdade. Sim, minha filha! Mas, que vamos fazer? O infeliz praticou isso para poder offerecer-te a joia que tanto ambicionavas. E o mais grave é que o conseguiu com a cumplicidade de teu pae.

— De papae?!

— Sim... Felizmente, o golpe deu bom resultado. Porque, na verdade, era muito arriscado.

Carlota olhava sua mãe com crescente espanto.

— As coisas podiam acabar mal, entendes? — ajuntou a senhora de Revilla. — E então, quantos desgostos não teriamos tido! Podia, até, perder seu logar.

— E' muito mais — suspirou Carlota, sentando-se numa cadeira.

A terrivel verdade a tinha perturbado. "Não é possivel — pensava. — Sem duvida, estou sob a acção de um horrivel pesadelo. Depois, a perda da chave, a mancha de sangue e o aspecto estranho de Emilio não eram simples coincidencias, como ella suppoz a principio."

— Emfim — disse a senhora Revilla, procurando sorrir — bem está o que bem acaba, pois que vaes, afinal, possuir o objecto de teus sonhos. Mas, por que esses olhos espantados? — acrescentou, acariciando as faces de Carlota. — Por que èsse ar de quem nada sabe?

— Mas, eu, realmente, não sabia de nada... — murmurou Carlota, com voz estrangulada.

— Como!? Não sabias e me fizeste falar durante meia hora para arrancar-me a verdade?

— Eu não sabia nada...

— Nesse caso, peço-te que não me traias, quando teu pae e teu marido regressarem.

— Mas, é horrivel, é horrivel essa revelação! — rompeu Carlota.

— Horrivel, não. Não deves exaggerar... Espero que elles não repetirão o gesto... Teu pae me disse que experimentára uma impressão muito forte. E' esta, aliás, a primeira vez que se deixa levar por Emilio. O negocio podia conduzir-nos a um desastre, já que nossos recursos são tão limitados... Supponhamos que o cavallo falhe...

— Que cavallo?

— Como, que cavallo?! O em que jogaram o outsider, que pagou sessenta mil réis por bilhete. A ficha que deram a teu marido...

Essas palavras causaram a Carlota um enorme alivio. De repente, ella se levantou, com um sorriso nos labios descorados, e se atirou ao pescoço da senhora Revilla.

— Fica tranquilla, mamãe. Eu não te trahirei.

— O broche está sob teu prato. Mas, deante delles, farás como si de nada soubesses.

— Pois bem: farei.

— Precisamente, agora, batem á porta: ahi vêm os dois cumplices.

Carlota se apressou a abrir a porta.

— Felicito-te, querida filha, felicito-te! — exclamou o senhor Revilla, de bom humor, emquanto Emilio, impaciente para gozar a surpresa que reservava á sua esposa, dizia:

— A' mesa, depressa, que estou com uma fome canina!... Ah! Carlota, olha: encontrei a chavezinha! Estava mettida numa dobra do forro do collete.

R. DE S. CARVALHO (Minas) Li o seu soneto "Ouça", e ouvi... ou melhor, percebi que o sr. está apertado (*honny soit qui mal y pense...*) para despejar a torrente de poesia que lhe fervilhava no cerebro...

Attendendo á sua necessidade premente, o mais que posso fazer é indicar-lhe o caminho mais curto a seguir: atravesse o jardim, entre na sala de visitas, enfie pelo corredor: quando chegar á sala de jantar, tome á sua direita, e vá sair... na "cesta", que é o logar destinado aos poetas apressados em produzir "obras... primas"...

Pode agora deixar ahi o seu soneto...

"Yves. Saudações. Mereceria este meu soneto publicação na sua revista? *

"OUÇA"

Na febre de ver-te e apertar-te ao
[seio,
Sinto-me nas chimeras pagãs...
Ainda o tremir de teus beijos no
[meio
Deste Sonho Mago já quasi es-
[tincto.

Vê? Não posso mais! Tua ausencia
[me cança;
A minh'alma pede, a minh'alma
[diz:
—Vem! Não tardes... Apressa o
[passo... Avança!
Da-me ao menos um momento
[feliz!

Sei que sonhas tambem. Não fin-
[jas mais!
Ouça o pungir acerbo de meus ais
No rithmo do verso que resôa!

Sei que tu tambem amas e padeces,
As ingratidões... Tudo, tudo es-
[queces.
Vem! Extende-me as mãos e me
[perdoa!

Sem mais. Antecipando-me grato pelo acolhimento que merecidamente lhe houver dispensado, firmo-me attenciosamente"

STENIO DE SA' (Pernambuco) —Prezado confrade e conterraneo. Perdôe si lhe não escrevo directamente. A vida aqui no Rio passa por nós a 120 kilometros horarios. Ou é ella que passa, ou somos nós que passamos por ella. De qualquer modo, tudo aqui é vertiginoso. Não temos vagar para nada. Principalmente si se trata de um redactor de revista, como eu.

A sua carta é interessante. Depois de apreciar nella, o movimento literario de Recife, destacando inicialmente as figuras ratés e caricatas locaes, escreve com a segurança de quem conhece o meio em que vive:

"Entanto, elevando-se, destacando-se, sem cabotinismo irritantes, nem reclamos ignóbeis, há também bonitos talentos e intelijensias invejavies, que se não deixam ir na onda dos invejozos e descontentes — a Revolução, pelo menos, descobrio esses... —, porque, tendo noção do ridiculo, não se deixam caír nele.

Bonitos talentos e invejáveis intelijencias! Velhos e moços. Sonhadores e boêmios. Escritores e artistas. Araújo Filho—um grande heleno na expressão, Ascenso Ferreira — o rejionalista de muita repercusão no sul, Joaquim

Saibam

rina de Holanda, Beatriz Ferreira, Ida Solto Uchôa — a mais brilhante de todas, poetas e poetizas; Mario Sete, Lucilo Varejão, Luiz Delgado, Paulino de Andrade, Fernando Pio, Marta de Holanda, Heloiza Chagas, escriptores conhecidos; Jarbas Peixoto, José Campe-

TORMENTAS...

Um silencio enorme, immenso, sepulchral,
dentro do mattagal.

De repente, caem do céo
lagrimas de chuva,
torrentes de chuva,
amazonas de chuva.

Agora, se desata
um rumor doido dentro da matta...

Em dois instantes,
os regatos transbordantes
gritam,
esbravejam,
estrondeando em ecos o emaranhado da floresta...

Em tudo, um rumor de samba anarchizado,
de quem nunca foi á festa,
de quem nunca vadiou,
de quem "nunca comeu mel e, quando come, se lambusa"

Lá de cima dos serrotes,
dando saltos e pinotes,
cáe a chuva cá em baixo.

Cáe,
esphacellada, dividida, devastadora,
arrancando tudo,
arrazando tudo!...

As arvores, implorando misericordia,
agitam aos ares, febrilmente, os galhos
tremulos do açoite da ventania.

Cardoso—uma solida cultura num modernista consciente, Esdras Farias e Jaime de Sant'Iago — que voscê já conhece, Silvino Lopes, José Mindelo — dois poetas de vulto, Anibal Portela — de muito sentimento e emoção, Luiz de Andrade — que voscê também já conhece, Mauro Mota, Gil Duarte — de forma e idéa, Álvaro Lins, Co-

lo, Gomes Maranhão, Carlos Rios, Auteogenes Cordeiro, Altamiro Cunha — criticos, cronistas de arte, mundanos e literarios, de senso e gosto artisticos apurados. E muitos outros mais, sem muita expressão e relevo, e a lejião dos prinsipiantes, que ainda andam em titubeios e tropeços...

Pela nota acima, voscê poderá

todos...

quando precize, se guiar ou se orientar. E até se quizer, eu posso arranjar um trabalho de cada um, para melhor ser julgado e apreciado. — Stenio de Sá".

Infelizmente, a ausência de um intercambio constante e permanente dos intellectuaes dos Estados, com os da metropole, concorre, enormemente, para que uns vivam no desconhecimento dos outros.

Os do Rio, quando se impõem, conseguem levar a projecção do seu espirito além das fronteiras da capital da Republica. Tornam-se conhecidos nas provincias, — pelo menos com mais facilidade do que os escriptores provincianos se popularizam no Rio.

A esse respeito, é curioso notar a decepção com que muitos delles regressam ás suas cidades nataes. Como são conhecidos na capital do seu Estado, descem ali, no caes do Lloyd, na convicção de que todo o Rio lhes irá render "significativas homenagens". Sem duvida os transeuntes irão parar, embasbacados, na Avenida, para admirar o poeta Fulano, ou o escriptor Sicrano, modernista fantastco, chegado ha pouco, do norte, pelo paquete tal.

O ingenuo provinciano constata, porém, que, aqui, nunca se falou no seu nome. Nota, ainda, que os vigaristas o tomam por um "jéca" qualquer e o assediam com o famoso "paco"... Nos jornaes, o continuo o olha com indifferença, e pergunta si "elle vem dar alguma queixa", porque o "secretario ainda não chegou"... Em fim, o "illustre literato", o "notavel intellectual de provincia", é colhido por uma decepção desorientadora. Si fica no Rio — perde o "pello", a "casca grossa", e, pouco a pouco, vae comprehendendo que, "agora, é que se vae tornando conhecido e sendo levado a sério"; mas si volta, é para dizer do Rio e dos nossos homens de letras o que Mafoma não disse do toucinho.

Conheço um "illustre literato" nortista, de renome na sua pacata cidade, o qual ficou appellidado "o Poeta" — pejorativamente — na pensão em que se hospedara.

E' que ninguém queria acreditar que elle, de facto, fosse um eleito das musas. E na sua ingenuidade lisonjeadora, "a filha da dona da pensão", quando o apresentava as amigas, tinha sempre estas expressões de louvor:

— Aqui "o Poeta" tem sonetos da "pontinha"... Faz cada um que é mesmo uma belleza... Dizem que o *Fon-Fon* já publicou um delles...

A's vezes, uma das amigas, supplicava:

— Seu poeta, recite alguma coisa da sua lavra. O sr. é mesmo poeta? E'?

E o peor de tudo é que, no fim de contas, ninguém sabia qual era o verdadeiro nome desse vate... Ninguém acreditava, accrescentemos, que elle tivesse um nome de baptismo e muito menos nas letras...

*

E a agua, impiedosa, vingativa,
decepando os braços dos arvoredos,
despe-os, implacavel, carregando as vestes,
collinas abaixo,
e vae offerecêl-as, em trapos,
ao mar faminto.

Tudo arrazado...

Pelas escarpas das serras,
troncos de arvores, enlaçados febrilmente
por cipós,
— companheiros fieis de desventura.

* * *

Mas que silencio havia na minhalma...
tudo era calma, tenebrosa calma...

Veiu o amor,
rugindo, malvado,
despedaçando fibra por fibra,
aniquilando tudo...

Passou,
como tudo passa;
Deixou, porém, por desgraça,
tudo desnudo, devastado, roto...

Restam, apenas, a um canto, desoladas,
unidas ao meu ser,
tremulas ainda,
as saudades de você.

THOMÉ CABRAL

Crato (Ceará).

*

SEVERO JUNIOR (Rio G. do Sul) — "O Suave enlevo" (3ª edição) é encontrado na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, nesta capital, e na filial de S. Paulo. E' possivel tambem que o encontre em Porto Alegre. O preço é 4$000 brochura.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Sobre todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 19-9-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Escriptores e Livros

Caio Nunes de Carvalho — NOVA DEMOCRACIA: NOVA REPUBLICA — (REGIME DECAHIDO) — Editor, A. Coelho Branco F.° — Rio — 1931 — 3$

ESTE é o primeiro fasciculo da série de estudos de Sociologia constitucional, iniciada com rara felicidade pelo autor. Não concedo nenhum favor ao sr. Caio Nunes de Carvalho, proclamando aqui os meritos da sua obra. Cultura, força de argumentação, facil exposição, todas as qualidades do sociologo, do pensador, possue o autor do trabalho que acabo de ler, um tanto perplexo, confesso, por isso que até agora ignorava a existencia de tão brilhante mentalidade, que muito honra as nossas letras.

Trata-se de uma obra inspirada nos principios da revolução de Outubro, mas que em nada se parece com a literatura de fancaria, de fundo mercantil, da maioria dos livros que enfeitam actualmente as montras das livrarias.

E' um trabalho digno de ser lido e meditado.

Helio Nogueira — REGIÕES DO SONHO E DA MELANCOLIA — Typ. Soares — Rio Bonito — 1931 — 5$

LINDO titulo para um livro de versos. Estréa de uma criança, si o retrato não engana... Tendencia, ainda indecisa, para as letras.

Alvaro de Alencastre — A REVOLUÇÃO E SEUS ASPECTOS MILITARES Livraria Economica — Bahia — 1931

O autor não podia ser mais parcimonioso, nos commentarios que fez sobre os aspectos militares da revolução de Outubro. Vinte e sete paginas, apenas! Não temos elementos para contestar a conclusão do estudo do militar; por isso, nos limitamos a registar o curioso conteúdo do folheto.

Baroneza Orczy — PIMPINELLA ESCARLATE — Flores & Mano, Editores Rio — 1931

ESTE romance apparece traduzido por Maria Elvira Mourão. Leitura agradavel, acção desenvolvida ao tempo da Revolução Franceza. Volume de 368 paginas, bem impresso.

Bertha Dangennes — CARTAS DE AMOR — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 5$

BERTHA Dangennes resume as cartas amorosas em tres palavras: o principio, o paroxismo e o fim. Como todas as coisas humanas, as paixões do coração passam por essas phases. Não se póde talvez, encontrar lição de philosophia mais profunda em outro livro que numa collecção de cartas de amor escriptas quando nasce o amor, que se desenvolve em seguida, e, depois, progressiva, ainda que inconscientemente, se desbota, se apequena e se extingue. Por fim. As cartas de amor que fazem este livro são todas de personagens celebres: reis, cavalheiros, poetas, artistas...

O maior interesse que offerecem, é mostrar-nos taes personalidades despidas do seu caracter conhecido e revelál-as na mais profunda intimidade.

A collectanea foi feita com apurado gosto, e as notas que precedem as cartas permittem ao leitor a sua fácil comprehensão.

Elinor Glyn — TRES SEMANAS DE AMOR — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 4$

ROMANCE realista, cujo enredo prende a attenção do leitor. Bôa traducção, constituindo um volume bem apresentado, de 190 paginas.

Victoriano Palhares — AS NOITES DA VIRGEM — Livraria H. Antunes — Rio — 1931 — 1$500.

MAIS uma edição popular do muito conhecido poema em prosa do fallecido escriptor pernambucano. Sonho da mocidade, sonho de acordado, através do qual a fantasia abre as suas grandes azas brancas... Victoriano Palhares, passadista que ainda consegue emocionar! Que ainda interessa aos editores! Extraordinário!... A primeira edição data de 1869.

León Tolstoi — A PALAVRA DE JESUS — Livraria H. Antunes — Rio — 1931 — 4$

TOLSTOI, no prologo, escreve: "Este livro é apenas um fragmento de uma obra terminada, a qual nem por sonhos posso tentar publicar na Russia." A obra consta de quatro partes. Na terceira, o grande pensador trata de: "reconstituir a doutrina christã tal como a entendeu Christo, fundada directamente nas palavras e actos que lhe attribuem os quatro evangelhos". Esta parte fôrma uma traducção completa dos quatro evangelhos e a tentativa de compilar e refundir em um só.

O livro versa, pois, sobre este assumpto.

São 232 paginas que interessam vivamente.

Mario Poppe

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

ERROS DA MOCIDADE

Os olhos cansados, já quasi sem vida, da velha senhora viam o desenrolar de uma mesma historia antiga, naquelle presente tão differente do passado, perdido para sempre.

Sim, era bem a sua historia que se repetia. Os personagens eram outros, mas era a mesma historia vivida agora por sua neta, a encantadora Maria Luiza.

Maria Luiza era uma boneca cheia de encantos, uma creança alegremente vivia a sua vida cheia de primavera, de sonho, de illusão. Maria Luiza, a sua netinha querida, a ventura de sua velhice curvada ao peso de tantas recordações, de tantos desenganos...

O coração envelhecido lembrava-se daquella outra Maria Luiza, a Maria Luiza do passado, a querer tirar da vida tudo quanto concorresse para satisfazer aos seus caprichos.

O inverno sorriu com meiguice para a primavera, que entrára florida de mocidade, de perfume.

A velha senhora ha muito observava a hesitação da neta entre dois rapazes que a cercavam de carinhos e attenções.

Um era poeta — homem de valor, que, com seu talento, com a nobreza de seus sentimentos, merecia de todos o maior conceito. As poesias de Roberto encantavam pela suave belleza das suas palavras vibrantes e cheias de ternura. Os seus sonetos cantavam toda uma grande ventura, ou então soluçavam toda uma dolente nostalgia. E sempre as suas poesias encantavam e deslumbravam. Passo a passo, elle subira, por seu esforço proprio, a escada da gloria. E, de victoria em victoria, attingira um logar de destaque na litteratura brasileira.

O outro era um millionario. Rico, muito rico, Luiz nada mais possuia do que o seu ouro, que lhe abria, com facilidade, todas as portas do mundo.

Ambos se apaixonaram por Maria Luiza. Ambos esperavam de sua boquinha rubra o "sim" ambicionado. E ella hesitava na escolha.

De um lado, a riqueza; do outro lado, o eterno sonhador — o poeta.

"Qual dos dois escolher?", pensava a flor deslumbrante que a avósinha cercára de ternura e ventura. A riqueza a deslumbrava. Via o luxo, o conforto, as jóias ricas, os salões festivos...

Mas, o poeta lhe havia conquistado, o que o outro não soubéra. Sim, era a elle, ao sentimental, ao sonhador, que Maria Luiza déra o seu coraçãosinho. Roberto era o seu ideal de amor.

No emtanto, ella hesitava, não queria ouvir os murmurios de sua alma. Maria Luiza fascinava-se com a illusão de ter o luxo, a riqueza a envolverem a sua vida de mulher bonita.

A avósinha, qual uma sombra, seguia os passos da neta, acompanhava-lhe os pensamentos, as indecisões que se repetiam.

Nessa noite chovia. Maria Luiza sentára-se perto da poltrona onde a avósinha descansava. E, com voz cansada e triste, uma voz impregnada daquelle passado morto, a velha senhora disse á neta:

— Maria Luiza, hoje que estamos sós, aproveitemos a opportunidade e conversemos sobre você.

— Sobre mim, avósinha?

— Sim, sobre você, ou, melhor, sobre a sua felicidade. Maria Luiza, você sempre foi a ventura de minha velhice. Desde pequenina, tive você a meu lado. E hoje, que a flor que sempre com carinho adorei sorri para a vida, vivo a pensar no seu futuro. Quero para você, querida, as mais lindas venturas, as mais douradas alegrias. Um dos momentos mais difficeis na vida de uma moça é aquelle em que ella decide o seu futuro. Agora se trata do seu futuro...

— Do meu futuro, avósinha?

— Sim, do seu futuro. Existem dois homens que querem ter o direito de poder traçar o destino desse futuro. Ambos já me falaram e a ambos dei a mesma resposta. Só você é quem poderá fazer a escolha, pois não tenho o direito de influir na sua decisão. Hoje, minha filha, quero contar-lhe uma historia, uma historia bem igual a esta sua. E... quem sabe si você della não poderá tirar algum auxilio?... E' uma historia vivida por uma mulher assim como você, numa era passada, num tempo que ha muito se perdeu na bruma do passado. Um coração igual ao seu... um rosto cheio de juventude... 18 annos alegres e dourados...

"Ella só pensava em se divertir, tal qual como você. Seus paes a adoravam. Com mimos a haviam creado e nunca lhe tinham negado a satisfação de um capricho. Essa moça conheceu, em certa fes-

ta, dois rapazes. Um delles, immediatamente, lhe despertou um grande interesse. A sua palestra interessante a captivou. Elle era alguem que com arte tangia a cithara maga da poesia. O outro possuia um certo convencimento, um certo orgulho motivado pelo dinheiro immenso que tinha. Ambos sentiram-se fascinados por essa moça.

"A principio, ella não deu a minima attenção ao homem rico. Vivia enamorada do poeta, o poeta que lhe fazia as mais lindas poesias. A este essa mulher amou com sinceridade, a este essa mulher abriu as portas de sua alma apaixonada.

"Mas, um dia, afinal, o rico, através de presentes, de flores, de palavras estudadas, conseguiu vencer a sua indifferença. Ella se deixou conquistar pelo ouro. Em visões delirantes, ella idealizou a sua vida luxuosa, onde o dinheiro lhe traria as joias mais ricas, as pelliças mais caras. Em um momento de loucura, ella esmagou, com um punhado de oiro, o grito de amor do seu coração pelo poeta. E entregou-se toda á ambição de ser rica, muito rica.

"Finalmente, chegou o casamento dessa moça. Um casamento realizado no meio do fausto, do esplendor. Quando ella sahia da egreja, de braço com o escolhido pelo seu egoismo, o outro, o homem que ella adorava, estava lá, no meio de toda aquella multidão que assistia áquelle matrimonio vilmente profanado em sua sublimidade por um interesse mesquinho. Os olhos delle olharam tristemente, aquella creatura que sorria no braço do noivo. Ella sentiu-se entristecida por aquelle olhar que traduzia toda uma magoa, toda uma revolta. Mas, em breve, no tumulto da festa, o olhar ardente, o olhar que lhe disséra muita vez, tanta palavra de amor foi esquecido?...

"Essa mulher teve tudo quanto o dinheiro poude comprar. Não teve nunca, entretanto, a felicidade. Seu casamento foi uma desillusão, um fracasso. A principio, o dinheiro satisfazia á sua vaidade. Tudo, tudo elle comprava para se illudir. Porém, houve um dia, afinal, em que o coração, esmagado com o fausto, com o ouro, soluçou desesperado a saudade de alguem perdido para sempre.

"Para um casamento ser feliz, minha filha, é necessario existir uma affeição mutua, uma affeição que dê toda a belleza, todo o carinho necessarios ao lar. O lar é o templo que agazalha duas almas que se comprehendem e que, na communhão de um sincero affecto, se transformam em uma unica alma. O lar só deve ser construido pelo amor grandioso e nobre. Não deve ter nunca os seus alicerces firmados no interesse, na mentira, porque, por mais luxuoso que seja esse lar será frio, ermo de venturas, de alegrias.

"Essa mulher conquistou com o seu interesse um lar. E nunca ella foi feliz. Ella sempre se sentiu triste e só, abandonada e infeliz naquelle luxo grande, naquelle conforto, naquelle esplendor, dado pelo dinheiro. O preço da sua loucura foi cruel.

"Nunca mais ella viu o poeta. Em vão procurou saber onde elle estava. Talvez esse alguem, desesperado por se ver enganado, longe, muito longe, tivesse ido procurar a paz, o esquecimento.

"Passaram-se alguns annos. A filhinha que possuia, então, era a unica felicidade que, afinal, viéra sorrir no carcere dourado de uma mulher.

"O marido tornára-se jogador. E soube até o fim da vida torturar com suas perfidias e maldades a esposa.

"Em uma tarde de inverno, chegou-lhe ás mãos uma carta. Seu coração estremeceu ao recebel-a, e seus olhos leram, desesperados, aquellas linhas. Em palavras tristes, em palavras doridas, o homem que ella amava e que nunca a havia esquecido, lhe enviava-lhe o seu ultimo soneto. Com lagrimas, esses versos foram gravados em sua alma, num desejo impossivel de que alguem a perdoasse.

"E sempre foi assim a vida dessa mulher: — o arrependimento, a saudade a torturarem o pobre coração que fôra esmagado pelo ouro..."

.. ..

— Avósinha por que chora? — exclamou Maria Luiza, emocionada, envolvendo a velha senhora na ternura de um abraço.

E, num lamento, aquelles labios frios responderam, em desespero:

— Chóro, minha filha, porque essa mulher, cuja historia lhe contei... essa mulher que, calcando o coração, trocou um mundo de affecto, pela illusão de poder ser feliz dentro de um palacio... essa mulher... fui eu...

POR MITSI

"F E L I C I D A D E . . ."

"Quando Deus creou o Mundo; quando fez o homem e lhe deu a Terra, tambem lhe deu *Felicidade*, tambem; e então, sob a fôrma de uma linda pedra rósea com fulgurações de luz.

Passaram-se os tempos: Adão dormiu, Eva appareceu... para tentál-o ao cambiante rúbido dos seios... Pareciam tanto com Felicidade!

O Senhor da Sabedoria e da Bondade, o Soberano da Justiça traduzira, no ultimo gesto da Creação, a eterna vaidade: macróbio de millenios, copiando a velhice, produzira mocidade...

Adão peccou: arrebatou-lhe, o Padre, a pedra miraculosa! ...

... E Ella, impulsionada pela cólera Augusta, vandálica, que lhe turbára a paz da inércia, desfez-se, fragmentada...

Como Ashaverus, suas partículas voaram em peregrinação pelo espaço, para não mais se reunirem... Nessa trajectoria, fructo da irritação Divina, ellas têm — Deus arrependido! — um vértice: o Céo; para angulo de quéda, o Infinito...

A ampulheta do Tempo virou muita vez: os seios nacarinos de Eva crestaram á luz quente dos trópicos, racharam ao rigor dos invernos.

A' Primavera succedeu o Outomno: ambição, dôr, inquietude, saudade... — pela primeira vez viveu o grande complexo da alma humana: Adão partiu buscando *Felicidade*... Seguiram-n'o seus filhos; procuram-n'a, ainda hoje, seus netos...

O mesmo anhélo avoengo possue a todos os homens — tára intangivel aos progressos scientificos, ansia de infinito...

Foi pedra philosophal da alchimia, num revérbero; o elixir da longa vida, o elixir Vermelho de Geber, o enxerto de Voronoff, na velha ansia de rejuvenescimento... E' a aspiração de nossos dias, ás vezes beijada pela inspiração idealista; continuará servindo aos povos do futuro.

Mãos, labios e seios promettem felicidades... — sangue que estúa, colorindo epidermas em nuances rosadas...

... E a valiosa gemma, poeira ao infinito, cavalga o espaço em convulsões dynamicas...

Aproxima-se do homem, numa leva de perfumes... que a tome, á ousadia de um gesto... — que a cuide, e acarinhe, e anime, para prendêl-a, para que lhe não fuja... Pois, como o Judeu da lenda, deverá continuar sua peregrinação...

E' assim que reza, meu caro amigo, no livro da vida o capitulo da Felicidade..."

O conde de Layes arrematára, sorrindo, essa pequena fantasia sobre a Felicidade, e eu esperei ouvir-lhe alguma passagem importante em sua vida de estheta nómade, pois ousava traduzir, sob a fôrma de parabolas, lendas, histonetas, factos que o impresionassem, para após evocál-os pormenorizadamente.

Estavamos em seu palacio de Paris; em seu palacio grande e vazio; vazio de pessôas, tão só, posto me botara de Londres a admirar as bellissimas galerias de Arte que pessuia.

Conhecera-o em Roma, numa representação diplomatica. Sua fama de colleccionador; suas maneiras fidalgas e aprimorado gosto artistico attrahiram-me: ligaram-nos, tornando-nos intimos.

Viera a Paris em satisfação a especial convite, e após deslumbrar-me na visão de immensas riquezas, ouvia-o, no conforto de seu gabinete:

"Jovem, ambicioso, alienei a liberdade pelo doirar dos brazões, enferrujados num rincão provincia-no...; casei-me.

Um anno passou: fui victima da farça amorosa que me impuzera... e amei em verdade minha esposa.

Seus successos na poesia — cultivo que lhe vinha da infancia — collocavam-na entre os melhores da época; summidades artisticas povoavam-lhe, ás terças e quintas, os salões...

Lançado em ultimo plano, por feitio todo especial, passava sem a ver semanas inteiras, coração angustiado... Tristeza immensa invadia-me o ser; o esquecimento que me votára foi doendo, doendo... — parti para céos diversos, uma idéa a fustigar o cerebro!...

... Sob pseudonymo veiu á luz "Insurreição", que fez successo pelo estylo estranho e original idéa: paixão de barbaro, excitada ao dynamismo da metrópole... Outros livros vieram; novos louros.

Publicára "Alma de Homero"; relia-o, saboreando a critica jornalistica, na varanda de um hotel napolitano... Debruçado sobre uma pilha de cartas, letra muito familiar, em papel conhecido, emocionou-me: — Claudia felicitava Claude de Giverne enthusiasticamente. Ella, por quem tudo fizera, e muito alcançára; minha inspiração; altiva e desdenhosa curvava-se ao o cerebro inculto de seu esposo mystificado!

Tenho essa carta; quer vêl-a?"

A um signal de discreta acquies-

A entrada de favor — No outomno.

No inverno.

De Eug. Lapagesse

cencia, meu amigo levantou-se; premiu uma saliencia no fogão de marmore trabalhado, tornando com um macote de cartas amarellecidas, retiradas do cofre que abrira; desenlaçou a fita que as prendia; passou-as rapidamente pelas vistas, e, separando duas, poisou as restantes sobre a secretária. Seus dedos correram tremulos nas que apartara; olhou-as longamente, carinhosamente, e sua voz morna, rythmica, aqueceu-se:

"Admiravel Poeta!

Quero levar, tambem eu, minh'alma de artista a communguar a sua... Li "Insurreição" e, por ultimo, "Alma de Homem"; tenho-o sobre a mesa, o interior decorado em estylo pessoal; pinceladas fortes vestindo a vibratilidade de sua alma emotiva!

O ambiente exotico no qual vive "Jean" — natureza admiravel, metade Deus, metade homem, alma sedenta de affectos —, dá a seu livro a expressão de pagina vivida na tortura de dôr immensuravel!

Chamei-o "Poeta"... — E o não é o autor de "Insurreição", que brilha em "Derrocada", para divinizar-se em "Alma de Homem"? Que inspiração fructificaria tão superiormente si não coubesse em alma assim preciosamente emotiva?!

Senti todo o seu livro! Chorei lagrimas luminosas, absorvendo essas paginas rutilas... Lagrimas correram á expansão desse amor indifferente aos entraves, victorioso em pugnas terriveis!

Creio tenha vivido suas obras. Soffrido essas impressões; humanos esses bravos, fortes que incarna em linguagem magnifica.

Paris freme, enthusiastica, ao simples balbuciar de seu nome; quando apregôam novo trabalho, as livrarias enchem-se, numa ansiedade indescriptivel...

Mas... já me torno importuna; si todas as admiradoras — e eu sei que são muitas! — lhe escrevessem assim, não mais teria ensejo de nos dar suas creações magnificas: faltar-lhe-ia tempo...

Sou-lhe, devotada, *Claudia*, condessa de Layes.

Outubro de 1897; Bd. des Italiens..."

Deformando a letra, respondi-lhe — emoção sincera! — confessando-me, penhorado, seu admirador. Analysei-lhe as poesias, penetrando a alma embellecida e inspirada...

Soube, mais tarde, do enthusiasmo que ascendi em todos os salões, tornado assumpto obrigatorio nas reuniões mundanas.

Os jornaes publicavam artigos curiosos sobre a mentalidade nova que se abria ao publico, tecendo as mais disparatadas hypotheses sobre sua identidade. Minha esposa, essa, continuava de uma myopia desoladora...: não sabia ver *Jean*, *Albert*, *Edmond*, typos que plasmara á minha imagem no realismo dos meus livros; as cartas que lhe escrevera Giverne — modelos de sensibilidade — corriam, em *segredo*, Paris extasiada...

"Symphonia do Espaço", absorvente na pesquiza das almas, apparecia tres mezes após. Claudia já então me escrevia habitualmente, descerrando as cortinas da intimidade, febricitante de lyrismo..."

De Layes afunda-se na poltrona; engolpha os dedos esguios na cabelleira grizalha e, continuando:

"Exhausto pelo esforço dos ultimos annos; enriquecido nas successivas edições de meus livros, ora traduzidos em varios idiomas e por transacções financeiras, abandonei Salerno, onde então me achava, tornando á França.

Ansiava minha esposa; confessar-lhe a luta empenhada — na ambição de possuil-a. A saudade, a afflicção que me assaltava, dominou-me...

Queria dizer-lhe quem era esse Claude Giverne que a enthusiasmára, que a amára nos mais diversos ambientes... Offerecer-lhe a gloria a voejar sobre mim; a fortuna que conseguira — bem maior que a sua! — producto de meu esforço!

..., Cheguei a Paris. Fiz-me annunciar; receber-me-ia, á noite, quando se recolhesse...

Antes que a visse, mandei ao editor, encarregado de minha correspondencia: enviou-me esta carta, que retornara em meu seguimento:

"Meu Poeta!

Tenho n'alma apotheoses de luz! Terminei a leitura de "Symphonia do espaço"... Sublime!

Que encanto maravilhoso dá, o meu Poeta, á esse mundo subjectivo, organizando a *romanza* do pensamento! — pois ha harmonias de sons e tintas nessa concepção!

E como é pujante e espontaneo em suas expressões, revelando o rythmo das agitações intimas!

O esplendido colorido que lhes empresta não é sinão o reverbero intenso de uma dôr abysmal, crystalizada em agonias de lagrimas...

Adivinhei?!... E' que existe em nosso particular o mesmo embellecimento, identico sonho de felicidade!...

Felicidade!

Como seria delicioso viver a seu lado, communguar o valor desse ce-

Na primavera.

No verão...

(Conclue na pagina seguinte)

Cinco dias de angustia

ERA no mez de janeiro, quando a barca "Richard Walbrick" partiu de Runcorn, com um carregamento de carvão, para Plymouth. Tinha vinte annos e pouco mais de cem toneladas. Sua tripulação constava de cinco homens, entre os quaes figurava eu. Nada de particular nos havia acontecido até entrarmos no canal de Bristol, onde se ergueu um grande vento do levante.

Salvámo-nos, no emtanto, dessa borrasca e das duas ou tres que lhe seguiram, até que, uma manhã, nos encontrámos entre a ilha de Shilly e a costa de Cornuailles. Fazia um tempo nebuloso, com vento de pôpa. Eu havia terminado meu trabalho e ia descansar, quando ouvi um grito sobre a ponte e no mesmo instante senti um choque horrivel. Saltei de minha cabine e tive noticia de que a barca se afundava.

Meus companheiros estavam deitando ao mar o unico bote que possuiamos a bordo.

Só viamos agua, mas, com toda certeza, tinhamos abalroado com algum escolho submerso.

Não ha sensação mais horrivel que a que experimenta um homem, quando a nave que acaba de abandonar em semelhantes circumstancias desapparece no mar. Ao afundar-se a barca, o oceano nos pareceu maior e o mundo inteiro nos pareceu feito de agua. O vento nos impellia velozmente para o Atlântico e nós permaneciamos como que insensiveis, loucos de mêdo.

Ao contrario de outros que atravessaram desastres tão terriveis como o que estavamos passando, nossos soffrimentos começaram no mesmo instante em que entrámos no bote. Nunca, nem nas mais altas latitudes, senti um frio tão horrivel como nessa occasião. Um forte chovisco nos açoitava com violencia.

Para lutar contra a tempestade só tinhamos os remos. Era uma segunda-feira. Durante todo o dia, nossos olhos não cessaram de gyrar em vão pelo limitado horizonte que nos deixava a neve, com a esperança de avistar uma embarcação.

A noite começou a cahir. Não podiamos habituar-nos ás trevas. O vento nocturno era peor que o diurno. Parecia gelo solido. Cortava-nos as carnes. Não viamos nada em torno de nós. Dir-se-ia que estavamos cegos. A violencia das ondas tambem se tornava maior. Estavamos mudos. Ao despontar o dia, pareciamos velhos. Um dos companheiros, Burke, estava como que agonizante, estendido no fundo do bote.

As ondas eram muito altas, e era perigoso ficar-se em pé, porque o bote poderia virar. Estavamos cansados de olhar para todos os lados, sem divisarmos outra coisa além das ondas. De repente, Burke começou a gritar pedindo que lhe dessemos um pouco de agua, certo de que a tinhamos e não lhe queriamos satisfazer. O commandante procurou acalmál-o, falando-lhe com doçura. Mas Burke continuava clamando por agua. Depois, mergulhou o rosto no fundo do bote e se poz a tomar agua

"FELICIDADE..."

(Conclusão)

retiro, rir aos dias festivos do coração! — E o meu já se não póde refrear... O arrebatamento que enleva minh'alma divorcia-me dos preconceitos: — é a luta entre a honra e o amor!

Amo-te, meu Poeta! Grito das entranhas, da alma exarticulada, vencida, corroida pelo soffrimento, aguilhoada pela fantasia!

Amo-te! E apenas te conheço a alma esculpturada nos caractéres dos teus livros! Amo-te, como amo á vida, ao dia, ao sol, á noite e ás estrellas!...

Sonho-te junto a mim — tua voz, em surdina, a cantar nênias amorosas... teus cabellos a fugir, fios setineos, sob a caricia felina dos meus dedos... teus olhos vesanicos, tentalicos, cravando punhaes de luz em meus olhos somnambulos!

... Vem! e irei comtigo! Vem, e, olvidando Paris, renunciarei ao mundo!... Vem, e serei tua, arraigada em ti, na sublimidade de tua dôr, na cornucópia do teu sonho!

Vem! Não posso mais viver nesse anseio de amor que transforma o ser!

Beijando-te as palpebras cerradas, Claudia, que te ama!"

Horas passaram, cavalgando, crinas ao vento o corcel ardego do Tempo...

As meditações de "Young" traçaram fantasmagorias no ar... Ballarimando, sombras desceram, mortuárias...

O espectro de Nero, incendiando céos, improvisou nas ruas — a dedilhar o filamento das lampadas electricas.

"O carrilhão annunciara, em Notre-Dame, o meio da noite. Alcancei o boudoir de Claudia: fazia a toilette nocturna, esquecida de minha presença em palacio...

Estava linda, assim! Déshabillé rose, modelando fórmas esculpturaes, corria-lhe aos pés. Os cabellos revoltos, eriçados, refulgentes!

Olhou-me, admirada; jamais me aventurára a tanto!

Sorri...

— "Perdôe-me, Claudia, si me torno importuno e, quiçá, ousado... Chego de Italia; cansado, — oh! dizêl-o não é muito gentil, sei — dormitei um pouco á sua espera e tive um pesadelo horrivel... Queriam arrebatar-m'a!... Um typo estranho, de força terrivel, roubava-me seus carinhos..."

— "Meus carinhos?!"

— "Sim..., embora vá longe o tempo em que m'os dava!...

Ella fez-se silenciosa, indifferente...

Continuei:

— "Aqui está uma carta para a senhora... Chegou ha pouco; quiz eu mesmo, ser seu portador..."

E estendi-lhe a resposta da carta que recebera...

Dizia-lhe todo o amor de Claude Glverne... soffrimentos e pungires da alma enthusiasta, referta de carinhos... Revelava-lhe o mysterio do nome que dominava Paris, toda a vida que vibrara nesses livros.

de W. Clark Russell

salgada. De repente, observei um objecto que brilhava no mar, a pouca distancia da popa, e chamei a attenção do commandante.

Este disse que era um dos pequenos barris de manteiga que tinhamos a bordo da barca. Colhemol-o, com o auxilio de um remo, e, como estavamos mortos de fome, comemos a manteiga. Mas estava tão salgada, que augmentou nossa sêde.

A faca que haviamos utilizado para abrir o barril estava no fundo do bote e, a um descuido nosso, Burke se apoderou della e se atirou para o commandante. Vibrou-se uma facada, mas o grosso impermeavel do commandante supportou o golpe. E, antes que elle tivesse tempo de levantar novamente sua mão armada, seguramos Burke. Mas, estavamos fracos, e, quando o pobre diabo começou a acalmar-se, o largámos.

Depois, cahiu a segunda noite. Pensei que não veriamos a luz de um novo dia. Minha sêde não era tão aguda, mas eu sentia um bater surdo na garganta e uma dor que me contrahia as mandibulas, fazendo-me soffrer como um condemnado. Quando surgiu o dia, olhei para meus companheiros e vi Burke com os olhos fechados.

— Morto! — gritei.

— E' o primeiro — disse o commandante. — Deus tenha misericordia de nós.

Depois de recitar-lhe uma oração, que nunca nos sahiu tão profunda nem tão dolorosa lançámos o cadaver ao mar.

A sêde começou, então, a torturar Parsons e Daly, que lamberam, como Burke no dia anterior, a agua salgada do fundo do bote.

Eu não sei como passamos, semi-inconscientes, tantas horas semelhantes a seculos. Chegou, afinal, a quinta-feira, e o tempo se illuminou, diminuiu o vento e o mar se tornou tranquillo. Retirámos os remos, conservámos um levantado á maneira de mastro e com nossos impermeaveis fabricámos uma especie de vela. O vento, transformado em leve brisa do sul, nos impellia para a costa irlandeza, segundo pensavamos.

O cahir da noite foi como o ultimátum da propria morte. Ao encontrar-nos frente a frente com as trevas, nos sentimos perdidos para sempre. Havia noventa horas que navegavamos em um bote aberto, sem outro alimento além de manteiga salgada, e sem beber. No emtanto, quando brilhou a manhã da sexta-feira, ainda estavamos vivos. Teriamos que soffrer outra noite? Parsons, que se achava apoiado com o peito sobre um dos bordos, levantou-se, de repente, indicando alguma coisa com a mão. Tinha a bôcca cheia de espuma e não poude dizer uma palavra siquer. Olhámos todos na direcção que elle apontava, e vimos um grande veleiro, que se dirigia directamente para o nosso lado. Como o olhavamos! Estavamos todos em pé, sem pronunciar uma phrase.

Era a barca "Bôa Esperança", commandada por um marinheiro tão humano, que, quando o recordo, tenho vontade de chorar.

Esta é a historia, ou, pelo menos, a parte da historia que vale a pena contar.

---

esforço inaudito para a conquista suprema do Ideal! Tel-a para mim, Vestal de um Templo erguido num valle, numa encosta, num cimo de montanha, longe da maldade humana! Que se abandonasse Paris, que se esquecesse tudo: promettia-lhe mundos de riqueza incontaveis!...

Despedira-me, imperiosa, ao ver a letra firmada no envelloppe... Retirei-me dizendo aguardal-a em meus aposentos... — E' que os tornaria festivos!... Ao centro, pequenina mesa — serviço para dois —, floridamente alegre... Pelas janelas escancaradas, cavalgatas de luz prateada...

Algum tempo correu; meia hora, talvez; em minha ansiedade senti o infinito.

Claudia, sem bater, carta na mão, transpoz o humbral... com, braços abertos..." — Olhou-me, sorriu — na boca immortal de uma Judith!

Estaquei.

Indicando a carta, olhos em chispas: "Tu! tu, Claude Giverne?!!"

E uma risada escarninha clarinou o espaço, nervosamente...

— "Sim, Claudia, eu..."

Arqueando o talhe, nova Medéa augusta, olhou-me sinistramente, protervamente...

Sua mão ergueu-se — rapida como um condor — Segando as nuvens — e fustigou-me a face!"

Na estufa, uma acha crepita, faiscante; algumas brazas soltas correm de sobre o montão de lenha; um relampago de luz mais intensa acorda fantasmagorias nas faces pallidas e enrugadas do conde; o silencio pesa, acerbo...

"Prendi-lhe o pulso, outra vez no ar, prompto a repetir o gesto... Trouxe-a de rasto a essa mesma secretária que ahi está, cujas gavetas devassei em movimentos febris...

Retirei suas cartas, que fiz, irado, esparsas pelo chão... Tomei o contracto firmado pelo editor — em o qual se compromettia a silenciar minha identidade —, dando-lh'o a ler...

... E seus lábios murmuraram...: "Jean, perdôa!..." ... E toda ella tremeu, convulsa... Genuflexa, estendendo o pulso maculado — circulo negro a sobresahir na pelle lactea —, um sorriso baillando sob as lagrimas: "... o grilhão do meu amor!... pertenço-te!... Amo-te, sou Tua!..."

Soluçante, a voz faz trêmulos os lábios, e dança..., dança confrangedoramente na tepidez do ambiente...

Depois, como um rebentamento de harpa, em que as cordas, uma a uma, numa ronda desenfreada se partissem todas:

"Por um momento reconstitui todo o passado!...

Como féra longo tempo enjaulada; terrível na revolta da dignidade de uma ultima vez offendida, tive horror ás lagrimas que via, escorrendo em catadupas, sorrindo!

Num repente de louco, alma torturada, fugi espavorido á visão funeral dos meus sonhos!"

E, como se falasse comsigo mesmo:

"Claude Giverne escreveu ainda um livro: "Butus!"... e desappareceu do mundo literário..."

O SOLUÇO

De Albert Acremant

DIZ-SE que o soluço é signal de bôa saúde, e por isso a senhora Vermiron não se inquietava com o seu. Havia cinco minutos, com intervallos bastante regulares, ella tinha contracções na garganta, e que lhe sacudiam todo o corpo.

A senhora Vermiron era uma mulher de quarenta e cinco annos, casada com um funccionario publico, e tinha dois filhos, que estudavam no Nacional.

Sem más intenções, e sem outro motivo além de seu habitual bom humor, o marido e os filhos riam toda vez que o soluço se manifestava. A senhora Vermiron, que começou a rir com elles, acabou impacientando-se.

— Em vez de estarem ahi a achar graça, bem poderiam tirar-me este soluço — exclamou, por fim.

O senhor Vermiron, que ouvira falar da efficacia de um susto nesses casos, segurou brusacamente sua mulher pelo braço, e disse:

— Cuidado!

O processo era infantil. O soluço não desappareceu.

O marido sahiu da sala de jantar, e cinco minutos depois voltou agitado.

— Sabes o que nos occorre?

— Que é?

— A criada vae embora! Que catástrophe!

— Tenhamos paciencia — suspirou a senhora Vermiron. — Peor poderia ser...

Fracassado o novo processo, pois o soluço continuava, um dos filhos desceu ao café e pediu ao garçon que subisse para dizer que a senhora Plongeot, a amiga mais intima da senhora Vermiron, tivéra uma congestão e estava gravissima.

— Espantoso! — exclamou o marido, para augmentar a angustia de sua mulher.

— Não o creias — disse esta. — Soffria muito, a pobre, e a morte seria, para ella, um descanso.

O soluço continuava, cada vez mais violento.

Entrou a criada com um envelope com o sinete da Directoria de Contribuições. Era um officio em que o director lhe communicava que, por negligencia, elle fôra dispensado.

— Isto é horrivel! — gritou o senhor Vermiron, fingindo grande desespero.

Sua mulher, muito tranquilla, o consolava.

— Ao contrario, querido. Deves alegrar-te. Assim descansarás. Viajaremos e...

Não poude continuar, porque o soluço lhe impediu.

— Para grandes males, grandes remedios — pensou o outro filho.

E despediu-se para ir para o collegio.

Poucos minutos depois, chamaram a senhora Vermiron ao telephone.

— Senhora — dizia-lhe uma voz. — Sua mãe...

— Que ha? Fale!

— Acaba de ser atropelada por um automovel.

— Está ferida?

— Está morta. Falleceu subitamente.

— Graças a Deus! Minha mãe não soffreu! Sempre pedia ao Senhor que a livrasse de uma agonia penosa». Em meio de minha dôr, fica-me este consolo.

Começou a rezar. Chorava, mas estava tranquilla.

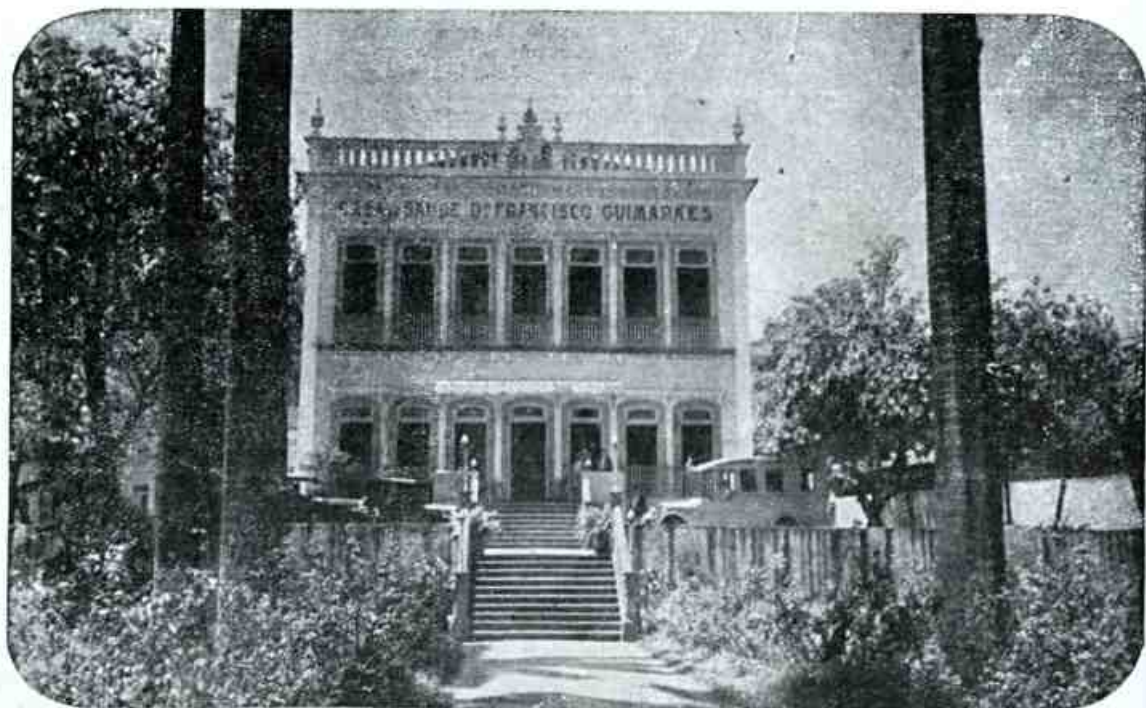
O soluço, entretanto, continuava, e o marido julgou chegado o momento de ir consultar o medico.

— Vamos.

Sahiram. Tinham que atravessar o rio. Ao chegar no meio da ponte, o senhor Vermiron disse á sua mulher que se inclinasse para ver uma barca. Ao fazêl-o, a senhora Vermiron foi empurrada pelo marido, e, recebendo a impressão de que ia cahir ao rio, lançou um grito de espanto. O susto foi enorme. O soluço desappareceu.

Desgraçadamente, ella morreu dois mezes depois, victima de um ataque do coração.

O AVARENTO

De Albert Fournier

DURANTE alguns annos, elle deixou pagar a todo mundo, mas sempre repetia a mesma cantilena, á maneira de desculpa. "Outra vez me tocará a mim". Almoçava e jantava com frequencia em companhia de um amigo nervoso, o amigo dilecto de todas ás horas de gasto.

Ao chegar o momento de pagar, o avarento tirava do bolso, com alguma lentidão, uma cadeia de nickel, imitando platina, a cujo extremo parecia que devia estar um porta-moedas. Parecia somente.... Depois de ver tirar uns centimetros de cadeia, o amigo, impaciente, tomava a conta e.... pagava.

O truc dera resultado.

Afinal, a victima, um dia, se rebellou.

— Pagaremos um de cada vez — propoz o amigo do avarento.

— De accordo — disse o outro. — Tu pagarás o almoço e eu o jantar. Que te parece?

— Não, porque o almoço é mais copioso, e tu não admittirás uma injustiça. Alternaremos e fixaremos o numero de pratos.

— Como queiras.

— E' o que me parece melhor.

— Pois seja.

Assim se fez. Viu-se, então, que, ao fim de tres metros de cadeia, surgia um porta-moedas enorme de couro.

Estabelecido esse systema, nosso homem só teve um recurso. Quando lhe cabia a vez de pagar, elle se declarava satisfeito depois de tomar a sopa, e olhava seu amigo e lançava aphorismos como este: "O homem cava seu tumulo com o garfo", e "O melhor processo para saborear o vinho é pôr na lingua uma gotta, só uma gotta. Assim não se estraga o estomago". Ou então: "Estás um pouco pallido ha dias. Não te convém comer muito".

No jantar seguinte — cujo pagamento não lhe tocava — elle mudava de aphorismos: "O trabalho intellectual requer uma alimentação abundante". Ou: "Os que bebem agua estão sujeitos a uma enfermidade cerebral". Ou então: "Estás doente? Por que comes tão pouco?"

E para não desmentir o que affirmavam seus aphorismos de opportunidade, o avarento comia mais e melhor, com uma fome canina, com um apetite multiplicado até o infinito.

Após varias semanas de experiencia, renunciou a esse pagamento alternado, e, depois de provocar uma discussão por um motivo insignificante, se aborreceu com seu amigo dilecto. E anda a dizer por toda parte, e a quem quer ouvil-o, que alimentou aquelle ingrato, recordando-se unicamente das vezes que lhe correspondeu pagar. Lamenta-se, pois, de bôa fé, da ingratidão humana.

Agora come só, com muita sobriedade! A' meia noite, entra em um restaurante muito frequentado, onde conhece todo mundo. Formam a freguezia literatos, pintores, artistas, bohemios, gente de theatro.... Toma um pouco de cerveja em uma mesa, um sandwich noutra, um pouco de azeitonas ou salada de verduras aqui, massas ali. Assegura que é nervoso. "Não posso estar sentado um minuto em logar algum" — diz.

E retira-se triumphante para sua casa, jantado e com uma vaga dôr no coração...

OS OCULOS PERDIDOS

De MAURICE DEKOBRA

O senhor Lehourlis fechou com precaução a porta do quarto. Eram duas e meia da madrugada. Cahia uma chuva negra e forte, que innundava as ruas, então desertas. O senhor Lehourlis confiava em que, por effeito do ruidoso temporal, sua mulher não o ouviria entrar. A's duas e meia, a senhora Lehourlis devia, certamente, estar dormindo.

O marido tirava, prudentemente, os sapatos, quando sua esposa surgiu no aposento. A mulher olhou o marido de cima a baixo e, mostrando o relogio, disse simplesmente:

— Duas e trinta e tres minutos!

— Tens razão, minha filha... Mas imagina que, depois da reunião dos radicaes integros, fomos beber uns bocks no café...

— Sim, sim... De que côr são os cabellos de teus radicaes integros? Negros ou loiros?

— Clotilde!... Não hás de suppôr...

— Não supponho nada. Tenho certeza...

— Oh!...

A senhora Lehourlis avançou para o culpado, que estava sentado á beira da cadeira, lançou-lhe um olhar de despreso e perguntou:

— Miseravel, não te contentas commigo?

A attitude do marido causava pena.

— Mas, Clotilde, estás brincando?

— Um homem como tu, enganar-me com outras sujeitas!

— Estás equivocada, mulher... Estás equivocada.

— Não has de querer convencer-me de que princezas de sangue ou mulheres do *grand monde* se accommodam com teu craneo pellado, com tua barba em ponta, que mais parece uma escova, e com tua bocca de tubarão... Porque supponho que não terás a pretenção de ser bello e amado por ti mesmo.

— Com effeito, não sou um Adonis. Mas dahi a transformar-me em um espantalho existe muita differença. Precisamente a senhora Soupinol me diz, com frequencia, que tenho os olhos preciosos.

— Que tolice! O que tens são uns olhos de sapo!... Pobre Don Juan de oculos!... Causas-me dó!... Tiraste os oculos para que ella não os quebrasse ao abraçar-te?

O senhor Lehourlis levantou-se e revistou os bolsos do collete. Em vão procurou os oculos. Depois revistou os bolsos do paletó e das calças, e, cada vez mais inquieto, metteu a mão nos sobretudo. Mas não encontrou o que procurava. Sua esposa dizia, sorrindo:

— Sem duvida os deixaste em sua casa.

— Devo têl-os deixado no café.

— Nunca deixas os oculos na mesa do café... No emtanto, mais de vinte vezes os abandonaste sobre a mesa de cabeceira... E' teu costume... Conheço-te, miseravel!

— O que dizes é absurdo, e eu te repito que não te engano com ninguem, e que, simplesmente, os deixei na sala Robespierre, ou seja no café do Polo Sul.

— Está bem!... Dentro em pouco saberei o que fazer!...

— Como?

— Isso não te importa... Antes de quarenta e oito horas saberei si é verdade o que dizes.

Embora o senhor Lehourlis continuasse a falar, com o intuito de sua esposa se convencer de que elle era o mais fiel dos maridos, não conseguiu seu proposito.

Cada vez mais irritada, a senhora o deteve com um gesto de profundo despreso, e sahiu gritando:

— Veremos!... Veremos!...

No dia seguinte, o senhor Lehourlis, sem ligar ao aborrecimento de sua esposa, se dirigiu ao café, sorrindo ironicamente. Seus companheiros de bridge começaram a troçar delle com palavras de duplo sentido.

O senhor Lehourlis não podia adivinhar a verdadeira causa daquelles chistosos jogos de palavras. Era que um dos amigos havia lido nos jornaes de Lyon e communicado a seus collegas um annuncio redigido nos seguintes termos:

"A senhora C. L., residente á rua do Ródano, numero 133, convida a senhora em cuja casa o senhor A. L. esqueceu os oculos, a devolvel-os urgentemente, pelo correio, si não quizer expôr-se a sérios aborrecimentos. A bom entendedor... saúde."

A's nove da manhã do dia seguinte, o senhor Lehourlis partiu para o escriptorio sem abraçar a esposa, que continuava bastante aborrecida.

A's nove e dez, a criada bateu á porta do aposento, dizendo:

— Patrôa, o carteiro!

A dona da casa mandou que o funccionario entrasse, e delle recebeu varios embrulhos pequenos, de fórmas variadas. Depois de assignar o recibo, abriu o primeiro embrulho, e, dentro delle, encontrou uns oculos. O segundo, o terceiro, o quarto, o quinto e assim successivamente, continham tambem outros tantos oculos...

A ADIVINHA

De JEAN BONOT

Ao sahir de seu escriptorio, o senhor Lehoux foi abordado, na rua, por um velho, que lhe entregou um prospecto.

Era o annuncio de uma adivinha, Dolores de Memphis, que, por cinco francos, descerrava o véo do futuro.

Mesmo que o senhor Lehoux só esperasse alguma pequena promoção em sua carreira burocratica e um modesto retiro no campo, em companhia de sua mulher e de seu cão, bem poderia occorrer-lhe ainda alguma coisa imprevista: ganhar uma herança, ter um premio de alguma loteria... De resto, que arriscava indo á casa da adivinha? Cinco francos.

Minutos depois, o senhor Lehoux estava na casa de Dolores Memphis. A adivinha lhe disse:

— O senhor viverá longos annos. Conhecerá dias felizes e alguns máos quartos de hora. Espere! Um momento. Esta linha da mão... Procure não se encontrar com sua sogra durante duas semanas...

— Por que?

— Porque, si o senhor a vir dentro de quinze dias, não mais a verá para o resto da vida.

— Está certa disso?

— Certissima.

— Não é preciso mais, minha senhora.

E pagou os cinco francos da consulta.

Chegando á rua, dirigiu-se velozmente a um café e escreveu a sua sogra, a viuva Truffard, que residia em Bécon, a seguinte carta:

"Querida mamãe. — Que é de sua vida? Venha amanhã jantar comnosco. Teremos os pratos de que você gosta. Um abraço do seu genro — *Adolpho*."

Poz a carta no correio, contentissimo. A experiencia que tentava o divertia enormemente. Si a adivinha se enganasse, nada aconteceria. Mas, si acertasse, e sua sogra deixasse este mundo, no dia seguinte, nunca mais em sua vida a veria.

Longe de atirar-se em seus braços, cheia de alegria, Angela, sua esposa, soltou um grito de espanto quando teve conhecimento da carta.

— Não, Adolpho! E' preciso que mamãe não venha! — exclamou.

— Por que?

— Porque, na rua, me deram o annuncio de uma adivinha, Dolores de Memphis, e eu fui consultal-a. E sabes o que me disse ella? Que, si, nestes quinze dias, mamãe vier a minha casa, tu não mais tornarás a vêl-a.

— E acreditas nessas bobagens? — disse Adolpho.

— E' necessario fazer com que mamãe não venha — insistiu Angela.

— Não. Seria ridiculo. Tua mãe virá almoçar comnosco, e verás como não morrerá.

— Não se trata de sua morte.

— De uma viagem, então? De uma briga?

— Tambem não.

E Angela explicou a seu marido que, tendo dado outros cinco francos, além do preço da consulta, a adivinha lhe dissera que, si nesses quinze dias, a senhora Truffard visse seu genro, lhe arrancaria os olhos.

— Por isso é que não mais a verias.

Então, Adolpho Lehoux, que não acreditava nas adivinhas, se apressou a sahir.

— Volto já, Angela.

— Aonde vaes?

— Tenho pena de ti e vou escrever a tua mãe dizendo que não venha. Assim dormirás tranquilla.

Em meia hora

V. S. póde ganhar

5:000$000

QUALQUER pessôa póde, na calma do seu lar, escrever facilmente 250 palavras em meia hora. E essas 250 palavras, ou menos, pódem trazer-lhe a satisfacção do primeiro premio, no grande Concurso da Sul America.

O Concurso resume-se em enviar á Sul America um artigo ou composição com suas opiniões sobre o thema "O QUE O SEGURO DE VIDA REPRESENTA PARA MIM", e póde ser desenvolvido da fórma que aprouver ao concorrente, utilizando as suas inclinações literarias.

Um folheto, enviado gratis pela Sul America, muito o auxiliará, fornecendo os elementos necessarios para a sua composição.

Os juizes, cinco nomes do mais alto prestigio em nosso mundo intellectual, julgarão pelo seu justo valor os trabalhos recebidos e escolherão os que se fizerem merecedores dos premios.

Candidate-se V. S. ao primeiro premio, externando o seu modo de sentir sobre o thema do Concurso. Poderá ganhar uma apreciavel somma e, ao mesmo tempo, conseguir popularidade com o exito do seu trabalho.

Dr. Aloysio de Castro

Dr. James Darcy

As condições do concurso

Todas as cartas deverão ser enviadas em enveloppe fechado e marcado "CONCURSO", endereçadas á Sul America, Companhia Nacional de Seguros de Vida, Caixa 1946, Rio de Janeiro, de fórma que cheguem á séde até 31 de Outubro.

Terminado o concurso, poderão ser publicados "fac-similes" das composições submettidas e premiadas, pois passarão a ser propriedade da Companhia.

Nem os auxiliares da Companhia Sul America nem seus agentes poderão participar do concurso. Os nomes e endereços de cada concorrente deverão figurar claramente nas provas submettidas.

A decisão dos juizes é definitiva.

A Companhia não poderá manter correspondencia sobre o Concurso.

Dr. Vergne de Abreu

Dr. João Ribeiro

Dr. Alvaro Pereira

Os premios, todos em dinheiro, são os seguintes:

Um 1.º premio	5:000$000
Um 2.º "	2:000$000
Um 3.º "	1:000$000
e mais 20 de	100$000

Remetta-nos este coupon e enviaremos um folheto que o auxiliará a ganhar o premio almejado.

SUL AMERICA - CONCURSO

Caixa Postal, 1946 — Rio de Janeiro

Queiram enviar-me o folheto com informações detalhadas sobre Seguros de Vida.

Nome ____________________

Rua e Numero ____________________

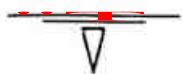
Cidade ____________________

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

NUMERO 38 **FON-FON** ANNO XXV

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1931

Piron e Fallmerayer

NA historia da Academia Franceza, o nome de Piron ficou celebre. O livro famoso de Frederic Masson, secretario geral da grande instituição, sobre a mesma, occupa-se do poeta e escriptor a cada passo. Piron é o autor dos melhores epigrammas feitos, desde o seculo de Luiz XIV até hoje, contra os quarenta immortaes e sua illustre casa.

Ao morrer, enviou á Academia seu testamento e é nelle que se contem seu ironico epitaphio:

Ci-git Piron, qui ne fut rien,
pas même académicien.

Esse mote lugubre e picaresco ao mesmo tempo já foi glosado ao avesso de maneira interessante e original.

Fallmerayer, sabio bávaro de renome mundial, victima da politica, perdeu seu lugar de professor na Universidade de Munich e todas as suas distincções honorificas, somente salvando da derrocada o titulo de membro da Academia de Sciencias, que o governo de seu paiz não lhe póde tirar. O partido vencedor não teve contemplações com o infeliz intellectual e, mau grado seu alto valor e os serviços prestados á patria nas sciencias e nas letras, não lhe perdoou ter participado do partido vencido e demittiu-o summariamente.

Tratando de sua personalidade, a *Revue de l'Instruction Publique* de França, disse que, depois da quéda de seus amigos politicos, o notavel filho da terra da bôa cerveja e do culto de Gambrinus

.... ne fut rien,
helas! qu'académicien!...

Ainda bem que lhe sobrára, como salvado do naufragio dos fructos de seus longos annos de trabalho, o titulo invejado. Por toda a parte, ha Fallmerayers que, por effeito das reviravoltas sociaes, ficam nas mesmas condições. Mas o que os consola é que esse titulo indestructivel ainda lhes fica, emquanto que aos poderosos sem letras e sem nome, quando cáem, nada lhes resta, nem isso. E nem delles mais se occupam os artigos de jornaes e revistas.

Talvez seja por isso que os politicos gostam tanto de ser academicos. Assim, têem sempre qualquer coisa a salvar...

JOÃO DO NORTE

FELICIDADE

O velhinho bateu com o seu bordão. Parára, cansado, deante daquella casinha verde em que as trepadeiras se enroscavam, ostentando, de quando em quanção, os seus jasmins e as suas epoméas. Olhou então aquella casa assim protegida de flores, no alto do monte, sem outras casas em redor, como uma grande flor solitaria e orgulhosa, e pensou, num arrepio supersticioso, que ali com certeza moravam fadas...

Bateu segunda vez e, então, abriu-se a porta e uma cara bonita de mulher surgiu, num riso muito humano e numa voz muito meiga: «Que queres, bom velhinho?» Elle, tremendo ainda, interrogou:

— E's uma fada, não és?

A mulher da casa verde enroscada de trepadeiras riu no mente e, abrindo a porta de par em par, falou ao viajor ancião.

— Sou, realmente, a fada querida do meu esposo e do meu filho. Olha para aquella rêde...

Na rêde dormia um pequenino de mezes, com um leve sorriso na boquinha rosada, como si estivesse a sonhar com os anjos...

— E' o meu filhinho. Lindo como os amores, não achas? Pois elle é o retrato do meu guerreiro! No entanto, os olhos são os meus, repara: olhos de jaboticaba madura...

O velhinho teve a certeza, então, de que não pisava um F' encantado e estava deante de criaturas humanas.

«Tenho fome e tenho sêde! — falou elle, olhando os olhos i. gros da sua generosa hospedeira.» A mulher da casa verde enroscada de trepadeiras levou-o ao interior da casa e, collocando sobre a sua mesa abençoada uma toalha muito branca, serviu-o, como si fosse Jesus que a visitasse, do seu pão e do seu vinho.

Um chôro de criança interrompeu o silencio que se fizera. Então ella foi beijar o filhinho e, erguendo-o nos braços, amorosamente, falou ao ancião, apontando-lhe a rêde:

— Estás farto. Agora descansa o teu corpo cansado.

O visitante de cabellos de neve estava maravilhado. Emquanto descansava, a mulher da casa verde enroscada de trepadeiras sentou-se proximo á rêde, com o filhinho aconchegado ao regaço.

— Tu vives contente, morando aqui, longe das criaturas?

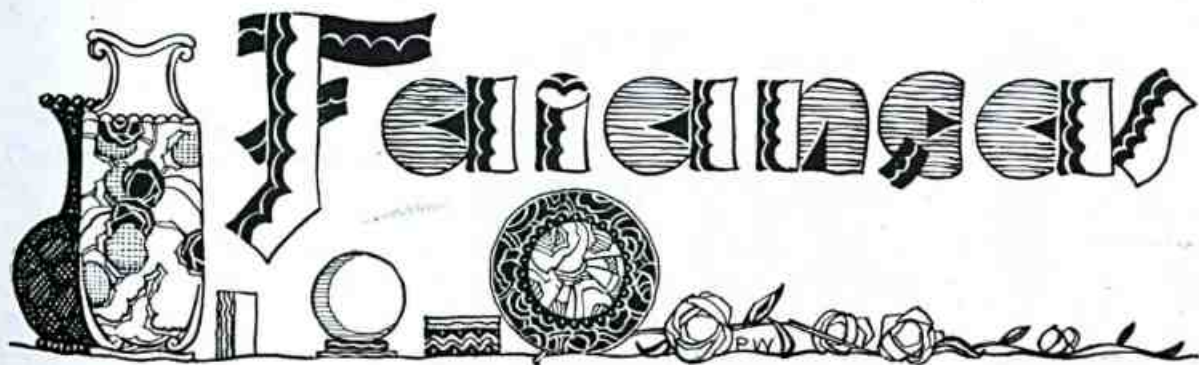
— Escuta — disse ella. — Eu, um dia, amei e o meu amado, que é um guerreiro forte, trouxe-me para aqui e Deus mandou-nos este filho. Eu sou uma fada, sim. Minha varinha de condão é o meu amor. Eu teço a ventura e a belleza desta casa verde. Meu marido beija-me pela manhã, eu digo-lhe ao ouvido palavras doces, sou bem a musa das suas bravuras, e elle monta no seu cavallo invencível, e parte, e vae lutar, e vae vencer, e volta, depois, quando a tarde é um punhado de ouro, mais amoroso e mais bello. E eu fico embellezando a nossa casa, criando o nosso filho, a cantar, doida de alegria, como si tivesse guizos faceiros na garganta e no coração... Quando chegaste, eu estava calada, para não acordar o pequenino. E, logo mais, quando o meu amado voltar, vamos nós dois, eu com o filhinho nos braços, elle cingindo-me a cintura, passear entre as macieiras em flor... Achas ainda que devo ter saudades do mundo?

— Mas para que o teu amado preferiu a solidão ao ruido?

A mulher da casa verde enroscada de trepadeiras sorriu mais uma vez e falou, mysteriosa como uma fada:

— E' para livrar o nosso Amor da inveja dos homens! E' porque aqui, bom velhinho — ainda não adivinhaste? — môra a Felicidade...

Maura de Senna Pereira

PAULO WERNECK: ILLUST.

SER OU NÃO SER AMADO

O Amor, como os outros deuses mythologicos, — é um só. Possúe, porém, nomes differentes — conforme a latitude em que é invocado: Eros, Cupido, Endovélico... Adonis, Priapo, etc., não deixam de ser o Amor dos phenicios. Venus é conhecida por Venus Genetrix, Venus Urania, Venus Calva, Venus Volupia, Venus Myrtêa, Aphrodite... Diana, em Roma, era a Artemisa grega.

Emfim, todos sabem que ha o amor-proprio, o amor-paixão, o amor-interesse, o amor carnal, o amor-amor... e ha tambem o amor incerteza, que é, afinal, o unico amor que conheço.

... Sob a melancolia da tarde, abro um livro de autor italiano.

E o trecho que me cáe sob os olhos é expressivo: "Quando si lasciavano, si dicevano saudades, parola portoghese che contiene un insieme di nostalgia, di desiderio e di saluto; quando egli la stringeva contro il suo petto, ella, con gli occhi semi-chiusi e la bocca semi-aperta, gli diceva l'espressione serba più dolce: "Serze moje! che vuol dire: "Cuor mio!"

Essa scena leva o meu espirito a conjecturar, mais uma vez, sobre a incerteza de que o meu amor se alimenta.

Talvez elle viva só por esse motivo... Talvez não viva, e seja apenas uma illusão doce e amavel. Na realidade elle é o amor feito de incerteza.

Todas as noites, quando os meus olhos se cerram para o somno, ha no meu espirito uma duvida atroz: a mesma que torturava o sombrio principe da Dinamarca: "Sêr ou não sêr".

E, pela manhã, quer a luz solar me entre, em borbotões, o quadro largo da janella, e as rosas, em baixo, no jardim, sorriam mais coradas, ou mais pallidas, persiste a dúvida inquietadora: "Sêr ou não ser."

Sim. E' de mortificar uma alma, um coração, essa incerteza de que sejamos amados.

Barbusse, numa linguagem crúa, linguagem que procura avelludar, á maneira de Eça, com o "manto diaphano da fantasia", — faz notar que, nem mesmo no momento supremo em que duas vidas se fundem, nos paroxismos do amor, os corações se unem. Isto é, cada sêr permanece integralmente separado do outro.

Eu acredito, assim, que a essencia verdadeira do amor é a incerteza.

No dia em que se tem a convicção absoluta de que se é amado, ha como que um desencanto que

(Conc. na pag. 27)

A GLORIA DOS POETAS

Quem vê a figurinha graciosa de Yvonne Muniz Bastos percebe, logo, que ha nos seus olhos um brilho invulgar. Quasi criança, ainda, ella já é uma revelação artistica. Toca violão e declama. Declama, principalmente, com uma vibração e uma technica que muita gente grande não possue. No seu ultimo recital, realizado no «Studio Nicolas», Yvonne alcançou um successo notavel dizendo poesias de Adelmar Tavares, Olegario Marianno, Oswaldo Santiago, Murillo Araujo, Maria Sabina e muitos outros.

Trepações

TARDE radiante.

A Avenida sorria, plena de silhuetas elegantes.

Madame, sahindo de uma casa commercial, atravessou a calçada e subiu para um automovel.

Estava linda, de chamar a attenção dos mirones vadios, pescadores impenitentes de aventuras faceis...

Madame parecia ter pressa de chegar em casa.

Quando o automovel partiu, ella, entretanto, deitou a cabeça para fóra do vehiculo, sacudindo a mão enluvada num adeus demorado, significativo...

Procurámos identificar o felizardo.

Elle estava plantado no meio-fio, sorrindo venturosamente, com olhar esticado, olhar de cabra morta...

O joven militar, si pudesse, teria partido atraz do automovel, mas... não era conveniente.

Estava certo.

Nós, que nunca imaginamos madame capaz de transtornar a cabeça de um moço, e que eramos tambem capaz de jurar pelas onze mil virgens, etc., cahimos das nuvens...

E, muito á puridade, confessamos: tivémos inveja da sorte do rapaz...

ESTA' desfeita a união que vinha resistindo á monotonia das coisas muito demoradas...

Foi numa sala de baile que se viram pela primeira vez.

O ambiente era demasiadamente ruidoso, para que os nervos se mantivessem equilibrados.

Ondas de perfumes, nuvens de papeis de côres, o tilintar das taças, o grito nervoso dos *jazz*, o ether penetrante em todas as narinas, conturbando os espiritos... Plena loucura...

Ella, uma figurinha de lenda, desprezada pelo marido, que andava saracoteando pelos salões, nos braços de creaturas levianas, curtia a dôr do seu abandono, sentada ao lado de amigas que pareciam soffrer do mesmo mal.

Olhava tudo aquillo com uma revolta que lhe dilacerava o coração, concertando em silencio terrivel vingança para o ingrato marido, quando sentiu que era visada pelos olhares insistentes do moço medico.

A occasião faz o ladrão...

O terraço estava quasi deserto, e ella sentiu necessidade de respirar o ar puro que vinha do oceano.

Lenvantou-se, sozinha, e foi ter ao terraço.

O medico seguiu-a, cautelosamente...

As primeiras palavras, medrosas, depois, o acaso feliz de um encontro em sitio ermo da cidade.

E, desde então, passaram a viver um para o outro, sem ligar grande importancia aos commentarios da sociedade.

Dias, semanas, mezes, annos se passaram, sem que uma nuvem conturbasse tão lindo sonho de felicidade.

Mas, por um capricho tolo, ao que dizem, houve entre ambos sério estremecimento.

Ella suspeitou de uma amiguinha, quiz submetter o medico a uma dura penitencia, e elle reagiu, assumindo attitude que foi considerada insólita.

Quando quiz retroceder, arrependido, era tarde.

Foram inúteis as desculpas, como não produziram effeito as ameaças.

Ella ficou firme...

E acabou-se a historia.

GRAÇAS INFANTIS

Uma «pose» cinematographica do pequeno Humberto, filhinho do casal Luiz Mariti. Elle faz questão, sobretudo, de mostrar que tem bolsos nas calças para guardar... as mãos...

A rapariga morena diz a toda gente que não se confórma com a demora da convocação da Constituinte. Até parece entender das tricas politicas, pois, quando fala, se inflamma, vociféra, ameaçando céos e terra, alludindo ironicamente ao idealismo revolucionario. Patriotismo?! Não. Tudo patriotada... Nem isto. Apenas desespero de quem se viu, e está privada ainda, de gozos fáceis da vida, que lhe eram proporcionados por um illustre cidadão, pensionista de duzentos mil reis diarios do Thesouro Nacional.

Comprehende-se...

O magnata tinha dinheiro fácil, ella fazia parte da sociedade. Que melhor vida podia desejar?!

Mas, os revolucionarios acabaram com a raça dos deputados, e o povo que trabalha parece ter concordado com a medida.

A rapariga morena está, porém, achando ruim.

E, certamente, está pensando que, quando o paiz tiver novamente deputados, elle, o sócio, passará á posição antiga de pensionista dos duzentões diarios.

Sonho, já se vê... mas, é tão bom sonhar!

A rapariga morena deve é cuidar de arranjar outro meio de vida: substituir o ex-deputado pelo vendeiro da esquina mais proxima, para não acabar falando sózinha...

FAIANÇAS

(Conclusão da pag. 25)

arrefece e attenúa o nosso enthusiasmo.

Póde ser que tudo isso seja coisa velha e batida. Em amor, não ha nada de novo a observar, a esclarecer, a commentar. Mas ferir esse thema é sempre um justo motivo para divagações pessoaes. E é quando dizemos tudo o que nos convem ou não nos convem...

Amor incerteza...

Muitas vezes tenho dito a uns olhos voluveis e castanhos, inquietos e pequenos: "Saudades..." E ouço, como no livro italiano, que abri para fechar com a sombra de uma melancolia dentro da alma: "Meu coração..."

Mas que ha de verdadeiro, de real, de constante, de immutavel, em tudo isso?

Apenas a incerteza.

YVES

OS LIVROS DA REVOLUÇÃO

Mattos Pimenta é um nome de projecção no scenario da actividade intellectual brasileira. Jornalista de pulso, servido por um lastro cultural variado e solido, sua acção, á frente da «A Ordem», jornal que dirigiu até á victoria da revolução de outubro, imprimiu real e justa evidencia á sua personalidade pela serenidade e pelo desassombro de suas attitudes. Publicando, agora, «Um grito de alerta no tumulto da Revolução», Mattos Pimenta aprecia os acontecimentos que tiveram como epilogo o movimento de 3 de outubro, estudando a situação brasileira no conjuncto das suas ultimas manifestações de ordem politica, muito embora reconheça que a verdadeira causa da desordem politico-social do paiz seja de natureza economica. Declarando nunca haver apoiado a candidatura do sr. Júlio Prestes, nem a politica do governo federal, como a Alliança Liberal, Mattos Pimenta declara-se, tambem, contrario á Revolução e, no seu interessante trabalho, analysa todos os acontecimentos que agitaram a vida politica nacional, de accordo com o seu ponto de vista pessoal. E' mais um valioso subsidio para a historia da Revolução Brasileira a nova obra do apreciado publicista patricio.

Foi solennemente ratificado, com a troca de notas que se realizou na penultima sexta-feira, no palacio do Itamaraty, entre o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e o encarregado de negocios da Grã-Bretanha, sr. Edward Allis Koeling, o accôrdo commercial entre o Brasil e a Inglaterra, a que a imprensa diaria já se referiu com exuberancia de detalhes. Estavam presentes ao acto, além dos representantes diplomáticos dos dois paizes, altos funccionarios do Ministério das Relações Exteriores. O clichê acima fixa um aspecto da cerimonia.

Balcão Florido

ADEUS...

ADEUS — disse-te, um dia, não sei bem quando.

Adeus... E toda minha alma e todo meu coração eram como um angustioso e profundo rythmo de saudade, a diffundir no velario-cinza da garôa que envolve tua terra distante, os écos mais afflictivos da minha inquietação interior.

Adeus... — repito, tí-lindamente, a esperar, em vão, que, como da outra vez, chegue até mim o éco de consolação da tua propria saudade, a dizer-me: "adeus, não, que se não diz adeus a quem se traz tão dentro do coração..."

Adeus...

E, na garôa envolvente da tua terra, morre, sem levar o éco da sua angustia ao teu coração, este adeus, que, sinto, será o ultimo, — porque passa por ti sem que o ouças, sem que o acolhas no refugio de consolação do teu carinho.

Adeus...

E a ave, de azas partidas, da minha angustiante saudade, no rythmo desordenado e incerto do seu vôo de desespero em tua procura — á procura de tua alma e de teu coração, da miragem verde e cheia de sol com que a fascinaste, um dia — desapparece e perde-se, sem encontrar refugio, no ambiente de sombras e de melancolia da garôa envolvente de tua terra distante...

Adeus...

Nossas almas são bem "um continuo amor e um continuo adeus"...

MAIO NO CEARÁ...

Maio no Ceará... Maio em flor... A inquietação verde do sertão florido... A natureza toda da minha terra na festa floral da volúpia das suas entranhas dolorosas e fecundas...

Tudo isso, toda essa visão de encanto e de deslumbramento, como tão bem a expressou e traduziu a poesia colorida, forte, exaltada, de Henriqueta Galeno, nestes lindos versos:

MAIO NO CEARÁ...

Maio! — tão verde o caminho!
O campo todo coberto de flôr!
A Natureza assemelha-se á mocidade
exuberante que desabrocha numa doida
Alegria de Viver!
Os passaros em revoada,
saúdam aquelle despertar para a Vida,
numa viva orchestração!
Passeiam bandos de namorados,
absorvidos na deliciosa sensação
dos beijos trocados!
Os velhos recordam com carinho
scenas passadas!
Até os animaes participam daquella Renovação:
— fogosos, berrando
e relinchando
em doidas carreiras pelo campo afóra!
O Sol, em clarinadas
de intenso fulgôr,
derrama cataractas de luz
sobre toda a maravilhosa Vegetação!
Maio no Ceará! — a Vida em tudo, a Alegria!
a Illusão!
o Amôr!
A vertigem absorvente do Somho...
A vertigem absorvente da Felicidade...
Que alvoroço estonteante nesta Renovação!
Nos campos, quanto encanto! quanta alacridade!
... ...
Entretanto, ai de quem, abraçado
á Renuncia, isolada
ficou
do banquete da Vida!...
Ai de quem, incomprehendida,
Desilludida,
vive sem viver,
a soffrer
o segredo do seu rythmo interior,
a Ventura que um dia acalentou,
a Illusão que se desfez...
e o vulto de Alguém que por sua Vida passou!...

21 — maio — 1931.

HELIANTHO.

UMA COMPOSITORA BRASILEIRA

Lycia de Biase, a joven e inspirada compositora brasileira, que acaba de alcançar grande successo com a execução, no concerto symphonico do maestro Giannetti, de varias producções do seu estro musical, entre as quaes o bellissimo «Prelúdio n. 2».

CARTAS, PEDAÇOS D'ALMA...

Um cartão cinzento? Indolentemente recostado na poltrona da minha mesa de estudo, eu o fui relendo devagar...

"Boneca!

Sou eu.

E' o velho vaidoso que vem conversar comtigo. Queres que te diga alguma coisa bonita... Mas tu não sabes que "Um impossivel a razão escreve e escreve o sentimento outro impossivel?"

Vae imaginando como eu sou: uma creatura vazia, que nada tendo de seu, recorre ás phrases alheias...

Pobreza de espirito? Covardia? Mais covardia, talvez, porque, quando tu achares pueril e de sensaboria o que te disser, as palavras são dos outros...

O teu tedio, Boneca, é uma fatalidade!

Seculos atraz, já Salomão dizia que nihil novi sub sole...

Como queres, pois, algo de novo?

Não encontrarás!

Eu, sim; eu encontro!

Encontro a ti, que tens nas palavras faladas ou escriptas o milagre da graça.

Mas a graça é um dom.

E é um dom tamanho, que La Fontaine dizia ser ella mais bella do que a belleza...

Procura entender-me, porque, já o dizia Balzac, "une lettre est une ame".

Beija-te as mãos o X..."

Este cartão cinzento... da côr desta tarde melancolica... da côr da minha saudade...

Este cartão cinzento me faz estremecer.

Elle me fala de uma Boneca que sabia seduzir. Que sabia sorrir. Que sabia amar...

Hoje... Essa mesma Boneca é uma interrogação dolorosa.

E eu me revolto contra o pobre cartãozinho cinzento que soprára, inconscientemente, as cinzas da minha saudade...

E eu me revolto contra a Boneca de hontem, que, por prazer, por vaidade, colleccionou as cartas dos seus admiradores para mais tarde zombar da Boneca triste e desillludida...

Para que guardar fragmentos do passado?

Para que, si o Passado é sempre a lagrima do Presente?

A lagrima do Passado...

Como é doce e inoffensiva a lagrima de hontem...

CONCHITA CID

Entre as commemorações do «Dia da Imprensa», promovidas nesta capital por iniciativa da Associação Brasileira de Imprensa, e graças aos esforços de seu illustre presidente, o nosso confrade dr. Herbert Moses, sobresahiu a sessão publica que se realizou na tarde de 10 do corrente, na séde do gremio dos jornalistas, e que deu inicio a outras solennidades igualmente expressivas. Nessa cerimonia, foi tocantemente reverenciada a memória de tres grandes figuras do jornalismo brasileiro, que tombaram em plena luta: Eurydes de Mattos, Mario Rodrigues e Oliveira Gomes, sobre cuja personalidade falaram os nossos collegas Horacio Cartier, Bezerra de Freitas e Victorino de Oliveira.

A gravura de baixo focaliza um grupo das pessôas que tomaram parte no almoço offerecido ao professor de economia politica da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Alcibiades Delamare Nogueira da Gama, pelos academicos da segunda turma do primeiro anno daquelle estabelecimento. Esse ágape, que se realizou na Urca, foi presidido pelo eminente jurista dr. Epitacio Pessôa e teve a presença do dr. Candido de Oliveira Filho, director da Faculdade. No grupo, vê-se o homenageado entre aquelles dois illustres patricios e seus alumnos, promotores do almoço cordial.

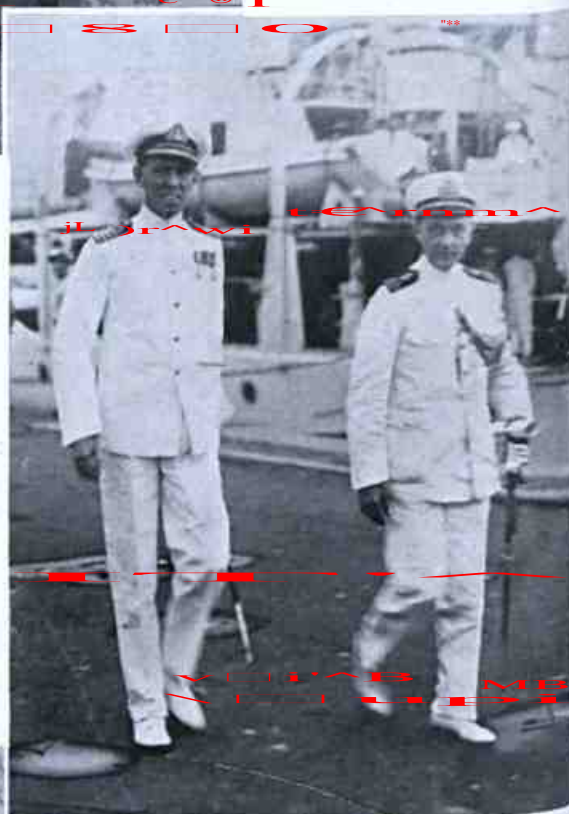
INCOMPREHENSIVEL ...

Chateaubriand disse: «O amor é incomprehensivel: todos os sentimentos se lhe submettem, todas as penas se subordinam á sua illusão.»

Por isso é que eu a não comprehendo, meu amor, minha illusão, minha mentira...

Mauro.

♣

Os directores do Banco do Brasil, amigos e admiradores do ex-presidente daquelle instituto de credito, dr. Mario Brant, prestaram-lhe, quinta-feira penultima, expressiva homenagem, offerecendo-lhe um almoço de despedida, que se realizou no Jockey Club, num ambiente de fina cordialidade.

GAIVOTA

Azas abertas, livre, o espaço immenso corta,
Ora roçando o céo, ora de vaga em vaga...
A alva pluma a oscillar traz-me á lembrança a aza
De um lenço..., de um adeus de alvura que parte morta...

Mergulha... á tona boia e a branca espuma a afaga,
Renda do glauco leito, onde se reconforta...
Embalada, ao sabor da maré, que a transporta,
Lá se vae, mar em fóra, em busca de outra plaga...

Assim... minh'alma, crê, as azas, leve, espalme:
E das vagas de amor, que a lascivia avoluma,
Serenamente ascende ao puro céu de tu'alma.

Embalada, feliz, vive em constante anseio,
De teu corpo beijando a perfumada espuma,
Entre as ondas de carne estuante de teu seio.

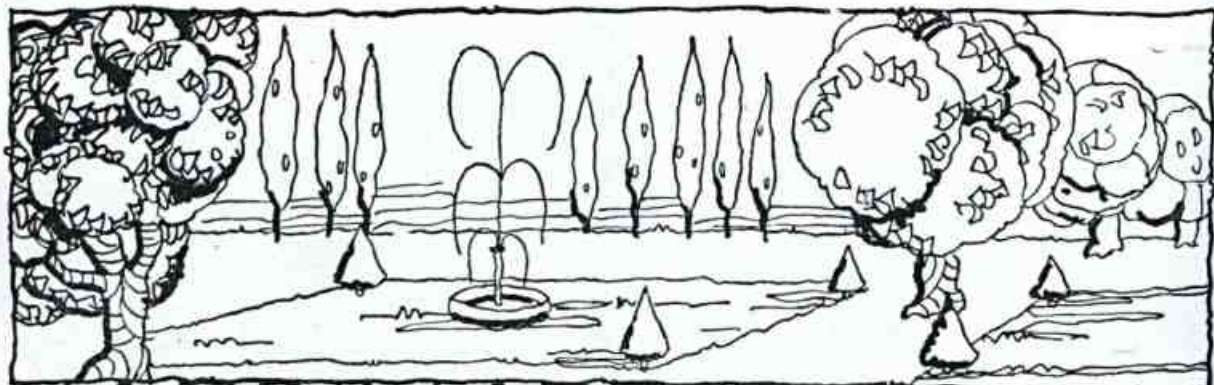
Teixeira Leite.

O commandante do «Dauntless», o cruzador inglez que, procedente de Recife, fundeou na Guanabara, segunda-feira ultima, por occasião de seu desembarque nesta capital, na manhã daquelle dia. O capitão de mar e guerra J. B. Bruce apparece, ahi, acompanhado do official brasileiro posto á sua disposição pelo Ministerio da Marinha, capitão-tenente Victor da Silva Fontes.

A mesa que presidiu á solennidade commemorativa do 63.º anniversario da fundação do Lyceu Literario Portuguez, que se realizou a 10 do corrente, no Gabinete Portuguez de Leitura.

"FON-FON" NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANTUERPIA

Na ultima Exposição Internacional de Antuérpia, FON-FON foi distinguido pelo Jury de Recompensas do referido certamen, que lhe conferiu, além de honroso diploma, uma artística medalha de bronze. Com justificados motivos de desvanecimento estampamos, nesta pagina, a reproducção photographica de ambas as recompensas dispensadas á nossa revista naquella importante feira internacional, recentemente encerrada.

O recital de apresentação das alumnas do curso de declamação da distincta escriptora e apreciada «diseuse», que é Maria Sabina, pelo êxito que o assignalou, marcou um verdadeiro acontecimento artístico na vida da cidade, attrahindo, sexta-feira penultima, ao Studio Nicolas, onde se realizou, o que ha de mais representativo nos nossos círculos de arte e mundanismo. No variado programma apresentado, em que as alumnas da festejada declamadora positivaram o aproveitamento das lições recebidas, figurou o lindo «lever de rideau» «O Abat-Jour e a Mariposa», de autoria do nosso querido companheiro de trabalho Bastos Portela, já tantas vezes enscenado e applaudido nos nossos salões de arte. Esse encantador sainete em verso do delicado poeta de «O Suave Enlevo», pelo «raffinement» do sentimento, da leveza e «charme» do estylo em que foi vasado, constituiu o «clou» da interessante festival artístico. Foram seus interpretes o dr. Bento Martins, que se houve brilhantemente no papel de «Abat-Jour», e Maria Sabina, que fez uma «Mariposa» doidejante de graça nos voluteios da sua fina espiritualidade.

JARDIM ABERTO, D. Jayme

O BARBATÃO-HUMANO

No anno de 1907, estive longos mezes no alto sertão do Ceará, na região comprehendida entre Quixeramobim e Cachoeira, que os matutos chamam, por causa dos rios que a banham, ribeiras do Quixeramobim e do Banabuiú. Na fazenda Taboleiro Grande, ali situada, um sertanejo alto, afamado caçador de onças, o Juca Machado, apontando-me no horizonte o cocuruto dominador da Serra Azul, contou-me curiosa aventura que tivera.

Alguns vaqueiros disseram-lhe que ali apparecia um verdadeiro monstro de fôrma humana, todo negro, todo nú, que uns achavam ser o caipora e outros um lobis-homem. Como essas narrativas se repetissem a miude, resolvera verificar o que havia. Intrépido matador de sussuaranas e pintadas, não o assustava passar o dia e a noite na Serra Azul, e esquadrinhar tudo para desvendar o mysterio. Foi, passou a tarde a bater grotões e furnas, sem que nada visse. A noite surprehendeu-o em uma clareira, lá no alto da montanha. Armou a pequena rêde, o fiangô, no alto duma arvore e se deitou. Mal a lua nasceu, surgiu no limpo, agachando-se, um vulto de homem, negro e nú, que o espantou pela sua attitude mysteriosa e pela sua nervosa agilidade. Chegou junto de umas pedras que se erguiam entre moitas de arbustos espinhosos e desappareceu.

Sem poder conciliar o somno, o Juca Machado esperou algum tempo, olhos á espreita, ouvido á escuta. Tudo era luz branca e silencio, cortado a espaços pelo gargalhar das corujas e dos jucurutús, pelo rizinho dos bacuráus e pelo uivo longinquo das maçarocas tia caça.

O caçador desceu da arvore e deslisou pelo capinzal até as pedras, levando os rêlhos com que pendurara a rêde na ramaria. Numa lapa, que fedia como as furnas das onças, o estranho vulto negro, cahido de bôrco, resonava. Um pulo e Juca Machado se achava sobre elle, passava-lhe rapidamente um laço nas mãos, amarrava-lhe os pés com um bom nó de porco e arrastava-o para o luar, apesar da sua resistencia, dos seus roncos, dos seus arquejos de peixe fóra da agua.

— Mas — dizia-me o Juca, naquelle tempo — eu tenho pratica de amarrar onça-tigre, que dirá gente!...

A' luz da lua, o caçador examinou o homem, porque era um homem e não o caipora ou o lobis-homem, como diziam. Era um negro já idoso, de carapinha basta e alvejando em alguns pontos, forte como um touro, inteiramente nú e reduzido ao mais profundo e completo estado de selvageria.

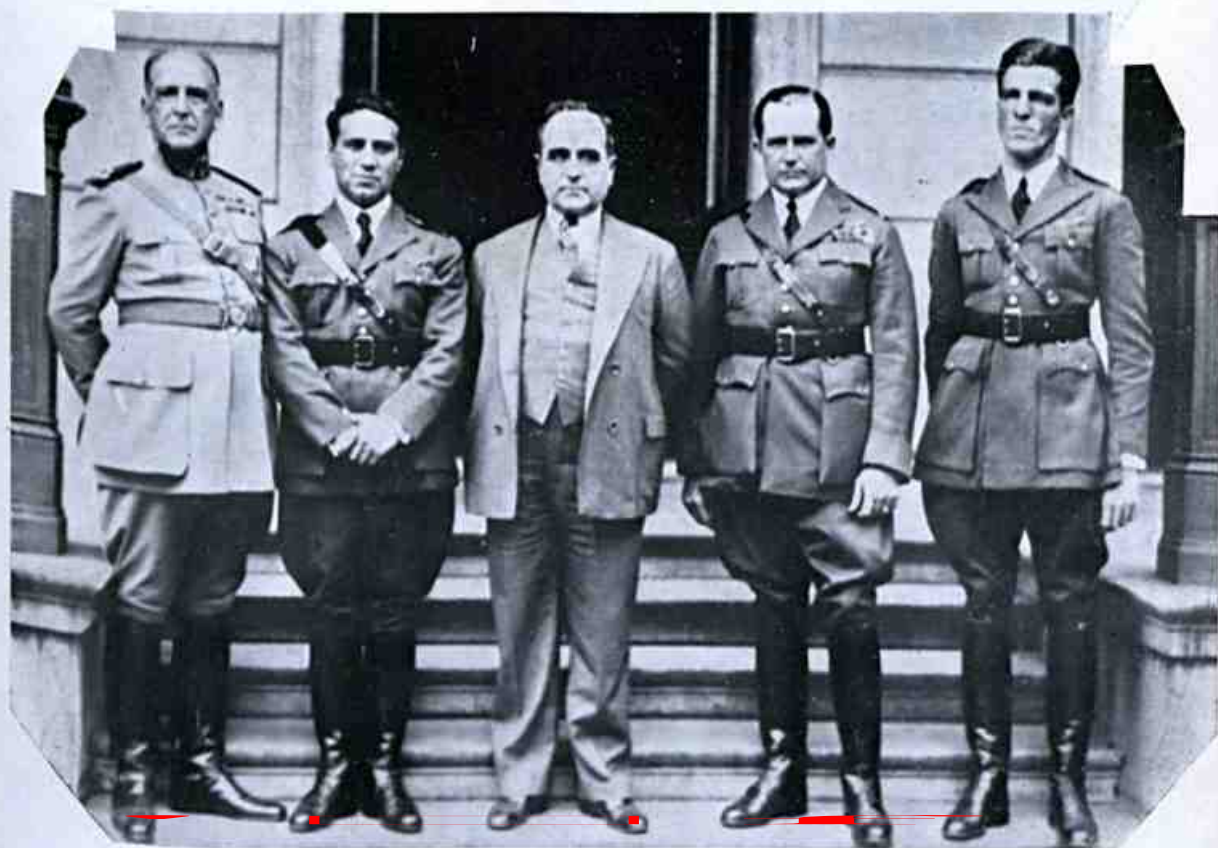
Juca Machado procurou falar com elle e não conseguiu arrancar-lhe uma palavra. Perdera de vez o uso da lingua. E o proprio caçador termina desta maneira o seu relato:

— Esperei o amanhecer do dia, porém deitado longe do bicho, porque não havia vivente que aguentasse aquella catinga! Nossa Senhora! De manhã, reparei bem o preto velho, puxei ainda por elle e nada pude saber. Então, como não queria judiar com o infeliz e não sabia que destino lhe dar, desamarrei-o com cuidado. Elle, quando se viu solto, nem pensou em avançar para mim; ganhou o mato, correndo que nem garapú. Eu penso que era qualquer negro fugido destas fazendas por aqui, que ficou amontoado desde o tempo dos escravos e virou barbatão. Credo!

E, com um suspiro:

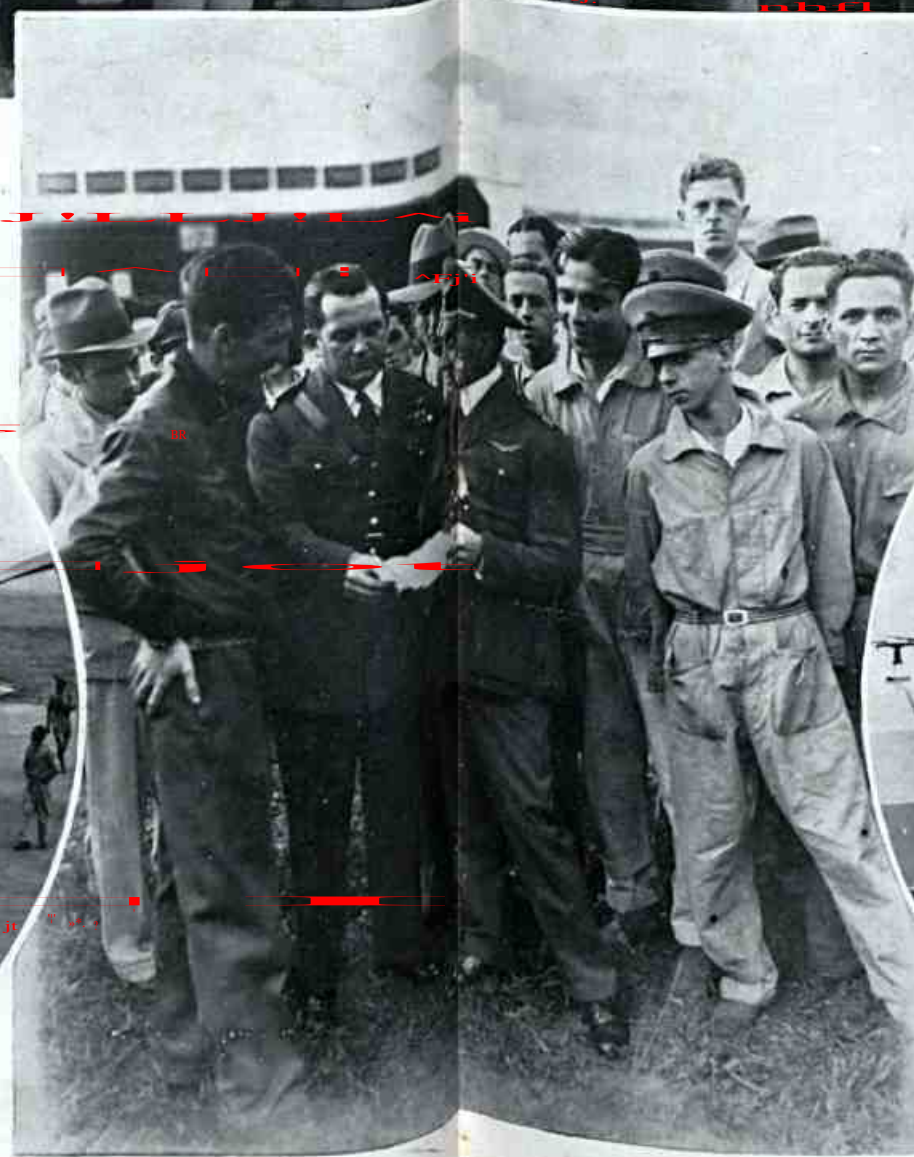
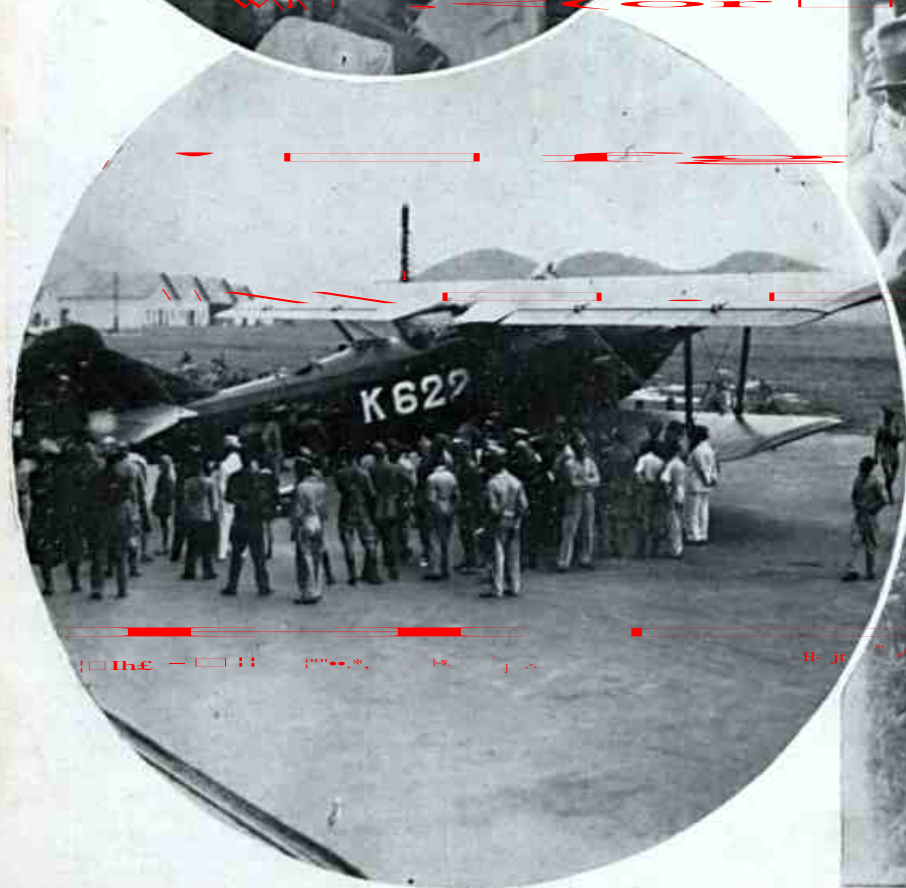
— Coitadinho! Morreu como um bicho do matto. Amarrei o desinfeliz na seca dos dois zeros e, no anno atrazado, 1905, cinco annos depois, perseguindo uma sussuarana na serra, dei numa furna com uma ossada que só póde ser a delle. Deus Nosso Senhor tenha compaixão de sua alma.

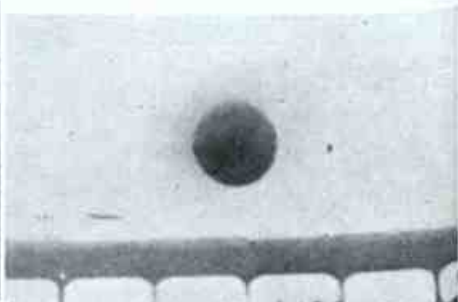
Christovam de Camargo, erpirito amavel e «blaguer» de psychologo, é um dos mais fortes escriptores de costumes da nova geração. Após o successo de «O Estranho Caso de Pelino Mendes», de «Enigma Mulher» e outros livros, o festejado novellista patricio acaba de publicar «O inventor da apendicite e outros contos», que está destinado a causar uma nota de grande sensação no mundo das letras. Christovam de Camargo escreve como quem fala, naturalmente, prendendo o leitor com a elegancia e a finura do seu estylo. Dahi a grande sympathia do publico pelas suas obras, que, além de tocar assumptos elevados da psychologia humana, são comprehendidas sem esforço por qualquer mentalidade, realizando o verdadeiro milagre da literatura de costumes, que é encerrar a naturalidade da vida dentro da belleza de linguagem.

No salão nobre do Palace Hotel, sob a presidencia da illustre escriptora sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, que foi secretariada pelo nosso confrade Paschoal Carlos Magno, teve inicio, domingo passado, a «Quinzena da Casa do Estudante». Durante a reunião, foram ventilados vários assumptos de interesse palpitante para aquella projectada fundação.

Na vespera da partida desta capital do avião «Duque de Caxias», que na semana passada iniciou o vôo de confraternidade continental, os pilotos brasileiros capitão Archimedes Cordeiro e tenentes Godofredo Vidal e Francisco de Assis Corrêa de Mello, acompanhados do general Leite de Castro, ministro da Guerra, foram ao palacio do Cattete levar suas despedidas ao chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, que alli apparece ladeado pelo titular da pasta militar e pelos arrojados «raidmen».

As azas brasileiras num vôo de cordialidade continental

Num vôo de cordialidade continental, Brasil-Mexico, partiram, daqui, nas azas do «Duque de Caxias», avião do nosso Exercito, o capitão Archimedes Cordeiro e os primeiros tenentes Godofredo Vidal e Francisco de Assis Corrêa de Mello, que vão levar ao paiz dos Aztécas, e, intercorrentemente, ás Republicas da America do Sul, as sympathias e os votos da nossa indestructivel amizade.

Mais do que nunca, esse «raid» tem para nós uma significação expressiva, porque, além de traduzir os nossos sentimentos pelos povos que o «Duque de Caxias» visitará, vem attestar o valor e a intrepidez dos nossos aviadores, representantes da patria gloriosa de Santos Dumont. A nossa pagina focaliza os flagrantes da partida do «Duque de Caxias», do Campo dos Affonsos, sexta-feira penultima.

O JOGO FINAL DO CAMPEONATO BRASILEIRO E A VICTORIA DCS CARIOCAS

A disputa do oitavo campeonato bracileiro de fcotball terminou domingo passado, no stadio do Vasco, em São Januario. Defrontaram-se, ali, para a ultima partica da serie que se convencioncu chamar «melhor das três», os jogadores paulistas e cariocas, representantes da A. P. E. A. e da A. M. E. A., entre cujas possibilidadec oscillava o titulo de campeão de football neste inquieto anno de 1931. O ercontro foi sensacional e dos mais empolgantes que já se realizaram nesta capital. Decorreu, por isso merno, entre repetidas manifestações te enthusiasmo sportivo por parte da colossal assistência que enchia, literalmente, as grandes archibancadas do Vasco da Gama. Uma tarde memorável, sobretudo para os noesos jogadores, que, derrotando, lealmente, os seus collegas paulistas, conquistaram aesim, merecidamente, o ambicionacío titulo. Esta pagina focaliza dois instantâneos colhidos por occasião desse importante «match».

SONHO ...

Sonhei.

Era á beira-mar.

A praia alva estendia-se ao longe. E, sobre ella, a claridade fria do luar. Esparsas, cá e lá, palmeiras, farfalhando ao vento. A' distancia, joven esbelta, velando-se no palôr da noite. Os cabellos fiavos, em desalinho; o vestido branco, a esvoaçar, como si com ella brincasse E'olo...

Do outro lado, o mar sem fim. Xo fundo, a lua, pérola de luz.

Observei as ondas. Vinham rapidas. Umas, chocando-se, desfaziamse em espumas de neve, em nada... Outras, saltando por sobre as companheiras, ganhando a frente óra esta, óra aquella, adeantavam-se, velozes, no afan de chegar primeiro...

Xa areia branca, desmanchavamse, como perante uma decepção... Desillusas, tristes, voltavam para o seio do oceano...

Pensei na pobre humanidade.

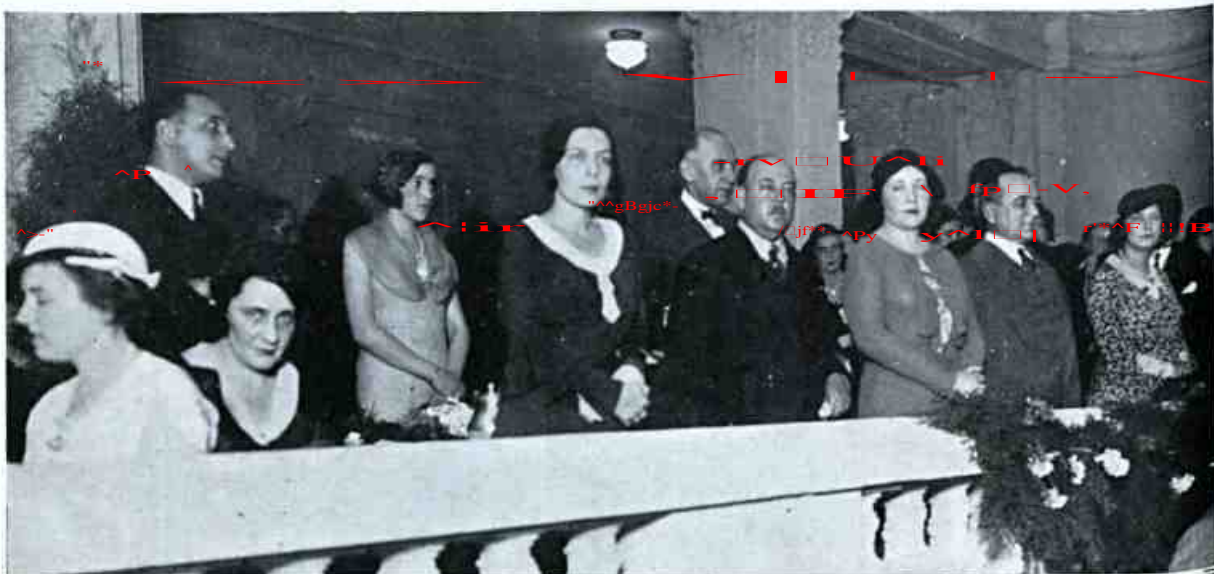
As ondas dos mortaes avançam. Xa precipitação da carreira, muitos se embatem, se neutralizam e desapparecem... Outros, porém, proseguem, afanosos. E quando pensam abraçar-se com a felicidade, objecto de tantos sonhos, desfazem-se na praia branca da desillusão... E desconsolados, arrependidos de tanta luta, voltam para o seio immenso do nada...

José Benedicto Cursino.

Uma inquietação profunda e vasta enche o mundo inteiro. Da China anarchizada aos Estados Unidos perturbados nos seus negocios, da Rússia communista e sangrenta á África agitada e mysteriosa, de norte a sul, de leste a oeste, um mal estar social visivel annuncia o fim da idade em que vivemos e o começo duma nova era.

Ha alguns annos já, Edmond Schuré a adivinhava com estas palavras no prologo do seu bello livro *Sanctuaires d'Orient*: *nous semblons à la veille sinon de grands cataclysmes, du moins de douloureuses transformations sociales et religieuses.*

Estavamos, quando o mystico prosador escrevia esse trecho, nas vesperas dessas transformações. Podemos agora affirmar que estamos dentro dellas, que ellas de todas as partes nos rodeiam e que absolutamente não ha como escapar-lhes. A face do mundo em que nascemos vae mudar.

Estampamos aqui outros flagrantes do memoravel encontro de domingo ultimo, no stadio de São Januario, onde os cariocas se tornaram campeões brasileiros de football em 1931.

Sob o patrocinio da exma. sra. Getulio Vargas realizou-se, sabbado ultimo, a inauguração da «Feira da Alegria», no Palacio das Festas, a qual teve o concurso de altas damas da sociedade carioca, em beneficio do Externato S. José. Nessa occasião foi observado interessante e variado programma, que constou de danças gaúchas, vendas de «bonbons» e outros numeros de attracção. As gravuras desta e da pagina seguinte reproduzem instantaneos dessa linda e elegante festa de caridade.

Enlace da senhorita Maria Aguiar com o nosso brilhante collega de imprensa dr. Othon Paulino.

Enlace da senhorita Hercilia Lewy com o dr. Doracy de Souza, recentemente celebrado em Nictheroy.

(Photo De los Rios)

DA INVEJA

Quem neste mundo não tem passado os seus tormentos, victima da inveja? E' realmente desagradavel a situação dos que lhe cáem nas garras. Responsavel por quasi todos os fracassos, na vida dos bem intencionados; dos que desejam dias melhores e, mesmo, daquelles que attingiram, lutando, tudo quanto desejaram, a inveja não descança. Todos os que amam o bello são, de preferencia, os seus maiores inimigos.

Eterno allucinado, o invejoso vê e ouve, estando isolado. O seu delirio persecutorio é continuo, em consequencia do remorso, sombra terrivel que persegue os envenenadores de almas. Mas o invejoso não se dá por vencido. O progresso dos que, na morbida imaginação delles, atrapalham a sua trajectoria é a sua derrota intima. O invejoso padece só em desejar a infelicidade do proximo. Deturpa factos, intriga, julga esmagar, amesquinha, nega valor, sob o pensamento de difficultar a ascensão de determinada pessôa, emquanto não trae a Patria e o proprio sangue.

Enlace da senhorita Adelaide de Moraes Serrão com o sr. Armenio dos Santos Gaspar.

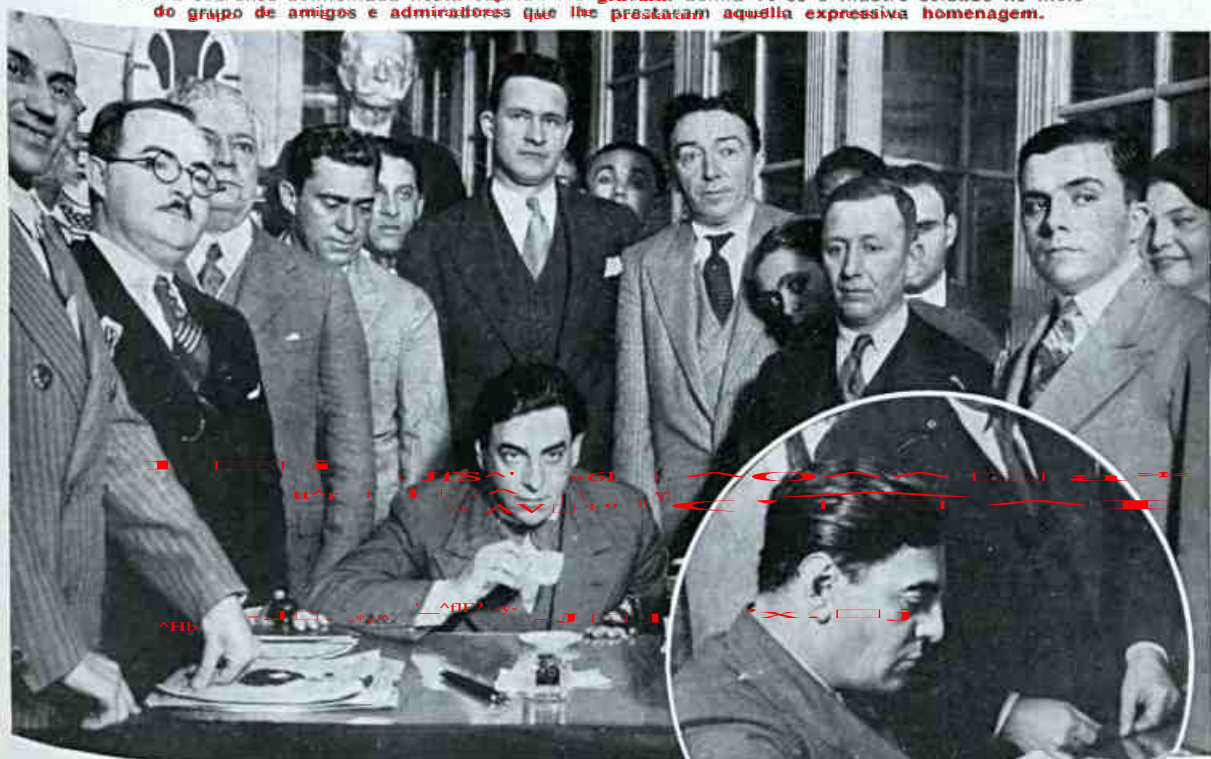
Não se deve odiar o invejoso, porque elle é mais digno de commiseração do que o invejado!... Soffre mais. Preoccupa-se com os outros, esquecendo-se do seu futuro; e, se tem familia, não provém, convenientemente, a sua assistencia. O talento, si o possue, esbanja-o em maldades, quando poderia aproveital-o em beneficios.

Mas o invejoso não pensa desse modo. As suas victimas o descobrem e o perdôam. O maior mal que se póde fazer aos máus é se lhes desejar o bem ou não se lhes dar importancia... O perdão é o seu patibulo. A indifferença, o seu supplicio.

Assim, eu penso que o invejoso, — e as mulheres, quando invejosas, são peores do que os homens, — merece piedade. Elle, pelas acções que pratica, não passa de um suicida.

Feliz de quem ainda estiver no caso de merecer inveja, apesar de todas as contrariedades!

Alexandre Passos.

O novo interventor do Ceará, capitão Carneiro de Mendonça, antes do seu embarque, realizado domingo ultimo, para aquelle Estado, recebeu, nesta capital, varias manifestações de apreço, tributadas ao distincto militar pelos seus amigos e admiradores. Entre essas homenagens destaca-se o almoço que lhe foi offerecido, ha dias, no salão do Beira-Mar Casino, no qual tomaram parte vultos de destaque nos nossos circulos militares e civis, e vários membros da colonia cearense domiciliada nesta capital. Na gravura acima vê-se o illustre soldado no meio do grupo de amigos e admiradores que lhe prestaram aquella expressiva homenagem.

Tito Schipa, o grande tenor italiano, de renome universal, na Casa Paul J. Christoph, autographando discos de sua gravação. O notavel artista, que acaba de visitar mais uma vez a nossa capital, onde realizou um concerto, apparece, ahi, em dois expressivos instantaneos.

As bodas de prata do casal dr. Ajalme de Aguiar Alves Pereira-d. Ricardina Borges Alves Pereira foram commemoradas, pelos seus parentes e amigos, com uma missa votiva, que se realizou na capella de N. S. de Lourdes, da igreja de S. Francisco Xavier, onde se fez o presente grupo.

FOLHAS SOLTAS...

Meu amigo. — Você precisa casar-se... Que tolice a sua, ficar imprensado entre uma recordação e um amor impossivel, quando o tempo, o tempo que é escova de tudo quanto é pó, já poz no lar de Helena o sello de dois cherubins formosos!...

Si ha amor, ha tambem orgulho e vontade, e você, com um pouquinho destas duas ultimas coisas, ha de ser novamente o inconquistavel de outrora...

Lembre-se de sua chacara e faça, com a sua vida, o mesmo que fez com ella...

Era triste, sombria, despovoada...

Não havia amores nem cantos de passaros na matta enorme, que a abafava e a esmigalhava... Borboletas passavam ao longe, como pedaços de luz doirada, que tivessem medo da sombra...

Até o corrego caminhava sobre um leito de terra fôfa, devagarinho, cauteloso, sem bulha, como si temesse tropeçar num seixo ou esbarrar numa raiz...

E hoje? Ha ninhos nas curvas verdes dos ramos, arabescos de sol no tapete verde da matta, poeira de prata na estrada barulhenta do rio...

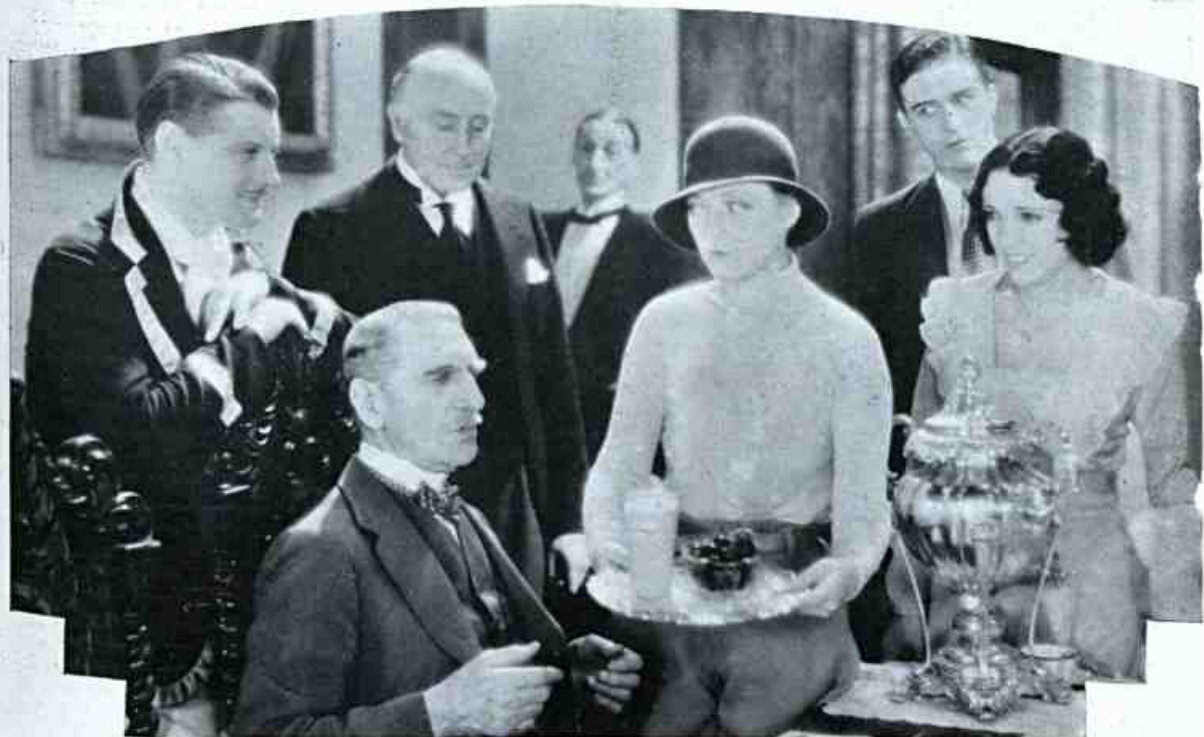
Meu amigo, o coração é tambem uma chacara grande, esmagada, ás vezes, sob as frondes espessas do passado...

Arraze a floresta. Destelhe a casa onde vaga ainda a lembrança e o perfume das primeiras juras... Deixe que um par de olhos, doirados como as madrugadas de maio, lhe penetre o intimo e vasculhe as teias de aranha que a saudade ahi fiou...

Consinta que um novo amor, como uma primavera nova, ponha rosas nas paredes núas de sua vida... E verá, então, que o seu passado e a sua saudade, como uma noite cheia de estrellas, se perderam e se fundiram na claridade de ouro de um novo amanhecer...

MARY DE AZEVEDO

A colonia syrio-libaneza de S. Paulo promoveu, no Salão Germania, daquella capital, um brilhante festival para commemorar o jubileu do diario libanez «Sphinge», que alli se publica. Na presente photographia, tomada por occasião dessa festa, apparece o nosso collega Chucri Curi, redactor-chefe e proprietario de «Sphinge», ladeado por figuras de destaque na colonia syrio-libaneza de S. Paulo e representantes da imprensa paulista.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Procurando amançal-o.

"PAPAE SOLTEIRÃO"

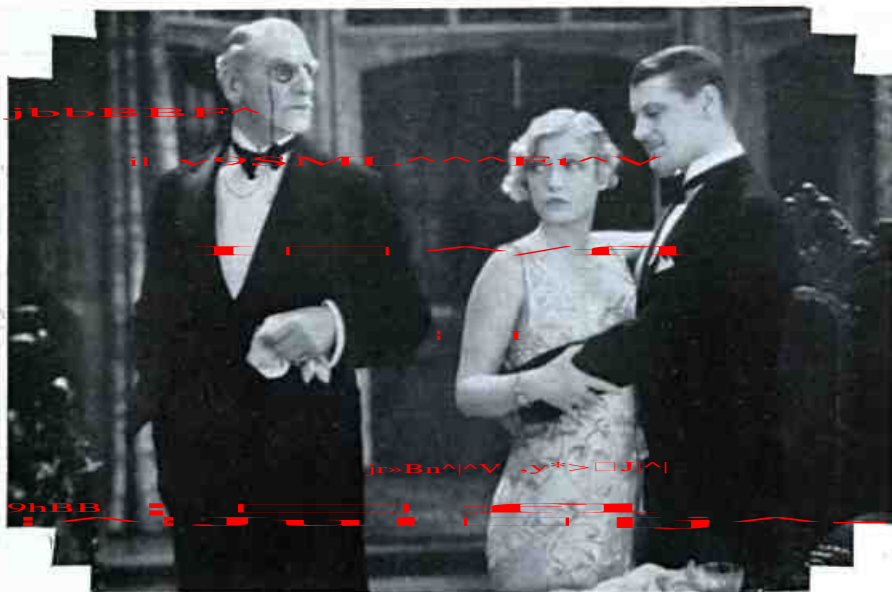
Producção Metro-Goldwyn-Mayer

Com Marion Davies, Ralph Forbes, C. Aubrey Smith, Ray Milland

TÃO enfarado de viver sozinho estava Sir Basil Winterton no seu magnifico Castello dos arredores de Londres, que teve, um dia, a luminosa idéa de mandar o seu secretario examinar o livro das conquistas da sua mocidade e ver, mais ou menos, onde poderia encontrar alguns dos muitos filhos que elle tinha espalhados pelo mundo.

Com alguma difficuldade, John Ashley, seu secretario, informou que os filhos que estavam "á mão" eram, por exemplo, Tony Flagg, filha daquella bailarina Mary Flagg, que fôra o mais forte amor de Sir Basil; Maria Credaro, filha de Clara Credaro, aquella magnifica cantora italiana que o abandonara ao fim de oito dias, e Geoffrey Trent, filho de Katherine Trent, que elle tambem amara bastante...

O resultado dessa pesquiza foi o seguinte: John Ashley, com "carta branca" para gastar o que fosse preciso, andou durante um mez á cata dos tres filhos de Sir Basil. Geoffrey e Maria não foi difficil encontrar, mas para atinar com Tony Flagg, a filha da bailarina Flagg, foi necessário que Ashley fosse parar em Nova-York. Lá, a muito custo, conseguiu elle convencer a pequena de que deveria ir á Inglaterra conhecer o pae. Nisso a ajudou a bondosa Mrs. Webb, que creara Tony desde a morte da

Um peso leve.

A situação não lhe agradava.

mãe, e ainda seu filho, Dick Berney.

Alguns dias depois, por isso, Tony Flagg desembarcava em Londres e era, em primeiro logar, apresentado aos seus dois irmãos por parte de pae: a encantadora Maria e o guapo Geoffrey Trent. Fizeram, desde logo, optima camaradagem e se mostraram interessadissimos em conhecer o pae.

Não foi feliz, entretanto, o primeiro contacto de Sir Basil com os filhos. Instigados por Tony, que era de genio rebelde, Maria e Geoffrey não se mostraram humildes deante do pae e o resultado foi que Sir Basil quasi mandou de volta os tres fructos do seu passado amoroso. Intelligente, porém, Tony decidiu mudar de tactica, mesmo porque de repente ella começou a sympathizar com o "velho"... e dois ou tres dias depois, Sir Basil não queria outra vida senão passar horas e horas em companhia dos filhos.

E foram dias e dias de completa felicidade para todos os daquella casa, inclusive para John Ashley, que se enamorara de Tony e era correspondido. Em Nova-York, entretanto, a sra. Webb recebia a visita de um investigador, visita que a assustara com o seu proposito: o investigador ia á Inglaterra provar que Sir Basil estava sendo victima de uma "chantage". Tony não era filha de Sir Basil, pois era filha da bailarina com um commerciante de Nova-York! Isso era verdade, sabia-o perfeitamente a senhora Webb. Entretanto, ella não quizera desilludir a creatura que ella creara e, além disso, não fôra Sir Basil quem a mandara chamar como sua filha?

Doce amor!

Dias depois, na Inglaterra, o investigador punha Sir Basil ao corrente do que havia, e este, acabrunhado, reclama a presença de Tony, que naquelle momento acabava de ajustar o seu casamento com John Ashley. Não é a possibilidade de se ver quasi victima de uma "chantage" o que acabrunha Sir Basil: é a dor de ver que elle não é pae de uma creatura que tanto o captivara. Humilhada, Tony não sabe o que responder, e uma aduladora de Sir Basil aproveita a occasião para interpretar esse silencio como culpa, dizendo que Tony confessara a sua cumplicidade na "chantage" com aquelle silencio.

Cheia de angustia, Tony abandona o castello do homem que ella acreditara ser seu pae, e sabendo que seu "irmão" estava, justamente naquelle dia, em Londres, na continuação do grande

(Continua na pag. 46)

Eis o papae solteirão.

A tia Ilhoa era uma alma bôa e rude.

A linda Rosa Maria tinha perdido o pae.

MARIA DO MAR

Um film da Sociedade Universal de Super Films — Lisbôa

Interpretes:

Adelina Abranches
Alves da Cunha
Maria Martins
Oliveira Martins
Horta e Costa
Antonio Duarte

NA formosa praia da Nazareth vivia uma colmeia de pescadores, na luta constante com o mar bravio, donde tiravam o pão de cada dia. Era uma vida de sacrificios, cortada de angustias formidaveis, mas, ao mesmo tempo, illuminada do sorriso da alegria pura das almas sãs. Todos os dias os bateis cortavam as ondas á

Amores que nasciam ao sussurro das ondas.

procura do peixe dourado que dava a fartura e o sustento. Na volta esperavam os lutadores corajosos os braços amigos das mulheres e das filhas, que ajudavam á faina maritima com uma coragem admiravel. Um dos bateis mais queridos e festejados da companhia da Nazareth era o "Rosa Maria", nome que pertencia á formosa filha do seu arraes.

Após a ultima viagem do "Rosa Maria", festejava-se o anniversario do arraes. Rosa Maria, que era extremamente carinhosa para seu pae, encheu-o de festas e de presentes. O velho arraes mirava-se na formosura da filha adorada, a quem a mocidade começava a marcar os contornos de um corpo adoravel. Na noite, após esse festejo, o mar, alvoroçado na sua violencia, poz o burgo em tumulto. Correndo perigo os bateis, o arraes não hesitou um instante e largou, a essa hora matutina, com a "Rosa Maria" para o alto mar. Debalde o mulherio, a sua mulher e a sua filha lhe supplicaram que não affrontasse a ira de Deus. O arraes marchou intrepido para o seu dever, no que o seguiram lealmente os companheiros. "Rosa Maria" foi tragado pelas ondas e dos seus tripulantes apenas o arraes se salvou.

Antes se não tivesse salvo. As mães, as mulheres, os filhos dos que pereceram por sua culpa cobriram-no de injurias, accusando-o de autor da sua desgraça. O arraes não trepidou. Lançou-se de novo ao mar e foi fazer companhia aos que lá tinham ficado. Tragaram-na as ondas traiçoeiras.

Entre as mulheres que mais o increparam estava a Tia Ilhoa, uma alma mascula dentro de um corpo franzino. Ora a tia Ilhoa tinha um neto que se tomou de amores com Rosa Maria, a formosa filha do arraes. Tia Ilhoa fez a esses amores a mais energica opposição, opposição que era secundada pela mãe de Rosa Maria. Os dois corações moços, que indifferentes continuavam a tecer a teia da sua felicidade, encontraram nas duas velhas inimigos terriveis. Isso não impediu que os dois namorados se fossem ajoelhar deante de um altar, unindo perante Deus os seus destinos. Nenhuma das duas mães quiz acolher no seu lar o par feliz. Abandonados de todos, foram levantar o seu lar modesto, onde dentro de pouco tempo o corpo rosado de uma filha veiu dourar aquelle ninho encantador. Mas as mães continuavam irreductiveis e nem esse nascimento lhes abrandou o coração. Porém o destino um dia obrigou-as a quebrar o gelo do coração: foi o caso de um cão damnado ter mordido a filhinha de Rosa Maria. Nessa hora em que o pequenino ser corria perigo, os dois corações rudes sentiram gelar o calor do seu odio e a paz sorriu finalmente naquelles lares simples e rudes.

PAPAE SOLTEIRÃO

(Conclusão)

"raid" em volta do mundo. Para fugir áquillo tudo, Tony consegue que seu "irmão" a leve junto comsigo, mas, devido ao avião não poder supportar maior peso, ao levantar vôo, soffreu um desastre, espatifando-se de encontro a uma arvore.

Pelo radio, Sir Basil tem conhecimento do desastre e, sabedor de que Tony estava no avião, providencia promptamente para que a moça fosse levada para o seu castello.

* * *

Uma hora depois, após fisar constatado que Tony soffrera apenas uns ferimentos leves, o investigador abelhudo ouvia de Sir Basil a declaração de que Tony passava a ser, "daquelle momento", sua filha, e John Ashley ouvia de Tony, com o devido consentimento de Sir Basil, a noticia amavel de que "a partir do dia seguinte", ella seria, durante o dia, filha de Sir Basil, e á noite, esposa de John Ashley...

Conseguira salval-a!

---

* * * Hollywood é, realmente, uma cidade que necessita ser cordial... pelo menos na apparencia.

Durante varios annos, D. W. Griffith e Cecil B. De Mille foram rivaes declarados, e, comtudo, na estréa de "O rei dos reis", Griffith actuou como "mestre" de cerimonias.

Até que se retirou da tela, Marguerite Clark havia competido ardentemente com Mary Pickford pela supremacia do cinema. Não obstante, juntas as vemos frequentemente, como duas grandes amigas.

Dizem que Charles Chaplin havia tido sérias desintelligencias com Mack Sennett quando se separaram profissionalmente, ha alguns annos. Isto não tem obstado, comtudo, para que Chaplin assista a todas as estréas de Mack Sennett em Holywood.

Houve tempo em que Gloria Swanson e Pola Negri tiveram certa discussão a respeito de um gato, dizem. Mas quando ambas se encontram em Paris, sáem sempre juntas e mostram ser as melhores amigas.

Fred Niblo, o mais atarefado mestre de cerimonias em Hollywood, se ri um pouco da sua propria situação. Tem contribuido, diz elle, para augmentar o salario de todos os directores do cinema, menos ao seu proprio! Nunca se sente mais orgulhoso do que quando effectua como mestre de cerimonias na estréa da producção de algum director rival.

Talvez sejam rivaes no fundo, mas se mostram perfeitamente amigos perante o publico!

Cidade triste de minha saudade...

Ah! si eu pudesse voltar...

* * *

Si Deus me concedesse essa graça, juro, terra triste de minha saudade, eu te faria a cidade mais attrahente para aquelles que te desconhecessem...

* * *

Juro...

* * *

Nos meus poemas immensamente exaltados, Paris emprestaria ás tuas horas silenciosas um pouco de barulho e allucinação; Nova-York te daria um pouco de grandeza, e eu te ensinaria a amar á maneira carioca...

* * *

Amo os contrastes...

* * *

Prefiro a cidade alegre, escandalosamente alegre, ou então: o recanto isolado onde a gente pensa como um philosopho sem atalhar o pensamento com o ruido exasperante dos bondes que passam...

* * *

Tú, terra minha de meu amôr, ou então: Moscou, Berlim, Londres e Buenos-Aires...

* * *

Amo-te...

* * *

Amo as tuas ruas. Os teus predios. A tua gente. O rio que reflete a tua phisionomia. Não posso esquecer a ruazinha triste que tem um começo de praça — Santa Maria... — onde vi nascer o meu sonho de amôr; de onde sahi para a vida tumultuaria e ingrata da cidade grande de risos e miserias, de mentiras verdadeiras e verdades falsificadas...

* * *

E a tua ponte?

* * *

Foi sobre o braço de ferro que irmana a terra abrupta da outra margem á terra bôa onde os homens te fizeram surgir, que escrevi o meu primeiro poema.

Podia querer mal á ponte. Podia, asim, porque ella foi a culpada de eu ser poeta. Mas, quero-lhe bem, porque é o fio que une o coração da gente simples do norte ao coração generoso da gente do sul...

* * *

Nas horas de maior enthusiasmo não me esqueço de ti. Vives na minha memoria, inesquecivelmente, como o vulto da primeira namorada...

* * *

E, como esquecer si guardas os maiores thesouros de minha vida: minha irmã e minha mãe.

EDWALDO CALMON

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

COMPANHIA LYRICA — Aos louvaveis e louvados esforços do maestro Sylvio Piergili e seus collaboradores, deve o Rio tornar a ver na sua grande pequena Opera, que é o theatro Municipal, depois de dois annos de interrupção, grandes espectaculos lyricos. Não obstante a tremenda crise financeira que nos assoberba, a desvalorização, sem precedentes, da nossa moeda no mercado internacional, conseguiu aquelle artista-emprezario organizar uma companhia lyrica, no caso de nos proporcionar bellos momentos de arte, como os que nos deram as operas de estréa, cantadas em as noites de 11 e 12 de setembro: *Adriana Lecouvreur*, de Francisco Ciléa, e *Manon*, de Julio Massenet.

Nova para o Rio, *Adriana Lecouvreur* foi um triumpho completo. A partitura, que ouvimos pela primeira vez, deu-nos a impressão de um eclectismo musical, em que se fundem processos da opera melódica e da opera symphonica, mas com a preponderancia dos primeiros. Pareceu-nos cheia de frescura e colorido, com alguns trechos de deliciosa e imprevista belleza, como o interludio e o duetto final do 2.º acto.

Quanto á representação, salvo um ou outro reparo, foi quasi irreprehensivel. Tudo concorreu para o exito integral: orchestra, interpretes, guarda-roupa e scenarios.

A sra. Josephina Cobelli encarnou magistralmente a protagonista. Tão bôa cantora, quanto actriz. A sua voz, extensa e bem timbrada, agradou e commoveu. Revelou-se a artista acima de qualquer elogio, na scena e duetto final. Vendo-a através da personagem no momento lyrico-dramatico que assignala o fim de Adriana Lecouvreur, tal como conhecemos a celebre actriz do seculo XVIII, segundo a descreve uma das suas successoras do seculo XIX, Cecilia Sorel, pareceu-nos Josephina Cobelli ter trocado realmente a sua pela individualidade da protagonista. Não soubemos então que mais admirar, se a cantora, se a actriz.

A sra. Amalia Bertola, na caracterização de Princeza de Bouillon, nos poucos instantes em que lh'o permitte a partitura, soube excitar a admiração e o applauso. E foi no bellissimo duetto final do 2.º acto, onde se tornou digna emula de Josephina Cobelli.

Galliano Maisini, tenor de bella e educada voz, encarnou com brilho a figura de Mauricio, conde de Saxonia. Impressionou bem no duo de amor — *Bella tu sei, tu sei gioconda*, e vivamente em todo o 3.º acto.

O barytono Brownlee, o baixo Baccaloni, corporificando, respectivamente, os personagens de Michonnel e principe de Bouillon, concorreram para realçar os protagonistas e deram bello explendor ao sexteto do 1.º acto.

Merece especial menção o bailado do 3.º acto — *A sentença de Paris* — onde fulguraram o talento e o saber choreographicos de Maria Olenewa, ao par dos de Luiza Carbonel, Chinita Ullman e Carletto Thieben, que com os demais dansarinos e dansarinas proporcionaram á vista deliciada um espectaculo de empolgante belleza.

A orchestra, sob a sábia regencia do maestro Ferruccio Calusio, foi a razão primeira, o motivo basilar de todos os triumphos dos cantores e balarinos.

E' de justiça recordar que o corpo de professores de orchestra e o corpo de baile são nossos; são do theatro Municipal.

A representação da *Manon* marcou mais outra victoria da Companhia-Piergili. E era de esperar que assim fosse, desde que a protagonista da celebre opera de Massenet era a grande artista lyrica sra. Ninon Vallin, varias vezes admirada e applaudida pela platéa do Municipal, e famosa nas principaes cidades da Europa e da America como das maiores cantoras do nosso tempo.

Poder-se-ia talvez exigir mais alguma belleza canora, num ou noutro trecho, justamente pelo raro valor da cantora, mas, salvo essa pequenina restricção, Ninon Vallin mostrou-se tal qual a vimos sempre, artista que reúne aos bellos dotes vocaes, a mais requintada arte de cantar e representar. Se foi bem, muito bem, em quasi tudo, revelou-se extraordinaria no *Duo do Seminario de S. Sulpicio* e sobretudo na grande aria e gavotta do 4.º acto — *Obéissons quand leur voix appelle*. Nesta celebre scena, o canto de Ninon Vallin adquiriu a belleza plastica dos gestos e os gestos a belleza musical do canto. Cantavam os meneios, e a voz dançava...

Georges Thill, tenor francez, de voz extensa e volumosa, viveu com arte a figura de Des Grieux. A não ser falha occasional, que prejudicou o exito do *Sonho*, venceu galhardamente em toda a partitura. Attingiu mesmo a invulgar altura na celebre aria do parlatorio — *Ah! fuyez, douce image!*

Concorreram para a afinação do conjuncto o barytono Brownlee e o baixo Baccaloni, nas caracterizações de Lescaut e do Pae de Des-Grieux.

Merecem, na Manon como mereceram em Adriana Lecouvreur, especial destaque os bailados de que é principal figura, Maria Olenewa. Lindo, pela graça e perfeição, o grande minuetto do 4.º acto.

Foram as duas operas ouvidas por salas inteiramente cheias. Quasi não se via um logar vasio das poltronas ás galerias. E a não ser certo retrahimento no 1.º acto de Adriana Lecouvreur e no 2.º de Manon, naturalmente devidos, no primeiro caso, ao facto de se tratar de opera inteiramente desconhecida, e, no segundo, á surpresa de não corresponder á espectativa geral a interpretação do Sonho — todos os espectaculos correram animados por fervorosos e repetidos applausos. Houve mesmo momentos em que o publico parecia exigir *bis* e chamava e reclamava, duas, tres, quatro e cinco vezes os artistas ao proscenio.

Incontestavelmente, duas bellas noites de arte proporcionou-nos a Companhia-Piergili com as representações de Adriana Lecouvreur e Manon.

COMPANHIA DRAMATICA — Annuncia a empresa concessionaria do T. M. mais uma grande companhia dramatica franceza a estrear no principio de outubro proximo. A' frente do homogeneo conjuncto estão duas notabilidades da scena dramatica de hoje: Beatrice Bretty, de quem disse Paul Geraldy — *elle est tout le Théatre Français*, e Ernest Perry, que o Rio já applaudiu ha dez annos e é discipulo e successor do grande Huguenet. No repertorio figuram as comedias e peças: *Amis comme avant*, de Harri Jeanson; *La Brouille*, de Charles Vildrac; *Cette Vieille Canaille*, de Ferdinand Nozière; *L'enfant*, de André Paul Antoine; *Etienne*, de J. Deval; *L'Homme qui joua du banjo*, de Paul Vialar e André Le Bret; *Jim la Houlette*, de Jean Guitton; *Le Prof. d'Anglais*, de Regis Gignoux; *Durand Bijoutier*, de Leopold Marchand; *Bloomfield*, de Lafaurie; *L'Amour veille*, de Robert de Flers et de Caillavet; *Le Duel*, de H. Lavedan; *Mon Ami Teddy*, de André Rivoire et Lucien Bernard; *Noces d'Argent*, de Paul Geraldy.

O QUE É O FEMINISMO

Por SUZANA DE ALENCAR GUIMARÃES
(Da Academia de Letras do Ceará)

NO 2.º Congresso Feminino, reunido ultimamente no Rio de Janeiro, o Ceará teve uma representação que o honrou sobremodo.

As delegadas cearenses, dra. Henriqueta Galeno e d. Adilia de Albuquerque Moraes, apresentaram theses que foram elogiadas e applaudidas, sobresahindo-se entre reaes valores nacionaes e estrangeiros.

Aproveitando a estadia na capital do paiz para entreterem o intercambio mental entre esta e a capital de seu pequenino Estado, ellas puzeram o seu talento e a sua cultura a serviço deste ultimo.

Recebida pela Academia Carioca de Letras, como portadora de uma mensagem da Academia de Letras do Ceará, coube a Henriqueta Galeno responder á saudação da oradora official e, tanto nessa sua oração como em entrevistas concedidas aos jornaes do Rio, em vez de limitar-se a fornecer informações erroneas sobre os problemas de seu Estado e falar mal das companheiras de sexo, chamando-as de "falsas e perfidas", a filha de Juvenal Galeno teceu um hymno ao Ceará, enaltecendo a sua intellectualidade, classificando-a de "pujante e valiosa", historiando a vida literaria de sua terra.

Quasi não falou de si propria e nem era necessario, pois elogiando os seus conterraneos ella se elevava a si mesma. E os que a ouviram ou leram puderam constatar a belleza do seu coração e a superioridade de seu espirito.

O objectivo do feminismo por que se batem as que concorreram ao Congresso não é unicamente o direito do voto feminino, como erroneamente gritam os homens e as mulheres, por commodismo ou por preguiça de trabalhar para sua manutenção, ou ainda por covardia de enfrentar a vida de trabalho. O direito do voto é o menos.

O essencial é o direito de trabalhar e, conjuntamente a este, seja dada á mulher uma educação solida, dentro de uma moral ainda mais solida, ensinando-a a ganhar a vida pelo trabalho honesto, quer para sua manutenção, quer para auxilio de sua familia, preparando-a assim para qualquer eventualidade no futuro.

O essencial é que a mulher, neste seculo de actividade, deixe de ser o que tem sido até hoje: — a eterna parasita da familia.

O feminismo pleiteado pela mulher actual não consiste na masculinização dos habitos, das roupas e da linguagem.

Ser feminista (como eu entendo o feminismo) não é usar vestuario masculino, conduzir no bolso a carteira de cigarros, manter inteira liberdade de idéas, muitas vezes inconvenientes, em palestras com os homens.

E', ao contrario, mostrar em tudo o espirito feminino, os delicados sentimentos de uma alma de mulher, mas ter, tambem, a coragem de trabalhar e de sacrificar o seu commodismo no momento em que o equilibrio do seu lar necessita dos seus esforços fóra delle.

A mulher empregada, quer seja solteira para sustentar-se a si mesma, ou auxiliar o pae já sobrecarregado de annos, quer seja viuva para manter a educação dos filhos, ou quer seja casada para, com o producto do seu trabalho, ajudar o marido, que não ganha o sufficiente, — essa mulher merece mais admiração e maior respeito do que aquella que se deixa ficar commodamente em casa pulindo as unhas, na inconsciencia criminosa de ser peso morto na vida social.

Feminismo não é nem poderá ser jamais, a emancipação completa da mulher, isto é, a conquista dos vicios e dos erros que a liberdade absoluta veiu trazer ao sexo opposto.

Quando se falar na *liberdade* pleiteada pelo feminismo, não se deve julgar ser a liberdade de fazer o que combatemos no homem e que repugna á consciencia dos individuos equilibrados.

Que a mulher conquiste a sua emancipação economica á custa do seu trabalho honesto, e deste lhe advirá a liberdade que ella limitará de accôrdo com a sua moral, seus sentimentos e sua educação.

Eis o que eu comprehendo ser feminismo.

Si os *entendidos* acharem que não é isso, eu confesso, neste caso, que não sou *feminista*...

— Vês a attracção que ella exerce sobre os homens?
— Não é para admirar. Pois si seu pae é o rei do ago...

AS DUAS IMAGENS

DE ANDRÉ ROMANE

EM seu gabinete de trabalho, Pedro Villebourg terminava uma carta dirigida a sua infiel noiva:

"Adeus, Joannita, meu grande e unico amor! Sem ti, para nada quero a vida. Mas, antes de desapparecer nas trevas do nada, quero evocar-te pela ultima vez quero ver em meu pensamento teu rosto implacavel de mulher inconscientemente cruel, o ouro vaporoso de teus cabellos, teu nariz imperioso. Quero mergulhar meu olhar na agua glauca de tuas pupillas. Adeus, Joannita! Quando leres estas linhas, este coração que foi tão teu, já não pulsará".

Por uma especie de desdobramento de sua personalidade, Pedro Villebourg, ao procurar traduzir assim o tumulto de seu pensamento, sentia o ridiculo dessas palavras.

Emquanto uma lagrima humedecia o papel, desesperado, mas satisfeito da ironia de sua compaição, dizia, comsigo:

— Sou um autor romantico, e o publico, cansado, não comprehendera meu lyrismo.

Assignou sua carta, metteu-a em um envelope e a collocou junto a outro, em que se lia: "Este é meu testamento."

Tudo estava ultimado. Agora, só lhe restava desapparecer.

Pedro quiz, no emtanto fumar seu ultimo cigarro e beber seu derradeiro calice de licor.

Uma rosa, collocada em um floreiro de crystal, suggeriu-lhe uma nova tentação. Inclinou-se para aspiral-a e a flor, quasi murcha, se desfolhou. Pedro armou o revolver, e, tranquillamente, poz o cano na fronte.

Soou um estampido, e, embora Pedro não houvesse dado ao gatilho, ficou espantado de estar ainda neste mundo.

Um pneumatico rebentára, na rua.

Por instinctiva curiosidade, Villebourg foi até a janella. Fazia uma esplendida manhã. Passavam automoveis. Os passeios estavam cheios de gente.

— Só um ser me falta, e tudo é solidão — murmurou Pedro, ao tempo que sentia que sua vontade fraquejava.

A vida, adornada de todos os seus encantos, o retinha á beira do abysmo.

Nesse momento, passava deante de sua casa uma senhora de idade. Era a mãe de Joannita. Parecia-se extraordinariamente com sua filha. Mas como uma caricatura se parece com um bom retrato.

— Ahi está por quem te matas — pensou. Por uma mulher que, dentro de alguns annos, será igual a essa. Por aquelle rosto cavado e cheio de rugas. Por aquelle corpo encurvado. Por isso é que te matas...

Pedro Villebourg poz-se a rir. Começava a perceber sua loucura de momentos antes. Valia a pena renunciar á vida, simplesmente porque o havia repellido uma mulher que, algum dia seria igual áquella que acabava de passar deante de seus olhos? Pelo contrario, não deveria estar agradecido á mulher que, com sua negativa, o livrava de ver-se unido a semelhante pessoa?...

Um toque de campainha interrompeu o monólogo interior.

Villebourg guardou o revolver no bolso e foi abrir a porta.

Um mensageiro entregou-lhe uma carta.

"Pedro — escrevia-lhe Joannita, — perdôa-me! Arrependo-me do mal que te fiz. Volta. Amo-te e sou tua para sempre."

Mas Pedro via, agora, supperpostas, duas imagens de mulher e já não sabia si amava Joannita.

PROJECTOS

DE HENRIQUE CORONADO

ROSA foi a amizade mais perduravel de minha vida. Rosa era linda, era bôa, era loira, era elegante, embora pobre. As linhas de seu corpo emprestavam distincção a qualquer roupinha humilde. Rosa pensava em casar-se commigo e eu com Rosa. Mas a pobreza nos perseguiu, e nosso sonho não conseguiu descer das nuvens.

Sua familia era amiga da minha. Ella costumava passar dias inteiros em minha casa, e, nesses dias, eu não me sentia capaz de sahir.

Moravamos numa habitação modesta. Ali, durante dois annos, eu e Rosa fizemos toda especie de projectos.

"Minha amiga" — dizia-lhe eu. E ella me dizia: "Meu amigo".

"Faz frio" — exclamava eu. E ella repetia: "Faz frio".

Depois, passavamos horas e horas olhando-nos, enlevados, nos olhos. Mas, si começavamos a falar de nossa vida, aquillo não acabava mais.

A unica testemunha de nossos dialogos era "Sultão", um velho cão já torturado pelos annos, que não me abandonava, chovesse ou fizesse sol.

Quaes eram nossos projectos? Ah, meu Deus! ...

Rosa acariciava tranquillamente o paciente "Sultão" e falava:

— Eu quero uma casinha de um só pavimento, com uma porta entre duas janellas. A casa terá tres peças pequenas: a primeira, uma sala de jantar; a segunda, nosso quarto de dormir; a terceira, o dos meninos.

Isso me surprehendia, fazendo-me perguntar, ingenuamente:

— Que meninos, que vida?

Então, Rosa ficava corada e eu tambem, por solidariedade...

Quando me tocava falar, dizia eu:

— A um lado da casa, a garage.

E era Rosa, então, quem se permittia um sorriso piedoso.

Eu não gostava desse sorriso, e, furioso, exclamava:

— Acaso duvidas que teremos automovel?

E ella, sem se alterar, tranquillamente, praticamente, me respondia:

— Não é isso, meu amor. Mas só poderemos tel-o depois de vinte ou trinta annos.

Tanto optimismo era o que, ás vezes, me fazia soffrer. Nossas zangas, no emtanto, terminavam sempre em doce e estreita reconciliação.

Outra vez, brigámos pelas camas que compraríamos. Rosa queria duas, e eu uma. Para justificar minha pretenção, me baseava na economia que uma só cama poderia trazer.

— Imagina, querida: um só colchão, menos lençóes...

Rosa, porém, me destruia todas as razões com razões de mais peso, porque uma cama grande, na verdade, equivalia a duas camas pequenas, e com a desvantagem de ser muito menos hygienica.

Mas não era esse o ponto principal da discussão a respeito das camas.

O aborrecimento se produziu assim: Um dia, na rua, passámos deante de uma casa de moveis, e Rosa se enthusiasmou com umas camas de madeira.

Eu, que toda a vida dormi em cama de ferro, disse que não compraríamos de madeira.

— De madeira — insistiu ella.

— De ferro — teimei eu.

— Já te disse que de madeira.

— E eu te digo que de ferro. Sempre dormi em cama de ferro e tu não me podes fazer mudar de habito.

Rosa amarrou a cara e seguiu na minha frente, sem falar-me. Eu, por meu lado, igualmente me calava. Mas chegou um momento em que não pude mais supportar o silencio e lhe disse:

— Si quizeres, meu amor, serão de madeira.

— Agora serão de ferro — respondeu Rosa, então, com um gesto de indignação.

* * *

Por que me lembro, agora, que isso não se passou commigo, mas que vi o episodio ingenuo numa fita de cinema? Entretanto, podia muito bem ter occorrido commigo.

Pobre Rosa! Era a ingenuidade em pessôa. Nunca lhe occorreu que a vida, tão trahidora, haveria de interromper nossa historia apenas começada. A vida é como os novellistas. Prepara pacientemente todas as scenas. A's vezes, até as sonha, disposta a cumpril-as ou fazel-as cumprir. Mas, depois de ter empregado varios annos em tão laboriosa obra, um dia se apressa, e precipita uma tragédia em um epílogo absurdo.

Assim nos vimos, Rosa e eu, arrastados a uma série de circumstancias falsas, que acabaram afastando-nos definitivamente, abandonando o nosso castello como o do menino, feito de areia, por um brinquedo novo.

Desse modo tudo acabou.

Eu, pseudo-philosopho, consolei-me com aquella sentença: "... Podendo ser rico, preferi ser poeta".

Rosa, mais pratica e mais previdente, casou-se com um millionario...

A VOZ DAS AGUAS

DE TELITZA

CHEGO á amurada do abysmo... Debruço-me, fascinada, a contemplar a eterna agitação das aguas verdes que perseguem, em tropel, as cataduppas de espumas... Estas correm, a rir, erguem-se, como a querer fugir aos céos, para se atirarem logo após sobre as rochas, entre o rouco estrondear das gargalhadas... E as ondas tornam, de manso, caricIosas e marulhantes, envolvendo em ternos affagos as pedras enamoradas... E de novo as espumas desapparecem, para surgir mais longe, á frente das aguas, correndo e rindo outra vez, irrequietas, infatigaveis, na louca brincadeira.

No céo, as nuvens espreitam, cheias de inveja. E amuadas por não poder tambem correr atrás das ondas, correm atrás das estrellas... Envolvem-na, como o mar ás rochas, e fogem, e sobem, e brincam... Mais frageis, porém, do que as ondas, depressa a fadiga as vence. Choram, então, despeitadas e colericas, e soluçam com estrondo, para abafar as risadas que ecoam lá em baixo... As ondas crescem ainda mais, a espuma faz-se mais branca... E prosegue a brincadeira, confundindo-se o pranto dos céos com as risadas da terra.

Desesperadas, as nuvens recuam, sobem, occultam-se... E o oceano, mais sereno e mais tranquillo, modera a excitação dos seus folguedos, e fala ás rochas em surdina.

Que estranhas palavras, as suas! Que musica divina, a sua vóz!

Aquelle doce marulhar cantante e embriagador. Desprendem-se das aguas as sereias que as habitam. Uma a uma, surgem das ondas as cincoenta nereidas, muito brancas e esguias, que se põem a dançar com os longos véos feitos de espuma... Ao longe, vem boiando uma concha nacarada, que cresce pouco a pouco, e se abre lentamente, orgulhosa do fardo que conduz... E' a loura Amphitrite, filha do Oceano, que se aproxima, precedendo o carro de cavallos de ouro que conduz seu esposo Neptuno. Eis agora as sereias, clamando por Ulysses... Thetys caminha á frente das oceanidas, emquanto Doris emerge, nos braços de Nereu...

Ouço o còro formidável dos seus poemas e das suas epopéas. Todos cantam, a uma vóz, a belleza do mar, a grandeza do oceano. E' uma nota só que vibra, accorde, clara, sonora, emquanto bailam sbore as ondas, voluteando nas espumas, enroscando-se na perpetua inquietação das aguas, as pérolas, os peixes, as algas, os musgos, as conchas, os coraes, as estrellas marinhas... A flora e a fauna unem-se tambem para cantar...

...E, por entre o majestoso còro oceânico, ouço distante um ruido que se aproxima... Cresce... Rebôa... Tonitrôa... E' agora um clangor de soluços e gemidos, o estrondear de galeras que se partem, o ribombo de naus que se esphacelam, o grito de horror do passaro-avião que tomba ferido... E, cada vez mais perto, ouço ainda o assobio sinistro do vento, e a gargalhada soturna do vendaval...

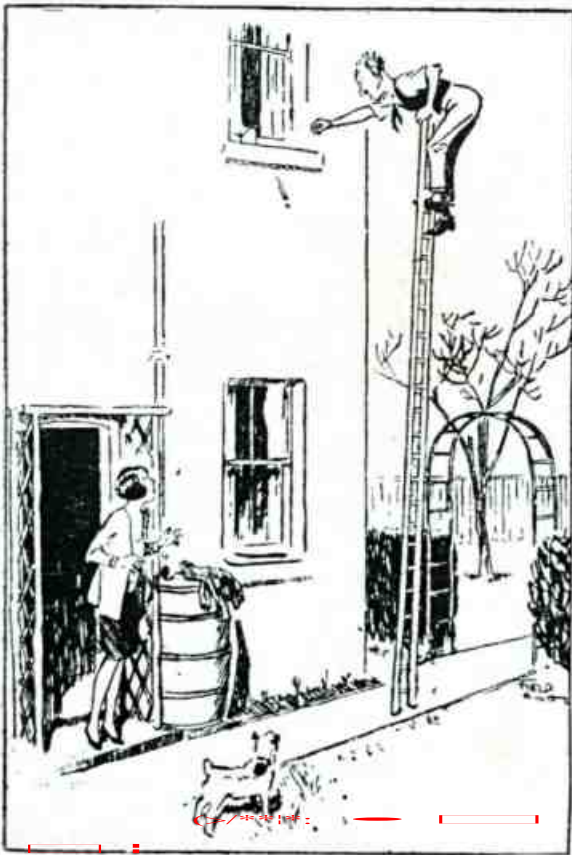
Quaes são essas vozes que choram? Qual é esse clamor que se ergue, abafando o canto das sereias e o bailado das ondas? Por que choram e se lamentam? Por que clamam pela terra? Quaes são esses braços que se alçam aos céos, implorando misericórdia? De quem são esses rostos desfigurados e trágicos, onde rolam lagrimas tão amargas?...

São os que morreram no mar. São as victimas das aguas. São aquelles que partiram da terra para nunca mais voltar. São aquelles que não tiveram o supremo consolo de uma sepultura, a derradeira homenagem de uma flor.

Olho o céo. As nuvens longínquas continuam a brincar com as estrellas.

Olho o mar. As glaucas aguas de ha pouco tornaram-se negras como as trevas. Sobre as ondas marulhantes já não dançam as nereidas com os brancos véos rendilhados de espuma... E a vóz do mar, aquella musica divina, sôa agora, a meus ouvidos, rude, covarde, traiçoeira, assassina...

Mar, que conténs tanta belleza! Mar, que possúes tão ricos dons! Mar, que destróes tantas illusões! Mar, que occultas tantos sonhos perdidos! Por que, impiedoso mar, por que guardas em teu seio as miseráveis riquezas humanas? Que é uma galera deante de tuas maravilhas? Que é uma creatura, deante de teus animaes fabulosos? Não te bastam os teus thesouros? Não te basta a tua força?

Angustiada, afasto-me do abysmo. E, com os olhos no céo, onde brilham serenas as estrellas, penso na tristeza dolorosa deste symbolo. Sim, o mar é como o coração humano: bello, forte, rico, mas ambicioso e insaciavel. Tanta belleza contem quanta crueldade.

— Não deixes a escada cahir, Jorge! Olha que não é nossa!

UM HOMEM FELIZ...

De CESAR LUCCHETTI

A noite esfriára sensivelmente. A "terrasse" do hotel, açoitada de rijo pela brisa maritima, ia aos poucos ficando deserta. Lá dentro, no salão, dançava-se. Eu tinha sahido para fumar um cigarro e já me dispunha a entrar novamente, impellido pelo frio impiedoso, quando alguem me chamou pelo nome.

— Carlos!...

Voltei-me. O meu amigo Alfredo, a poucos passos, indicava-me uma cadeira. Sentei-me.

— Como vaes?... Para que me chamaste?...

Elle accendeu lentamente um cigarro.

— Para conversarmos... Talvez não te agrade a proposta. Com certeza preferirias continuar dançando a noite toda. Tambem não me admiro; danças bem e és a coqueluche das mulheres bonitas do hotel.

— Oh, absolutamente!...

— Não; é a verdade. Mas, a proposito, quem é aquella mulher toda de preto com quem dançavas?...

— Não lhe sei o nome. Estou ha poucos dias no hotel, e, apesar de ter dançado algumas vezes com ella, ainda não sei quem é.

— Bonita!...

— Achas?...

— Acho.

— Eu tambem.

— Tens alguma pretenção?...

— Não tenho, porque é inutil. Aquella mulher, segundo o pouco que sei, é um modelo de pureza.

— E' lastimavel! Tão bonita... Conheces o marido?...

— Não. Mas dizem que é completamente indifferente á esposa. Passa a maior parte do tempo em continuas viagens, deixando sozinha a mulher, sempre em luta com a turba dos admiradores, que não a deixam.

— E ella conserva-se honesta?...

— Inteiramente. Parece impossivel nos tempos que correm! Mas nenhum homem póde gabar-se de ter sido seu amante. Não ha maneira de fazel-a peccar.

— E' o unico predicado que lhe falta para ser moderna completamente.

— Talvez... Mas que interesse é esse que mostras por essa mulher?

— Ora... E' natural. Um homem sempre se interessa por uma mulher bonita. Vi-a esta noite dançando comtigo. Agradou-me. Tem uma belleza sóbria, esquisita. Mas não sabia que tinha idéas tão atrazadas.

— Queres que te apresente?...

— Não, não. Ser-me-ia impossivel dançar com ella sem fazer-lhe propostas e embriagal-a de madrigaes.

— E's terrivel...

— Talvez... Mas só comprehendo a mulher como uma conquista. Em todo caso, si eu permanecesse aqui por mais uns dias, talvez perdesse algum tempo tentando civilizal-a.

— Como?... Chegaste hoje e já tencionas partir tão cedo?...

— Que queres?... Negocios. Eu passo a vida viajando. Sempre me parece melhor a terra alheia do que a minha propria. Com as mulheres a mesma coisa. Sempre acho mais bonita a mulher dos outros...

— E' um perigo.

— Sob que ponto de vista?...

— Sob ambos. Ou te arriscas a ser enganado ou a levar um tiro, e, quando menos, uma valente surra do homem a quem enganas.

— Não concordo. Os maridos actuaes estão civilizados. Não se deixam mais arrastar pela colera nesses dramalhões ridiculos, que quasi sempre acabam na delegacia. Si entrar ao entrar em casa.

contram sobre a mesa um chapéo estranho, ou no cinzeiro cigarros differentes dos que fumam, saem sem fazer bulha e vão acabar a noite no "bungalow" da amante, muito contentes de poder passar uma noitada fóra de casa. Quanto a ser enganado, estou tranquillo.

— Confias em tua mulher, sendo assim como és?...

— Inteiramente. A fidelidade da mulher depende sempre do gráo de indifferença por parte do marido.

— Felizardo!... Nessas condições, eu tambem me casaria.

— E por que não o fazes?...

— Porque não quero tornar-me alvo de commentarios perversos.

— Talvez encontrasses uma mulher como a que tenho: Bonita e honesta.

— Qual!... Mulheres como a tua nascem de seculo em seculo.

— E's demasiado sceptico.

— Não. Prudente, apenas.

— Todo homem prudente em questões de amor é um sceptico.

— Sim. Talvez tenhas razão. Mas eu prefiro continuar celibatario e despreoccupado, a casar-me e viver ás voltas com cartas anonymas.

Calámo-nos. A noite era cada vez mais fria. Apesar dos repetidos calices de licor, eu tiritava. A cidade, em baixo, era um labyrintho de pontos luminosos.

Propuz que entrassemos. Alfredo levantou-se. A' entrada do salão, uma lufada de ar morno, mistura suave de perfumes caros, bateu-nos em cheio no rosto. Paramos no humbral para apreciar os pares que deslizavam suavemente na luz semi-velada de combustores invisiveis. Quando a musica cessou, o salão illuminou-se novamente.

Já me preparava para deixar o Alfredo e ir ao encontro de um amigo, que acabava de entrar no momento, quando notei que a mulher de quem falavamos, instantes antes, se dirigia para nós.

Vi-a vir sem um gesto, magestosa e linda no seu passo calmo e compassado. Sorriu-me cortezmente e dirigiu-se ao Alfredo.

— Onde estavas?... Já desesperava de encontrar-te...

— Na "terrasse", conversando com o Carlos, a quem naturalmente conheces.

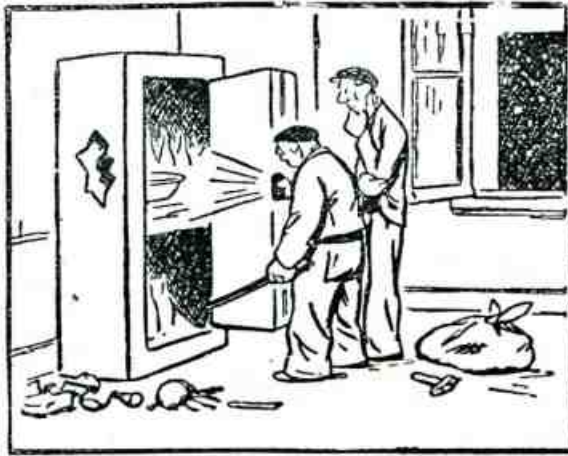
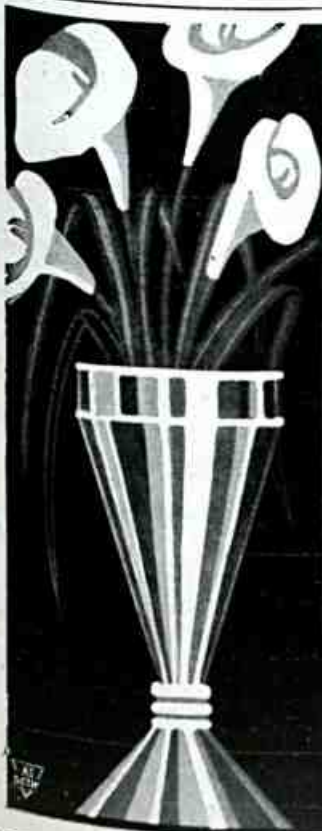
Ella sorriu.

— E' verdade. Dança sempre commigo...

Eu olhava-os attonito. Aquella intimidade entre os dois desconcertava-me. Alfredo comprehendeu.

— Minha esposa — disse, entre ironico e satisfeito.

Depois acrescentou ao meu ouvido com um sorriso perverso a lhe brincar nos labios:

— Desculpa-me pela farça. Mas eu queria somente ter a certeza...

O primeiro ladrão — Nem um real! Não vejo senão uma compoteira e duas garrafas de agua mineral.
O segundo ladrão — Nós nos enganamos, camarada... Arrombamos a geladeira electrica.

OS FILHOS DE EDUARDO

BERTHA, Guilherme e João tinham apenas que atravessar a rua para regressar a sua casa. Moravam numa das mais bellas casas da cidade. No pavimento terreo e no primeiro andar, seu pae tinha installados seus escriptorios. Quando, antes de subir a escada, passaram deante da porta em cujo frontespicio se lia "Banco Bertin", João, que andava pelos sete annos, propoz a seus irmãos que entrassem.

Guilherme, que tinha nove annos, interrogou, com o olhar, Bertha, sua irmã mais velha, que contava onze annos.

— Papae está trabalhando — disse a menina. — Não o interrompamos.

Subiram os tres ao apartamento situado no segundo e ultimo andar. Bertha tomou um livro, Guilherme preparou as bases de um palacio, com as peças de um meccano, e João, que trepára a um divan, pareceu mergulhar em profundas reflexões. De repente, este ultimo disse:

— Como nos divertimos lá em frente!

— E que massas tão ricas! — observou Guilherme.

— A senhora Delplanche é muito amavel commosco — exclamou Bertha, interrompendo sua leitura. — Eu não comprehendo como lhe podem ser agradaveis as nossas frequentes visitas em sua casa.

— Talvez seja por que sabe que nos aborrecemos aqui — opinou Guilherme, um pouco precipitadamente.

— Não deves dizer isso — censurou-lhe Bertha, com ar severo. — Nós somos muito felizes com papae... A senhora Delplanche interessa-se por nós, porque é muito bôa.

— E eu creio — interviu João — que, si a senhora Delplanche nos convida a irmos a sua casa, é porque a diverte nossa presença.

— Tu não sabes o que dizes — falou, desdenhosamente, Bertha, encolhendo os hombros.

— Pelo contrario: sei-o muito bem... Ella brinca todo o tempo commosco. Até inventa brinquedos que ninguém conhece.

— Naturalmente — ironizou Guilherme, — si ella os inventa, ninguem póde conhecel-os...

— Pois minha opinião — disse Bertha — é que a senhora Delplanche gosta muitissimo de todas as crianças...

— Talvez porque ella não as tenha... — fez notar Guilherme.

— Lá isso... é! — exclamou João. — E si nós gostamos tanto de ir a sua casa, é porque já não temos mamãe...

— Temos um pae que nos quer muito e que trabalha para nós — objectou Bertha.

— E' logico! — concordou Guilherme. — Mas trabalha muito. Nunca abandona seu escriptorio. Mal acaba de almoçar, desce outra vez... A' noite, vae para a cama... Não póde brincar commosco... E' muito sério... Entretanto, a senhora Delplanche... Ah! Em sua casa, sim, nós nos divertimos... Além disso, sempre nos beija carinhosamente!

— Pois eu... — declarou João — eu queria estar sempre com papae e com a senhora Delplanche... Com os dois juntos...

— Estás dizendo tolices! — exclamou Bertha. — Não vês que isso é impossivel?

— E por que? — insistiu João, pondo-se em pé sobre o divan. — Si papae se casasse com a senhora Delplanche...

— Oh! Estás louco! ...

Bertha tomou novamente seu livro. Mas quasi em seguida o deixou cahir.

— Antes de tudo — disse a menina — não sei si papae queria e si, por sua vez, a senhora Delplanche... Pensar, porventura, João, que um casamento se faz tão facilmente?...

NOCTURNO...

Lá por fóra, anda a noite quiéta abrindo os braços
De tréva e tulle, pelas ruas da cidade...

Noite insensivel, sob o céo amplo e sereno...
— Que noite linda, sem luar, sobre a cidade!...

Lá por fóra, anda a noite... E cá dentro, o silencio...
O silencio interior de umas coisas desertas...

(Como nas noites sem amor, noites caladas,
Dóem fundo, na gente, as saudades abertas!)

De Aristides Vallejo

— No emtanto, que bom seria para nós!

— Optimo! — concordou Guilherme. — Ah, si pudessemos casar papae com a senhora Delplanche!

— Deve ser muito difficil — observou Bertha. — Realmente, pensando bem, seria um optimo casamento. Mas, em geral, são as pessôas maiores que se occupam dessas coisas...

— Pois eu creio que o mais facil é perguntar a cada um — disse João, convencido.

— Não serei quem se encarregará disso — replicou Bertha. — Mas que idéas tem este menino!... Era preciso encontrar um meio... Pensarei sobre o assumpto...

Poucos dias depois, a um novo convite da senhora Delplanche aos filhos de Eduardo Bertin, este, quando appareceu á hora do almoço, parecia mais preoccupado. Sentou-se á mesa juntamente com Bertha, Guilherme e João, e disse, em seguida:

— Aqui tenho uma carta que acabo de receber da senhora Delplanche.

Desdobrou um papel que tinha na mão, e leu:

"Senhor: devo informar-lhe que, muito a contragosto, já não me será possivel receber seus filhos em minha casa. O senhor comprehenderá, indubitavelmente, a razão que me impede de continuar umas relações incompativeis com a correcção e com minha dignidade. Meus mais attenciosos cumprimentos. — *Joanna Delplanche*."

— Algum de vocês faltou com o respeito á senhora Delplanche? — perguntou Eduardo Bertin, com voz severa.

Os tres meninos guardaram silencio.

— Ninguém responde?

O mutismo prolongou-se.

— Pois bem... Vou pedir explicações á senhora Delplanche.

Levantou-se e sahiu.

Bertha e Guilherme trocaram entre si um olhar de espanto...

Então, João confessou:

— Fui eu quem perguntou á senhora Delplanche si não queria casar-se com papae.

— Estúpido! — exclamou Bertha. — E que te respondeu ella?

— Nada... Ficou séria... carrancuda mesmo... E, então, achei prudente retirar-me.

— E por que fizeste isso? Eu não te havia dito que procuraria um meio... que pensaria sobre o assumpto?...

— Suppuz que assim as coisas se fariam mais depressa...

— Pois podes felicitar-te de teres tido uma idéa esplendida!... Graças a ti, esse casamento nunca se realizará!... E tambem podemos nos despedir das lindas tardes que passavamos em casa da senhora Delplanche!

— E de suas massas... — precisou Guilherme.

— Sem contar o que te espera, quando papae souber e voltar da casa da senhora Delplanche, que lhe dirá tudo, tudo... — vociferou Bertha.

João poz-se a chorar. Mas isso não melhorava as coisas, as quaes, de resto, pareciam prolongar-se. Um longo, um interminavel tempo transcorreu sem que Eduardo Bertin regressasse. Os tres irmãos, com os olhos fixos no relogio da parede, esperavam...

De repente, soou a campainha do telephone. Bertha foi attender. Escutou durante alguns segundos, e seus irmãos a ouviram responder:

— Oh, sim, senhora!... Immediatamente!...

Depoz o phone no apparelho, voltou para junto de Guilherme, e annunciou:

— A senhora Delplanche pede que vamos immediatamente a sua casa, onde se encontra papae. Convida-nos todos para almoçarmos lá... Mas, que coisa estranha!, sua voz era alegre e, no emtanto, parecia que ella chorava...

Eu não penso mais nella... E ella sabe de tudo:
— A historia toda desse grande esquecimento...

E que ella vive — pobre monja! — entre os vitraes
Sem côr, longinquos, do meu pensamento...

Lá por fóra, anda a noite... O luar artificial
Das luzes da cidade... E aqui dentro, este anseio

De relembrar, em vão, tudo aquillo que é morto,
Aquillo de que eu tive o coração tão cheio!...

AMÉRICO DE OLIVEIRA

CAIXA DE SURPREZAS

CURIOSA PROPAGANDA

— A arte da propaganda commercial, entre os norte-americanos, é de uma perfeição que ninguem desconhece. Uma prova, para os que porventura não saibam disto, aqui está:

"Num cemiterio de Nova York lê-se o seguinte epitaphio: "Aqui jaz João Smith, que se suicidou com um revolver de tal marca — que, por sua precisão, é a arma idéal para os suicidas."

O BEIJO... ULTRAJE

— O beijo nem sempre é expressão de respeito, de amor ou de carinho, muito particularmente o beijo-delicia do homem civilizado, que é o beijo na bocca de uma mulher... bonita.

Pelo menos entre os Kabylas da Argelia, segundo contam Hanoteau e Letourneaux, um beijo dado na bocca de uma mulher é o mais grave dos ultrajes que se lhe poderá fazer.

O NOME DE PARIS

— Jean Jacques Rousseau chamou Paris *cidade de lodo e de fumo*. E, cidade de lôdo, era a primeira denominação da capital franceza, porque *Lutetia* (Lutecia) deriva de *luteum*, lama, lôdo.

COISAS DE ANDALUZ

— Corro mais perigo num duelo, de qualquer outro — dizia um sevilhano — porque, como seu todo coração, em qualquer parte que o meu inimigo me toque recebo uma ferida mortal.

UM PENSAMENTO DE CHANAKAYA

— A condição de um rei não é igual á de um sabio. O primeiro é honrado apenas no seu paiz; o segundo, em toda a parte.

OS REPTIS EM CULINARIA

— Para os bons gastronomos das Indias Nurlandezas os ovos de serpente são considerados um esquisito e saboroso manjar, assim como a carne do crocodilo, assada ou apenas fervida...

CORDA DE ENFORCADO

— De accôrdo com a superstição humana, a corda de enforcado proporciona, a quem a possue, saúde, riqueza, felicidade.

Já, na época romana, Plinio falava da corda de enforcado como um talisman de bôa sorte, attribuindo-lhe, tambem, a virtude de calmar as enxaquecas e dores de ouvido.

CURIOSA APHERESE SYLABICA

— O homem é *independente*. Se casa, porém, se torna-se... um *dependente*. Põe-se a gastar para manter a mulher e os filhos e se vê numa verdadeira... *pendente*. Chega a tal extremo que fica sem um *dente*. E, por ultimo, transforma-se num pobre... *ente*.

ANGELUS DA VIDA

EIL-O, ahi vae, sozinho, cabeça branca descambando para o peito, pernas ao léo de um passo tardo e cansado, um cajado na mão, nesse esforço inutil de quem quer prolongar a lentidão agonica desse crepusculo sombrio.

Soam-lhe já aos ouvidos da alma as ultimas badaladas plangentes e longas do Angelus da Vida...

Cem annos! Neve em tudo e em tudo uma solidão sem termo!

Os melhores sonhos, as esperanças mais bellas, tudo a se esbater fugidio na mortecôr do esquecimento, dentro da memoria exhausta, exhauridas as cellulas cerebraes pelo infinito das imagens que se reflectiram, nem mais o consolo de recordar lhe resta agora.

Amor, mocidade, esperança, alegria, tudo, tudo ficou atraz, juncando o caminho percorrido, sem saber onde ficaram sequer os melhores desejos e as realizações melhores, para, estirando medrosas e tremulas as mãos, poder gozar ainda a caricia terna de uma saudade...

E sem essa ansia de uma illusão, esse martyrio de uma esperança, essa tortura de um ideal, de que vale a vida? Ou ella é uma perpetua renovação ou é um anniquilamento tristonho e lento da personalidade.

Antes do momento de nossa plenitude, devemos ser successivamente muitos, na construcção tenaz e serena disso a que chamava Goethe a pyramide da existencia.

Quando esse sublime caracter dynamico de nossa natureza vae fugindo e no mundo interior tudo são sombras ou tranquillidade ou paz, a vida perde a sua significação: triste poeira humana, e o coração soffre essa amargura estranha de um lento cerrar de palpebras de desillusão.

Não é só nas rugas da face, nem nas cãs brancas de neve: a velhice já vae na alma tambem...

* * *

E eil-o, ahi vae, o nosso ancião, um riso descorado na bocca murcha, ao léo do acaso, exilado da alegria e da mocidade, expulso do amor abandonado e viuvo da esperança, ouvindo plangendo dentro n'alma as ultimas badaladas prolongadas e longas do Angelus da Vida!

Alvaro Kilkerry.

SEARA ALHEIA

:: Calumnia e maledicencia

O parallelo entre a calumnia e a maledicencia é classico, o que não quer dizer que seja se carictur, que se não tenha mais que juntar ás formulas officiaes e que nada mais se encontre com que renovar os logares communs. A unica differença que os tartufos fingem distinguir entre a calumnia e a maledicencia é uma definição, e já sabemos o que valem estas.

Suppõe-se, geralmente, que a calumnia mente e inventa e que a maledicencia diz a verdade.

Neste ponto é tão arraigada a opinião geral, que o bom Richelet declarou chamar-se calumnia ás "palavras injuriosas e falsas que se dizem criticando a uma determinada pessoa. — Abel Hermant.

O rastreador

Todos os gaúchos do interior são rastreadores. Nas planuras dilatadas, em que as verêdas e os caminhos se entrecruzam em todas as direcções, e são abertos os campos em que pasce ou transita o gado, é preciso saber seguir as pegádas de um animal e distinguil-as entre milhares; conhecer se vae marchando vagarosa ou ligeiramente; solto ou peado, com carga ou não.

Um dia, sahia eu na encruzilhada de um caminho, numa viagem que fiz. O guia que me conduzia lançou logo o olhar para o solo, como sempre faz.

— Por aqui — disse — passou uma burrinha escura, muito bôa... Pertence á tropa de Don N. Zapata... E' de excellente montada. Vae arreiada. Passou hontem...

Esse homem vinha da Serra de S. Luiz; a tropa regressava de Buenos Aires e fazia um anno que elle havia visto, pela ultima vez, a burrica escura, cujo rastro identificára, apesar de confundido com os de toda uma tropa num caminho de poucos pés de largura.

Mas isso, que parece incrivel, é, no emtanto, vulgar. E o meu peão não era ainda um rastreador de profissão. O verdadeiro rastreador é uma personagem grave, austera, circumspecta, cujas palavras fazem fé nos tribunaes inferiores. A consciencia da sua arte, emprestalhe certa dignidade, discreta e mysteriosa. Todos o tratam com consideração: o pobre, porque elle póde fazer-lhe mal, denunciando-o; o proprietario abastado, porque seu testemunho póde lhe ser util. — D. F. Sarmiento.

O aventureiro sem ventura

Desde a minha infancia sei atar, a meus pés fortes e flexiveis, ossudos e nervosos, a maneira de sandalias, a espera e a paciencia.

A ninguem digo o que espero; a ninguem confio o que soffro. Occulto minha vida verdadeira e minha verdadeira arte até o supremo heroismo e para o livro supremo, e estou certo de que chegarei a essas duas culminancias.

Possuo em mim o sentido terrivel e inebriante da minha segura predestinação para o mais elevado e extraordinario acontecimento, mais além da historia, mais além de qualquer limite conhecido. Sob as minhas violencias, meus excessos, minhas subitas tempestades, minhas ansiedades vertiginosas, reside esta certeza, profunda e imperceptivelmente radicada no meu ser. Não haverá creatura mais voluvel, mais inconstante do que eu; não haverá tambem creatura mais firme, mais quieta, mais tranquilla.

Meus vaidosos interpretes assombram-se e se escandalizam. Eu, porém, quando me estudo a mim proprio, para a revelação do que sou, renovo continuadamente em mim a maravilha da creança e de Deus. — Gabriel D'Annunzio.

A QUE MORREU DE AMOR

O povo é o maior de todos os poetas. Que elle sabe traçar epopéas, dizem que sim. Ha quem affirme que Homero nunca existiu, não passando a "Illiada" e a "Odysséa", de méra codificação dos cantos que andavam dispersos na bocca dos gregos, pelos rhapsodos antigos.

A collecção das sagras ou canções do gênio islandico, em escriptura runica reunidas pelo sacerdote christão Semundo, originou a "Edda", em que sobrevivem os deuses e jotuns do norte. A alma allemã compoz o "Niebelungen" e o choque dos christãos e mouros gerou a "Canção de Rolando", o "Romancero do Cid" e mais innumeraveis cantos populares da peninsula.

E' poder creador que não se exgotta nunca. Depois de inventar poemas, enriquece a hagiographia com as lendas dos santos e vem aureolar de belleza os factos comezinhos dos dias que correm.

Por isto, gosto de tratar com gente simples, quando os meus nervos estão em calma.

Inda hontem, uma preta velha contou-me, com minuciosidade exhaustiva, a historia commovida da que morreu de amor.

Historia commum. Não me lembro onde se passou. Ella era moça, era virgem, era inexperiente, era linda. Amou com ardor e constancia apaixonada a um que partiu e se casou em terra longe. Quando chegou a noticia e um retrato, ella tomou veneno.

Não morreu logo. Penou dois dias com resignação de santa, inda murmurando o nome do ingrato. Depois chamou um padre, confessou-se e:

— Deus perdoou ella, seu moço, — disse a preta velha. — Dois annos depois a cova inda estava desta altura (e mostrava com a mão), sem abater. No tempo secco a gente fincava um ramo qualquer, sem aguar, sem nada — e pegava. Si era roseira, logo ficava cheia de flôr! Ella subiu direitinha para o céo...

Almeida Cousin.

(De — "Cartões a Lílace" — inedito.)

O QUE É PRECISO SABER...

A EXECUÇÃO DE LUIZ XVI

São muitas as versões, tidas como veridicas, sobre os ultimos momentos do que foi o rei dos francezes naquella fatidica época do Terror. Dessas, algumas são francamente tendenciosas, pretendendo demonstrar a attitude de cobardia do infeliz monarcha.

Todos esses relatos, mais ou menos controversos, acabam de ter o mais formal desmentido, com a divulgação de interessante documento authentico, escripto e publicado no "Thermomètre", de Paris, por Sanson, o carrasco de Luiz XVI.

Desse documento historico transcrevemos os seguintes trechos:

"Ao descer da carruagem em que foi transportado para o patibulo, Luiz Capeto (assim lhe chamava o povo) foi avisado de que teria de tirar a casaca. Oppoz algumas difficuldades, observando que bem poderiam executal-o como estava. Sendolhe categoricamente recusada essa concessão, elle proprio ajudou a tirar sua casaca.

Tambem não se conformou muito quando lhe ataram as mãos, que apresentou, depois, calmamente a quem as amarrou, dizendo-lhe que aquelle era o ultimo sacrificio que se lhe exigiria. Perguntou, tambem, nessa occasião, se os tambores continuariam tocando. Foi-lhe dito, então, que não se sabia, para não contrarial-o mais. Mas, os tambores continuaram a soar...

Ao subir para o patibulo fêl-o com firmeza, dando alguns passos mais para a frente, como se pretendesse falar á massa humana agglomerada em torno do palanque do seu supplicio. Observaram-lhe, porém, que tambem isso era impossivel.

Deixou-se conduzir para o logar onde deveria soffrer o martyrio e de onde, bem alto, gritou:

— Povo, morro innocente!

Depois, volvendo-se para os que estavam com elle no patibulo armado:

— Senhores, estou innocente de tudo que me accusam. E desejo, sinceramente, que o meu sangue possa cimentar a felicidade dos francezes.

Foram essas as suas ultimas verdadeiras palavras.

Antes, ao pé do patibulo, apenas se manifestou contra a formalidade de tirar a casaca e dar as mãos a atar, offerecendo-se, tambem, elle proprio, para cortar seus cabellos.

Para fazer honra á verdade, devo accrescentar que sustentou os poucos momentos de conversa com um sangue frio e uma firmeza e dignidade que nos causou verdadeiro assombro.

Estou plenamente convencido de que encontrou toda aquella resignada e serena coragem nos principios da religião, de que ninguem mais do que elle poderia ser tão compenetrado e persuadido."

Deante deste testemunho, insuspeito, do executor daquella barbara sentença do povo, é justo reconhecer que o mallogrado soberano morreu com o valor com que morrem os heroes e os martyres.

O FIM

O romance chegara ao fim; a sua ultima pagina, a sua ultima linha.

Aquella historia que começára tão linda, que parecia não terminar mais e que resumira toda a vida de Ivonne, acabára de uma maneira como nunca ella poderia imaginar.

Volvendo ao passado tão recente, a moça não comprehendia o que acontecera.

Havia chegado a realidade cruciante depois de tanto tempo, depois de um sonho que durára tantos annos. E tudo por que? Por causa da vida. Por causa da vida, que Ivonne esquecera para amar de todo o coração.

Ella julgou ver naquelle affecto o seu destino. Ele-vou-o muito alto e para isso esqueceu o mundo em que vivia. Era como si Hernani fosse a alma que completasse a sua e a Terra apenas o logar em que se fixassem transitoriamente; tudo o mais era secundario.

Para a moça, elle não era igual aos demais seres; tinha algo de differente que ella não sabia comprehender.

Amor semelhante sentira Hernani. Quando se conheceram, a sympathia nasceu reciproca, ao mesmo instante; sentiram-se como si já fosse antiga a amizade. Depois passaram-se os dias, succederam-se as horas romanticas e exaltadas... e, finalmente, viera o fim.

Viera o fim como nunca Ivonne poderia pensar; viera de fórma tola, chamando-a á vida e dizendo-lhe que ella e elle eram creaturas banaes como as outras.

Um grande amor acabára com uma intriga, um sonho se desfizera num pantano.

Durante aquelles annos que transcorreram, momentos de ternura, de commoção tão delicada, que haviam passado, que sublimaram Ivonne.

E como então ella poderia imaginar que aquella historia era como as demais? Que estava sujeita ás leis da vida? Não a comprehendia Hernani tão bem?

Si um fim pensára para aquelle amor, fôra um fim transitorio, fôra a morte.

Quando começára a amar Hernani e não se integralizara ainda naquelle affecto, imaginára um epilogo para elle como fôra o seu principio e nem esse fim a vida lhe reservára.

Nas pequenas historietas que escrevia no seu diario, ella as terminava somente com o casamen-

MOSAICOS

NOVO CALENDARIO

No momento em que a Sociedade das Nações e o governo dos Estados Unidos estudam, cada qual por seu lado, a reforma do calendario (só a Sociedade das Nações já recebeu mais de 1.200 projectos) não é demais dar a conhecer a proposta de um sabio anglo-boliviano, o sr. Mores B. Costtwort.

Em linhas geraes, este propõe simplesmente seja adoptado o calendario dos Incas, descoberto, não ha muito, nas ruinas do templo do Sol, em Tiahuanaco.

O calendario inca não apresenta grandes differenças comparado com o gregoriano, actualmente em uso. Estabelece a divisão do anno em 12 mezes de trinta dias, porém as semanas são de cinco em vez de sete dias, — tendo cada mez, assim, seis semanas.

Para os que gozam das vantagens da "semana ingleza", este, com certeza, será o calendario ideal...

QUANTAS HORAS PRECISAMOS DORMIR...

O professor inglez Donald Lair, depois de pacientes e minuciosos estudos, chegou á conclusão de que o somno, está, realmente, em relação com a idade, obedecendo, porém, á uma escala rigorosa. Assim, diz que, aos vinte e cinco annos de edade, o ser humano deve dormir sete horas e vinte e cinco minutos; aos trinta e cinco annos, sete horas e quarenta e cinco minutos; aos quarenta e cinco, sete horas e cincoenta minutos. Aos cincoenta e cinco annos, deve diminuir o espaço de tempo consagrado ao somno, bastando-lhe sete horas e quarenta e cinco minutos e, aos sessenta, sete horas e quarenta minutos. Já aos oito annos, a escala fórma a subir e será preciso dormir oito horas e dez minutos exactamente, se se quer continuar a viver com o menor numero dos achaques que assaltam a velhice.

EXCESSO DE CORDIALIDADE

Por motivo de uma visita que o rei Oscar, da Suecia, fez a uma das pequenas cidades do seu reino, a população local, para receber condignamente o soberano, engalanou, festivamente, todos os edificios publicos e numerosas residencias particulares.

Entre todos os predios mais faustosamente embandeirados, destacava-se um, cuja decoração era sumptuosa.

Na porta principal do referido edificio, e, meio coberto por centenas de guirlandas de flores entretecidas, lia-se um cartaz, muito expressivo, contendo o seguinte:

— "Bemvindo seja, senhor".

— Que edificio é este? — perguntou o monarca, attrahido pela linda decoração.

— A cadeia publica, majestade — respondeu seu ajudante.

Rindo-se, de muito bôa vontade, disse, então, o rei:

— Levo em justo apreço a saudação; mas, francamente, acho-a excessivamente cordial...

De Walter de Sequeira

to ou a morte, e o verdadeiro epilogo fôra a separação.

Ambos trilhariam agora a vida, indifferentes, procurando distrahir-se com outras creaturas.

Ivonne não perdoaria, não queria mais amar Hernani, depois que o vira acreditar em intrigas, depois que elle a fitára como inimigo. Elle, o seu grande amor!...

A joven recordava-se ainda das tardes de sabbado, em que passeavam juntos, das pequeninas coisas que o enlevavam, um sorriso della, o seu modo de olhar, o dia em que, ao som de uma musica, ella havia lido para elle alguns versos que escrevera e, pouco depois, dançando, elle, hesitante, muito commovido, a apertára de encontro ao coração, como si lhe respondesse assim que comprehendera a inspiração dos versos della e não houvesse palavras bastantes para lhe agradecer tão grande amor...

Tudo, tudo isso chegára ao fim, e de que maneira!...

Que faria ella, dahi por deante? Sentiria outro affecto? Não, nunca mais amaria. Nada poderia igualar aquelle romance. Seria uma louca, brincaria ruidosamente e as outras creaturas occupariam horas apenas em sua existencia.

Aquelle amor lhe levára ao coração, a alma, a propria crença na vida.

Hernani era tudo para ella, e, julgando-o seu destino, sendo elle toda a sua vida, Ivonne nunca pudera comprehender que o rapaz achasse prazer em outras mulheres.

No emtanto, agora outras pessôas havia na existencia delle e na existencia della; pessôas que Ivonne suppuzera secundarias no viver de ambos, mas que existiam tambem e que agora os amavam como elles já se haviam amado.

Vaidosa, do seu affecto, a moça o elevára tão alto e a vida, sarcasticamente, a chamara á realidade, dando um fim banal ao seu romance.

Esquecêra o mundo e as suas traições, para pairar muito além, mas não podia ser assim, porque as creaturas humanas a forçariam a voltar.

Ivonne vivia.... Tinha que continuar a viver...

Agora, chorando, ella escrevia a ultima pagina do seu diario, a ultima pagina que escrevia com o pensamento nelle, baseada naquelle amor.

Era o epilogo.

Pobre Ivonne! Nunca, nunca pensára que fosse assim o fim!

AMIZADE

Gosta Dario Pompilio de Joaninha Myosotis; esta, porém, nunca dá por isso, nem póde dar, porquanto não tem opportunidade de falar um com o outro.

E' Dario Pompilio um typo insinuante; sabe ganhar suavemente a amizade de outrem. Tem de si para si ser o amor o que lhe ha de mais importante na vida.

Joaninha Myosotis é gentilima e de belleza e elegancia e graça e sympathia impressionaveis, faceis de captivar a mais fria, a mais indifferente creatura humana. E' affectuosa, mas de natureza muito calma.

Encontram-se certa vez nas bodas de prata de um casal, amigo de ambos, e conversam muito, não vindo nunca a esfriar a conversação, tida por coisa de pouca importancia no voto dos que a presenciam com desinteresse, mas bem preciosa no juizo de quem se interessa pelo caso.

Deixam tristemente a casa da festa; sabem, porém, disfarçar a tristeza, e jamais se esquecem dos momentos agradaveis á retina, aos ouvidos, ao coração, naquella tarde resplandecente de sol, naquella noite deslumbrante de lampadas electricas multicores e de olhos espirituaes que não fogem das luzes e percebem os pensares...

Ficam bem impressionados um pelo outro. Elle, para ella, tem conversação agradabilissima e é bem sympathico; ella, para elle, conversa com muito proposito e é pessôa que brilha pelos dotes do espirito.

Quando elle, depois e por acaso, encontra os paes de Joaninha, manifesta, com grande apreço, estimar tanto um como outro; motivo pelo qual, quando descobrem elles a razão de ser de tanta estimação, manifestam á filha o desejo imperioso de conseguir que desista ella do eleito do coração.

Por que essa antipathia? Elles proprios não sabem explicar. Porém, não desejam ver a filha casada com aquelle homem. Julgam-no insincero. Quer ser agradavel demais; e não gostam elles de pessôas assim.

Escusa mal esboçada. E' o ciume, o zelo em excesso, a vontade de terem a filha consigo, o estado de incerteza na preferencia dada por ella, o futuro mal previsto... E' talvez pelo facto de não haver Dario Pompilio distinguido mais um que outro, o qual lhe tomaria a defesa... Tudo, tudo, menos antipathia pelo carinhoso cidadão, pois elles, por fim de contas, já dizem ser o mesmo assás sympathico.

Joaninha é precavida, serena, e nada emprehende sinão após madura consideração. Abafa num gemido surdo o grande affecto e não mais corresponde ao amor sincero do outro, aguardando que a Divina Providencia disponha do destino della e pensando que, si tiver de casar com Dario Pompilio, isso já está preestabelecido pela soberana sabedoria de quem tudo póde, de quem sabe tudo, de quem governa todas as coisas.

* * *

Dá-se o facto em Rio Grande do Norte.

Os paes de Joaninha vão para Portugal fixar residencia em Lisbôa, e ella, na qualidade de boa filha, resignadamente os acompanha.

Dario Pompilio veio ao Rio de Janeiro tentar a fortuna. No começo passa vida trabalhosa, quasi caminhando em extrema pobreza, mas, ao correr dos tempos, melhora a situação pecuniaria delle, o estado social, e resolve, por fim, residir definitivamente na terra dos cariocas.

Ignora elle o paradeiro certo da familia della. Ignora ella que tenha elle o domicilio na capital do Brasil.

Um dia, resolve Dario Pompilio ir a Portugal. Em Lisbôa não obtem novas de Joaninha. Sabe vagamente ter a familia morado alli, ou ainda morar, mas é tudo incerto.

HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Explanada do Senado

Serviços de medicina e cirurgia geral, partos e gynecologia, olhos, ouvidos, nariz e garganta, pelle e syphilis, vias urinarias, procthologia, apparelhos e massagens, clinica de crianças, Raios X, diathermia, alta frequencia, ultra-violeta e laboratorio de analyses clinicas.

Quartos de 1.ª e 2.ª classes e enfermarias geraes para indigentes. Attende diariamente grande numero de necessitados. Medico permanente. Ambulatorios abertos das 8 ás 12 horas. Acceita qualquer donativo que lhe auxilie a obra caridosa.

ou se mudára talvez para outra cidade portugueza, para outro paiz europeu, ou andaria em viagem de recreio. Não obtem certeza e torna ao Rio de Janeiro, onde continúa a trabalhar e a prosperar.

* * *

Passam-se os annos. Dario Pompillio já vae encanecendo; vae ficando-lhe o cabello mesclado de branco e preto; mas ainda não pensa em casar. Está rico, installado com certa commodidade: tem a vida plena de gozos; comtudo, algo lhe falta para se julgar relativamente feliz.

Os paes de Joaninha perdem quasi toda a fortuna. Pouco tempo depois perde Joaninha os paes e vem morar no Rio com poucos meios pecuniarios. Nunca ouvira falar em Dario Pompillio. Nunca.

Uma vez, em conversa com uma companheira de pensão, esta lhe fez algumas confidencias e perguntou-lhe si nunca tivera noivo.

Tivera, sim, mas é possivel já não existir elle.

— Onde? — insiste a outra, cheia de curiosidade.

— No Rio Grande do Norte.

— Como se chama?

— Que te adeanta saber?

— Curiosidade apenas...

— Dario Pompillio.

E conta-lhe sua historia.

— Aqui existe um senhor com esse nome... E' homem bem considerado no commercio e frequenta a sociedade carioca.

— Certo não hesito.

— Uma idéa...

— Qual?

— Vou ver si encontro o nome delle no Guia telephonico.

— Vê!

Corre á companheira. Pega o guia telephonico, compulsa-o e volta, sorridente:

— Está aqui. Vamos ao telephone.

— Eu, não.

— Então vou eu.

Attende-a elle proprio.

— Quem fala?

— Dario Pompillio.

— Porém... é elle mesmo?

— Sim, senhora. A's ordens.

— Ainda está solteiro?

— Ainda.

— E' natural de que Estado?

— Rio Grande do Norte. [illegible] Respondendo ás perguntas sem saber quem m'as faz.

— Vae ver como é para seu bem. Lembra-se de Joaninha Myosote?

— Sim. Muito! Por que? E' ella quem me fala?

— Não. Não é ella, mas está aqui a meu lado.

— Entregue-lhe o phone, por amor de Deus! Quero ouvir-lhe a voz!

Leva Joaninha o phone ao ouvido. Não reconhece a fala delle nem elle a della. Lembram factos e, bastante commovidos, ambos se convencem de serem, de facto, os antigos namorados que estão falando ao telephone.

Elle, naquelle mesmo dia, quer vel-a.

Naquelle mesmo dia não é possivel, consoante informa a companheira que vem rematar a entrevista telephonica.

— E por que não ha de ser hoje mesmo? — insiste.

— Por motivos que não vem ao caso dizer...

— De onde me está falando?

— De uma pensão. Vamos fazer uma coisa: póde o senhor marcar o logar onde devemos encontrar-nos. Amanhã, eu e outras amigas acompanharemos Joaninha até a sua presença.

— Está bem. Espero-as á frente da confeitaria Alvear, ás 15 horas em ponto, e peço licença para lhes offerecer um chá.

— Está certo. Levarei uma sombrinha verde á mão direita.

— Está certo. E eu, um ramo de flores.

— Então, até amanhã, senhor Dario!

— Até amanhã, senhorinha!

* * *

No dia seguinte, á hora marcada, lá está Dario Pompillio á espera do ramilhete de figurinhas femininas, que se lhe depararam em seguida.

Adeanta-se a da sombrinha verde:

— Senhor Dario Pompillio...

— Para servir a vossa excellencia...

Apresentações. Bôas impressões. Surpresas. Muita alegria.

Dario Pompillio não reconhece Joaninha. Esta acha aquelle muito differente.

Vão tomar chá. Pede elle licença para visital-a na pensão. Accede ella.

Novo pedido de casamento.

Depois consegue elle que Joaninha vá para a casa da familia de um amigo e coestaduano.

Lá noivam. Lá casam.

Para não lhes fugirem as recordações da juventude, julgam-se felizes e jamais quebrantam as leis da amizade.

OS TRES ESTUDANTES

Foi no anno de 95 que um concurso de circumstancias, em que não necessito deter-me, deu motivo a que eu e Sherlock Holmes fossemos passar algumas semanas em uma das nossas grandes cidades universitarias, e foi durante este prazo de tempo que nos succedeu a aventura, pouco importante mas instructiva, a cuja narração vou proceder. E' obvio que quaesquer pormenores, que não deixariam de auxiliar o leitor a identificar, já o collegio, já o delinquente, seriam poucos judiciosos e até offensivos.

Tão doloroso escândalo, póde pois ser atirado para o esquecimento. Com a discreção devida, porém, o incidente, na essencia, merece ser relatado, visto que concorre para tornar saliente alguns daquelles predicades que tanto distinguem o meu amigo. Na minha narrativa, pois, esforçar-me-ei por evitar toda e qualquer expressão tendente, já a circumscrever os acontecimentos a uma localidade em especial, já a ministrar indícios quanto ás pessôas em questão.

Residíamos por essa época em uns quartos mobiliados, a dois passos da bibliotheca, onde Sherlock Holmes andava procedendo a umas laboriosas investigações em documentos inglezes, de tempos remotos, — investigações que vieram a dar resultados tão notaveis, que podem muito bem constituir assumpto de uma das minhas futuras narrativas. Foi alli que, uma tarde, recebemos a visita de um nosso conhecido, o senhor Hilton Soames, professor e regente do collegio de S. Lucas. Era um sujeito alto, sêcco, nervoso e excitavel, por temperamento. Eu sempre o conhecêra irriquieto, mas nesta occasião, em especial, achava-se em tal estado de invencivel excitação, que era evidente haver-lhe succedido qualquer coisa anormal.

— Ouso esperar, senhor Holmes, que me concederá umas horas do seu valioso tempo. Tivemos um doloroso incidente, lá em S. Lucas, e, realmente, a não se dar o feliz acaso da sua presença nesta cidade, ter-me-ia visto em sério embaraço para saber o que havia de fazer.

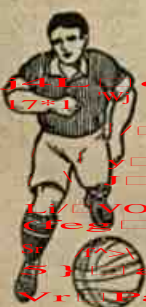
— Ando occupadissimo, actualmente, e não desejo ter coisas que me distraiam — respondeu o meu amigo. Antes quizéra que appellasse para o auxilio da policia.

De modo nenhum, meu caro senhor: semelhante alvitre é de todo impossível. Uma vez invocada a lei, já não ha meio de lhe sustar a acção, e este caso é dos taes, justamente, em que se torna essencialissimo evitar o escandalo. São bem notorios tanto a discreção como os recursos de que dispõe, e o senhor é a única pessôa neste mundo que me póde ajudar. E eu, senhor Holmes, rogo lhe que faça o que puder.

O genio do meu amigo não havia melhorado desde que se vira privado do seu ninho tão habitual de Baker Street. Sem os seus livros de apontamentos a sua chimica e aquelle seu desalinho caseiro, andava sempre aborrecidissimo. Encolheu os hombros, annuindo como por demais; entretanto o nosso visitante, a atropelar as palavras e a gesticular, de excitado, começou a narrar a sua historia.

— Devo explicar-lhe, sr. Holmes, que amanhã principiam os exames para a pensão escolar Fortescue. Sou um dos examinadores da língua grega, e o primeiro ponto consiste em um longo trecho de traducção grega, que não foi visto pelo candidato. O trecho é impresso em papel com o carimbo da escola, e para o candidato representaria singular vantagem poder estudal-o de antemão. Por este motivo ha todo o cuidado em conservar secreto o dito papel. Hoje, ahi pelas tres horas, vieram da imprensa as provas do ponto. O exercicio versa sobre metade de um capitulo de Thucidides. Eu tinha que o ler meticulosamente, pois é claro que o texto deve apresentar absoluta correcção. A's quatro e trinta não tinha eu dado ainda conta da tarefa. Havia-me, porém, compromettido a ir tomar chá em casa de um amigo, de modo que deixei as provas em cima da secretária. Demorei-me pouco mais de uma hora. Não ignora, senhor Holmes, que são duplas as portas lá no collegio — a interna que é um reposteiro de baêta verde e a exterior de carvalho, muito grossa. Ao acercar-me da exterior surprehendeu-me ver a chave na fechadura. A outra chave existente, que eu soubesse, era a que pertencia ao meu criado, o Bannister, que me trata do quarto ha dez annos, e cuja honradez está absolutamente acima de suspeitas. Verifiquei que a chave era a delle, effectivamente, que tinha entrado no meu quarto para saber se eu queria o chá, e por descuido havia deixado ficar a chave na porta quando sahiu. A sua visita ao meu quarto devia ter-se effectuado minutos depois de eu ter sahido. O esquecimento da chave pouca importancia teria, em qualquer outra occasião, mas naquelle dia especialissimo deu legar ás mais deploraveis consequencias. Assim que lancei os olhos para a minha secretária, percebi que alguem tinha remexido os meus papeis. A prova consistia em tres tiras. Eu tinha-as deixado todas juntas. E agora encontrava uma dellas cahida no chão, outra em cima da mesa, ao pé da janella, e a terceira, no sitio onde eu a tinha deixado.

Holmes buliu pela primeira vez.

— A primeira pagina no chão, a segunda na janella, e a terceira no sitio em que o senhor a deixou, disse elle.

(Sherlock Holmes) —— Por Conan Doyle

— Exactamente, senhor Holmes. Mas estou pasmado! Como é que poude saber?

— Por quem é, prosiga com a sua interessantissima historia.

— Eu, a principio, suppuz que o Bannister havia tomado a liberdade imperdoável de examinar os meus papeis. Negou, porém, com a maxima sinceridade, e estou convencido da veracidade da sua asserção. A alternativa, pois, era que alguem, ao passar, teria visto a chave na porta, e, sabendo que eu me achava ausente, tinha entrado com o sentido de lançar a vista pelos meus papeis. Acha-se portanto ameaçada uma avultada quantia, visto que a pensão escolar é importante, e qualquer individuo de poucos escrupulos póde muito bem ter corrido o risco de ser surprehendido com a mira em alcançar vantagens sôbre os seus collegas. O Bannister ficou impressionadissimo com o incidente. Por pouco não perde os sentidos ao verificarmos que haviam andado ás voltas com os papeis. Dei-lhe um gole de aguardente, e para ali o deixei cahido numa cadeira emquanto ia procedendo a minucioso exame no gabinete. Não tardei em confirmar-me de que o intruso tinha deixado outros vestigios além da sua presença e da desarrumação dos papeis. Na mesa contigua á janella havia umas lascas de um lapis que tinham aparado. Via-se-lhe ainda ali o bico partido. Era facto evidente haver o patife copiado o ponto, muito á pressa, partindo o bico ao lapis, e vendo-se na necessidade de o fazer de novo.

— Optimo! commentou Holmes, que ia recobrando o bom humor á proporção que o caso lhe ia captando a attenção. A sorte é sua amiga.

— A coisa não ficou por ahi. Tenho uma mesa nova, de trabalho, com o tampo forrado de marroquim vermelho. Iria jurar, e o Bannister egualmente, que se achava liso de todo e absolutamente intacto. E agora vinha encontrar-lhe um raspão com tres polegadas de comprido — e não uma arranhadura, mas sim um golpe, positivamente. E não só isto, mas em cima da mesa encontrei uma bolinha de massa, preta, ou de barro, com uns salpicos de qualquer cousa parecida com serradura. Estou convencido de que estes vestigios foram deixados pelo individuo que remexeu a papelada. Nem havia signaes de pégadas nem outra qualquer evidencia da sua identidade. Estava perplexo de todo; eis que, de subito, me occorre que o senhor se achava na cidade, e vim direito aqui para entregar o negocio nas suas mãos. Por quem é, ajude-me, senhor Holmes! Bem vê o dilemma em que me acho entalado. Ou tenho que encontrar o sujeito, ou então, adiar o exame até que sejam preparados novos pontos, e desde que isso não se possa effectuar sem dar explicações, o resultado será um escandalo medonho, que virá lançar uma nuvem, não só sobre o collegio, sinão ainda sobre a Universidade. E eu, acima de tudo mais, desejo resolver o caso discretamente e sem barulho.

— Terei muito gosto em me inteirar do assumpto e aconselhal-o até onde puder, declarou Holmes, pondo-se de pé e vestindo o sobretudo. — O caso não é absolutamente destituido de interesse. Veiu alguem visital-o no seu gabinete depois do senhor ter recebido os pontos?

— Veiu: um moço por nome Daulat Ras, estudante indio que habita o mesmo andar. Entrou, a indagar de algumas particularidades respectivas ao exame.

— Para o qual se inscreveu?

— Justamente.

— E os papeis estavam em cima da sua mesa?

— Se a memoria não me falha, creio até que estavam enrolados.

— Mas não deixaria de se conhecer que eram provas?

— E' possivel.

— E ninguem mais entrou do gabinete?

— Não, senhor.

— E haveria alguem que soubesse acharem-se alli as provas?

— Ninguem, a não ser o typographo.

— E esse seu criado, o tal Bannister, sabia-o?

— Com certeza que não. Ninguem o sabia.

— E o Bannister presentemente onde se acha?

— Estava muito mal, coitado! Deixei-o no meu quarto cahido, numa cadeira. Se eu tinha tanta pressa em vir ter com o senhor!

— E deixaria a porta aberta?

— Primeiramente, fechei á chave a papelada.

— O caso resume-se, pois, no seguinte, senhor Soames: a não ser que o tal estudante indio conhecesse que o rôlo continha as provas, o individuo que o desembrulhou achou-as por mero acaso sem saber que se achavam alli.

— Assim me quer parecer.

Holmes sorriu-se, enygmatico.

— Muito bem, disse; vamos até lá. Não é nenhum dos seus casos, Watson, — mental, ou physico. Em summa... venha dahi, se quizer. E agora senhor Soames, estou ao seu dispôr!

* * *

O gabinete do nosso cliente abria por meio de uma janella larga, baixa, de rotulas sobre o vetusto pateo coberto de musgo, do antiquissimo collegio. Uma

(Continúa na pagina seguinte)

porta de verga ogival dava accesso para uma escada de pedra muito gasta. O quarto do professor era no andar terreo. Por cima alojavam-se tres estudantes, um em cada andar.

Vinha cahindo já o crepusculo quando chegamos ao theatro do nosso problema. Holmes parou e poz-se a olhar muito attento para a janella. Acercou-se desta e, alçando-se em pontas de pés, estirou o pescoço e poz-se a observar o quarto.

— Deve ter entrado pela porta. Nem ha outra entrada além desta, affirmou o nosso sapientissimo guia.

— Valha-nos Deus! disse Holmes e sorriu-se de modo singular, olhando de soslaio para o nosso companheiro. Muito bem, visto não haver aqui coisa que nos elucide, acho que melhor é irmos para dentro.

O professor deu volta á chave da porta exterior e empurrou-nos para dentro do seu quarto. Parou á porta emquanto Holmes procedia ao exame da alcatifa.

— Palpita-me que por aqui não haverá vestigios, disse. Nem era de esperar que os houvesse, com um dia tão sêcco. O seu creado, pelos modos, acha-se restabelecido de todo. Diz o senhor que o deixou cahido em uma cadeira; em qual dellas?

— Naquella que está acolá, ao pé da janella.

— Bem vejo. Junto desta banquinha... Agora, já podem entrar. Já vi o que tinha que vêr na alcatifa. Examinemos primeiramente a banquinha. Aquillo que se deu é clarissimo, já se vê. O individuo entrou e pegou nos papeis, folha por folha, de cima da mesa central. Foi com elles á banquinha contigua á janella, visto que dahi podia vel-o ao senhor no acto de atravessar o pateo, e por essa circumstancia, fugir.

— Elle, em rigor, não o podia fazer, contradisse Soames, visto que eu entrei pela porta lateral.

— Hum! Isso é importante! Em summa, seja como fôr, o seu costume era esse. Vamos lá a ver os tres rasgões. Não ha signaes de dedos? — não ha! Muito bem, elle, em primeiro logar pegou nesta prova e copiou-a. Quanto tempo lhe levaria, valendo-se ainda de toda a casta possivel de abreviaturas? Um quarto de hora, no minimo. Depois, atirou-a para o chão, e pegou na immediata. Estava a copial-a quando o seu regresso deu motivo a elle fugir á pressa — muito á pressa visto que nem teve tempo de restabelecer ordem nos papeis, omissão esta que denunciaria ao senhor a circumstancia delle alli haver estado. Não presentiu qualquer tropel de passos na escada no acto de transpôr a porta exterior?

— Que eu me lembre, não senhor.

— Elle, rabiscou com tal agitação que partiu o lapis, e conforme póde observar, teve de o aparar de novo. E' interessante este pormenor, Watson. O lapis não é da especie vulgar. O tamanho era o usual, com o graphite muito brando; o involucro de madeira azul ferrete, com o nome do fabricante estampado em letras prateadas, e o tôco que resta medirá quando muito pollegada e meia. Trate de ver se acha o lapis, senhor Soames, e terá encontrado o individuo. Accrescentarei ainda que dispõe de um canivete, grande, e muito cego, e proporcionar-lhe-á isto um auxilio a mais.

Mister Soames ficou um tanto embatucado com aquelle chorrilho de informações.

— Quanto aos outros pontos, posso eu seguir o seu raciocinio, declarou — mas, realmente, pelo que diz respeito ao comprimento...

Holmes apresentou-lhe uma lasquinha com as letras NN e um espaço de madeira lisa á seguir ás mesmas.

— E agora, vê?

— Nem por isso, e receio, ainda assim mesmo...

— Fiz-lhe sempre uma injustiça, Watson, outros ha como você. Que poderão significar estes dois NN? São o fim de uma palavra. Não ignora que Johann Faber é de todos os nomes de fabricantes o mais commum. Pois não será claro o facto de restar apenas o tôco do lapis que em geral segue a palavra Johann? Ergueu a banquinha, de lado, para a luz electrica. — Eu estava na espectativa de que, no caso do papel em que elle escreveu ser delgado, o bico de lapis deixaria quaesquer vestigios no verniz da mesa. Mas não, não vejo coisa nenhuma. E não me parece que encontremos aqui mais indicios. E agora, vamos ver a mesa central. Esta bolinha, presumo eu, será a tal massa preta, de farinha, ou coisa assim, em que me falou. De feitio toscamente pyramidal, e ôca por dentro, segundo observo. Conforme affirmou, parece apresentar atomos de serradura. Pois, senhores, é interessantissimo. E o golpe — um rasgão, nem mais nem menos pelo que vejo. Principiou por uma tenue arranhadela e acabou em racha esfiapada. Sou-lhe muito obrigado por me haver dirigido a attenção para este caso, senhor Soames. Para onde abre aquella porta?

— Para o meu quarto de cama.

— Já lá esteve depois que se deu a tal aventura?

— Ainda não; fui ter com o senhor directamente.

— Não se me daria de lançar a vista lá por dentro.

— Pois não. Póde entrar.

— Que lindo quarto, de gosto antigo! exclamou Holmes, depois de ter lançado um olhar que abrangeu todo o aposento. Se me fizesse o favor de esperar um nadinha emquanto eu examino o soalho. Nada, não vejo, coisa nenhuma. Esta cortina, para que serve? Ah! sim! Pendura roupas por detraz. Se alguem se visse obrigado a escender-se neste quarto tinha que ser aqui, visto que o leito é muito baixo e o guarda-roupa tem pouco fundo. Não está lá ninguem, supponho eu?

(Continúa no proximo numero)

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barrozo

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 3 - sob. Caixa do correio 1431

Representante na Europa: K. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet. Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill. Londres.

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saude.

Chama-se: "Pilules Galton".

Papada, bochecha, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra. C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centímetros de cintura; alem d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto. »

O Snr. E. B., de Montbard:

« Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notáveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fórma alguma. »

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar: ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. Composição exclusivamente vegetal.

Appr. D. N.S.P. em 26-6 1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phr., 45, Rue de l'Echiquier, Paris-X'

Agente Geral: A. de COURNAND

118, Rua da Alfandega, Rio de Janeiro. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

AGUA do REGIMEN dos

ARTHRITICOS

Gottosos - Rheumaticos - Diabeticos

ÁS REFEIÇÕES

VICHY CELESTINS

Elimina o ACIDO URICO.

A MAIOR FORTUNA DO MUNDO...

SAÚDE

Della depende toda a felicidade na terra, mas sem ella — quão triste é a vida?... Todos têm uma obrigação contrahida para comsigo mesmo, sua familia e seus entes queridos: velar pela saúde.

KOLA CARDINETTE é actualmente o mais poderoso tonico do corpo humano. Devido á sua feliz composição, KOLA CARDINETTE enriquece o sangue, fortifica os musculos, regulariza o funccionamento organico e acalma os nervos.

KOLA CARDINETTE é o tonico que os medicos mais receitam para os casos de Debilidade physica e nervosa — neurasthenia — dispepsia atonica, etc.

A venda em todas as bôas pharmacias e drogarias.

Kola Cardinette

UNICOS CONCESSIONARIOS:

Rio PAUL J. CHRISTOPH COMPANY S. Paulo